CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
CELSO SUCKOW DA FONSECA – CEFET/RJ

DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E ENSINO
2016

Filosofia e Ensino através de personagens de literatura: um estudo de valores a partir de um catálogo de personagens

Rafael Alvarenga Gomes

Rio de Janeiro
Agosto de 2016

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA – CEFET/RJ

DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E ENSINO
2016

FILOSOFIA E ENSINO ATRAVÉS DE PERSONAGENS DE LITERATURA: UM ESTUDO DE VALORES A PARTIR DE UM CATÁLOGO DE PERSONAGENS

Rafael Alvarenga Gomes

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Ms. Luis César Fernandes de Oliveira

Rio de Janeiro
Agosto de 2016

FILOSOFIA E ENSINO ATRAVÉS DE PERSONAGENS DE LITERATURA: UM ESTUDO DE VALORES A PARTIR DE UM CATÁLOGO DE PERSONAGENS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Rafael Alvarenga Gomes

Banca Examinadora:

_____
Presidente, Professor: Ms. Luis César Fernandes de Oliveira (CEFET/RJ) (Orientador)

_____
Professor: Dr. Maurício Castanheira (CEFET/RJ)

_____
Professor: Dr. Felipe Gonçalves Pinto (CEFET/RJ)

_____
Professora: Dra. Maria Helena Lisboa da Cunha (UERJ)

Rio de Janeiro
Agosto de 2016

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

G633 Gomes, Rafael Alvarenga
Filosofia e ensino através de personagens de literatura : um estudo de valores a partir de um catálogo de personagens / Rafael Alvarenga Gomes.—2016.
100f. + apêndice ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2016.
Bibliografia : f. 98-100
Orientador : Luis César Fernandes de Oliveira

1. Filosofia - Estudo e ensino. 2. Literatura. 3. Crítica. 4. Literatura e moral. I. Oliveira, Luis César Fernandes de (Orient.). II. Título.

CDD 107

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Candida Pires Timotheo da Costa que durante esses anos de convivência sempre se esforçou, alargando alguma margem, para que minhas loucuras tivessem vasão.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Luis César Fernandes de Oliveira pela liberdade.

Ao professor Maurício Castanheira pelas provocações, empurrões e perguntas.

Ao professor Felipe Gonçalves Pinto pela atenção dedicada às primeiras reflexões acerca dessa pesquisa.

A professora Maria Helena Lisboa da Cunha pela leitura atenta no capítulo II.2 e pelas contribuições que permitiram questionamentos e reflexões importantes ao longo da Dissertação.

A minha companheira Candida pelas caronas até a rodoviária nas madrugadas de quinta-feira, sem as quais esse trabalho não teria saído de um questionamento dentro das salas de aula.

Ao amigo de lutas, resistências e sorrisos Wesley Damásio Siqueira.

A todos os amigos que ajudaram lendo e buscando entender esse texto.

Aos amigos de longa data Daniela Ivo e Noob João da Cruz, pela dedicação com a qual revisaram esse texto.

Aos estudantes das turmas de terceiro ano do Colégio Estadual Pedro Braile Neto.

EPÍGRAFE

Aurora

O poeta ia bêbado no bonde.
O dia nascia atrás dos quintais.
As pensões alegres dormiam tristíssimas.
As casas também iam bêbadas.

Tudo era irreparável.
Ninguém sabia que o mundo ia acabar
(apenas uma criança percebeu mas ficou calada),
que o mundo ia acabar às 7 e 45.
Últimos pensamentos! últimos telegramas!
José, que colocava pronomes,
Helena, que amava os homens,
Sebastião, que se arruinava,
Artur, que não dizia nada,
embarcam para a eternidade.

O poeta está bêbedo, mas
escuta um apelo na aurora:
Vamos todos dançar
entre o bonde e a árvore?

Entre o bonde e a árvore
dançai, meus irmãos!
Embora sem música
dançai, meus irmãos!
Os filhos estão nascendo
com tamanha espontaneidade.
Como é maravilhoso o amor
(o amor e outros produtos).
Dançai, meus irmãos!
A morte virá depois
como um sacramento.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

FILOSOFIA E ENSINO ATRAVÉS DE PERSONAGENS DE LITERATURA: UM ESTUDO DE VALORES A PARTIR DE UM CATÁLOGO DE PERSONAGENS

Rafael Alvarenga Gomes

Orientador: Ms. Luis César Fernandes de Oliveira

Resumo da dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

Este trabalho tem como objetivo a construção de um catálogo de personagens. Nesse sentido, investigou se através de personagens de literatura temas filosóficos são apresentados aos estudantes de nível médio de modo a provocá-los para uma discussão filosófica. Neste sentido, toma como referência teórica, o conceito de moral através da obra de Nietzsche, mais especificamente a partir *de A Genealogia da Moral,* de 1887. Assim, usando o método genealógico buscou-se refletir sobre como personagens se relacionam com a crítica ao valor dos valores morais desenvolvida por Nietzsche. Para tanto foi escolhido, entre eles, *Simão Bacamarte* do conto *O Alienista* de Machado de Assis, de 1882, a fim de viabilizar a experiência prática com duas turmas de nível médio do Colégio Estadual Pedro Braile Neto em Resende/RJ. Nestas atividades o personagem machadiano foi usado para que se explanasse a crítica ao valor dos valores morais empreendida por Nietzsche, além de conceitos como Transvaloração de todos os valores, moral do senhor e do escravo e conservação da espécie. Ao longo das observações feitas nesta prática uma pergunta, que perpassa essa Dissertação, buscou resposta: será que *Simão Bacamarte* - e outros-, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos? Sobre isso os resultados apresentaram o descontrole de respostas sinceras, que por vezes fugiram das expectativas. Por fim, como resultado desta caminhada, produziu-se, a título de material didático, um catálogo de personagens. Trabalho apresentado virtualmente, em forma de blog e também impresso, no qual personagens são sugestivamente associados a temas e autores de filosofia. O catálogo se pretende como alternativa para o ensino de filosofia. Através dele professores e estudantes terão um canal aberto para sugerir e criticar relações, bem como a possibilidade de perguntar e responder filosoficamente usando a literatura.

Palavras-chave: Moral; Personagens de Literatura; Crítica.

Rio de Janeiro
Agosto de 2016

ABSTRACT

PHILOSOPHY AND TEACHING THROUGH CHARACTERS OF LITERATURE: A STUDY OF VALUES FROM A CATALOG OF CHARACTERS

Rafael Alvarenga Gomes

Advisor: Ms. Luis César Fernandes de Oliveira

Abstract of dissertation submitted to the Post Graduate Program in Philosophy and Teaching, Federal Education Center Celso Suckow da Fonseca CEFET/RJ, as part of the necessary requirements to obtain Master's Degree in Philosophy.

This work aims to investigate if through literature characters philosophical themes are presented to high school students in order to attract them to a philosophical discussion. In this sense, it takes as theoretical reference, the concept of moral through the work of Nietzsche, more specifically from *Genealogy of Moral*, 1887. Thus, using the genealogic method, we sought to reflect how a character relates to the criticism on the values of moral values, developed by Nietzsche. Therefore, we chose "O Alienista" by Machado de Assis, from tale of 1882, to enable a practical experience with two classes from Pedro Braile Neto State High School in Resende/RJ. In these activities, the machadianian character was used to explain the criticism on the values of moral values undertaken by Nietzsche, besides the concepts such as Transvaluation of all values, moral of master and slave and conservation of species. Along the observations made during this practice, one question, that permeates this dissertation, sought answer. It is: are literature characters philosophically provocative? About this, the results showed the lack of sincere answers, which in turn fled the expectations. Lastly, as a result of this walk, we produced, as a courseware, a catalog of characters. This work is presented virtually, as a blog, where characters are suggestively associated to themes and authors of philosophy. The catalog is intended as an alternative to the teaching of philosophy. Through it, teachers and students have an open channel to suggest and criticize relationships, as well as the possibility of asking and answering in a philosophical way, using literature.

Keywords: Moral; Literature Characters; Criticism.

Sumário

Introdução.....1

Objetivo geral.....3

Objetivos específicos.....4

Metodologia.....4

Justificativa.....5

Estrutura do trabalho.....7

Capítulo I - A moral do personagem ou o personagem moral?.....8

I.1 - Uma batalha contra o valor dos valores morais: Os instintos e a moralidade.....9

I.2 - O método Genealógico.....14

I.3 - As duas concepções de moral anunciadas por Nietzsche.....27

I.4 - Uma concepção de moral e um método para refletir sobre um personagem.....38

Capítulo II - A crítica nietzschiana a moral explanada pelo estetoscópio de *Simão Bacamarte* de Machado de Assis.....48

II.1 – Considerações iniciais.....49

II.2 – Nietzsche e Machado de Assis: O filósofo e o escritor em um única época.....50

II. 3 – A crítica nietzschiana e o personagem Simão Bacamarte.....58

Capítulo III – Prática em sala de aula.....63

III.1- Espanto e dificuldades na trajetória de um professor de filosofia.....64

III.2 - Contribuições do Mestrado em Filosofia e Ensino do CEFET-Rio.....74

III.3 – As atividades práticas com o personagem Simão Bacamarte.....78

III. 4 – Produção de material didático, Filosofia e Ensino.....89

Consideração final.....95

Referências Bibliográficas.....97

APÊNDICE A – Quadro de análise do personagem.....100

APÊNDICE B - Relatório avaliativo de filosofia – 3º Bimestre.....101

Introdução

A segunda metade do século XIX é a época que serve de base para o presente trabalho acadêmico. Nesse período viveram Nietzsche e Machado de Assis. Não se sabe se estiveram lado a lado a ponto de terem se tocado; a ponto de um ter-se admirado com as ideias do outro. Em todo caso, esta pesquisa procurou desenvolver-se tendo como centro uma aproximação entre o ensino de filosofia e os personagens de literatura e, assim, muito se apoiou na produção filosófica de Nietzsche e na criação literária de Machado de Assis.

Ambos, neste trabalho, são aproximados pelo tom provocativo, afiado, irônico e indelicado que tanto se encontra nos legados deixados por suas obras, quanto é ainda alinhavado com o intuito de responder à pergunta: será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos? Caso os dois não se tenham conhecido, isso não é motivo para um ponto final e tampouco para folhas em branco, no que diz respeito à pesquisa, porque eles chamam a atenção para os problemas do seu tempo, para suas sociedades e, principalmente, para os valores que as erguiam cheias de confiança. Isso tamanha as dimensões de situações como uma Alemanha em processo de unificação guiada pelo forte braço prussiano, vivenciada por Nietzsche, e o escravismo da sociedade brasileira, no seio da qual Machado de Assis – um mulato pobre - passou boa parte de sua vida.

Nestes dois contextos contemporâneos, porém com especificidades políticas e econômicas próprias, Nietzsche, a seu modo, esteve em busca de perguntar de forma tenaz qual seria o valor dos valores morais (NIETZSCHE, 2007, p.18). Desejava, através disso, saber a que ou a quem interessava que houvesse uma ordem das coisas que estabelecesse a razão enquanto luz, enquanto verdade, beleza e virtude. Querendo saber por qual razão o lobo deve ser condenado como mau se sua natureza e seu apetite agem naturalmente perante o cordeirinho, perante a mansidão.

Nietzsche queria saber a quem interessava a correção postural que se desejava impor ao lobo, o qual, caso não se curvasse às ordens, sofreria a dura sansão dos castigos dos homens, imputando-lhe assim a responsabilidade e a culpa necessárias à criação do ressentimento (NIETZSCHE, 2007, p.34). Então, os castigos e os desejos eram humanos, e nessa rota também o seriam os interesses por trás dos valores. Os interesses quanto ao assentamento de uma moral eterna, porque

supostamente verdadeira, teria a função de manter o poder em um único lugar: em mãos jamais cambiantes. Que função teria, senão a de suprimir todas as outras possíveis morais, para desse modo fazer-se infinita e soberana, ganhando consequentemente o sobrenome de única, infalível e incorrigível? Sobre isso declara Giacoia:

> [...] sob o domínio da moral, ocorre que toda moral historicamente existente subsiste apenas como uma determinada perspectiva de interpretação do mundo e da vida, portanto – na medida em que se afirma como exigência infinita -, como *tirania*, como violência imposta contra toda possibilidade de que possa haver outras, várias morais. (GIACOIA, 2012, p. 256).

É contra o reinado de uma única e infinita moral que Nietzsche empreenderá golpes duros. Tarefa, inclusive, que permeará sua obra, como uma flecha incansável rumo ao alvo que, embora busque se camuflar sob o manto de uma verdade sagrada, não conseguiu escapar ao olhar atento e vigilante do filósofo. Uma moral é o reflexo de um tempo, é fruto de um poder temporário, feito na terra por homens em constante embate, homens nascidos e mortos que, como o *devir*, fluem incessantemente.

Filosofar com o martelo é o que Nietzsche pretende, pois sua fúria não terá misericórdia. Se tiver, perderá a guerra, já que o combate se abre francamente contra os valores proclamados por Sócrates e Platão na Grécia antiga. Nietzsche briga contra o homem socrático que busca, sob orientação de seu mestre, abandonar seus instintos primitivos em detrimento de sua razão justificada, pondo na esteira do erro tudo aquilo que não se pode sustentar através da argumentação racional. Estabelecia-se aí um ponto de verdade, um valor:

> Essa é a mais pertinaz ambição filosófica de Nietzsche – revirar Platão pelo avesso -, pois, para Nietzsche, Platão é o verdadeiro demiurgo do ocidente, e o cristianismo não passaria de um platonismo vulgarizado [...]. Em Platão, com sua entronização metafísica da crença na razão pura e no bem em si, encontra-se a raiz última do ressentimento contra o mundo, o tempo, a finitude e a morte. (GIACOIA, 2012, p.172).

Platão, segundo Nietzsche, renegou os sentidos, os prazeres, o mundo e, principal e perigosamente, a vida. Quis um mundo acima desse, onde as formas perfeitas pairassem inacessíveis. Quis que tudo o que nos rodeia fosse relegado a cópias e, ainda mais dolorosamente, que a arte fosse relegada à frieza do inautêntico, porque cópia da cópia (GIACOIA, 2012, p. 173). Nietzsche não admite que se negue o

mundo, porque assim se nega a própria vida e os instintos naturais são freados, enclausurados, sufocados, dentro dos homens.

No século XIX, Nietzsche se depara com o cristianismo em forte dispersão pela Europa (GIACOIA, 2012, p. 256), e vê nesse processo o seu inimigo crescer e dominar sem precedentes através de valores demarcados pelo erro, pela culpa e pelo perdão. Desse modo, Nietzsche encontra seus oponentes e produz uma obra disposta a gritar pela transvaloração de todos os valores. Uma briga marcada pelo não absolutismo de valores como verdades eternas, como morais cuja era não mais teria fim.

Empenhado por uma transvaloração o filósofo fala em superação do homem. Entretanto, nesse caso, se dirige a alguém que não se esforce por uma reformulação da moral, como acontece com os monges ascetas ao fugirem para o deserto em busca de uma moral elevada, distante daquela escrita pelos outros homens. Mas, antes disso, é necessário que haja um tremor de terra nos valores, para que sejam invertidos de modo que o instinto, a natureza e a animalidade sejam associados a algo saudável, positivo. Ou seja, aceitos, bem aceitos e não mais associados à má-consciência (NIETZSCHE, 2007, p. 91).

Objetivo geral

Apresentar um catálogo de personagens a partir de uma investigação envolvendo *Simão Bacamarte*, enquanto personagem de literatura no conto *O Alienista* de Machado de Assis, e o conceito de moral na filosofia de Nietzsche.

A proposta de criação de um catálogo de personagens surgiu de experiências de aula com estudantes do ensino médio. Durante esses momentos quando o professor utilizava personagens para discutir sobre temas filosóficos as aulas ganhavam com a participação e o interesse mais efetivo das turmas. Dessas observações foi ganhando forma a ideia de montar um catálogo de personagens com sugestões de temas, aulas e discussões que provocassem filosoficamente os jovens.

Objetivos específicos

Apresentar o método genealógico.

Explanar a crítica ao valor dos valores morais empreendida por Nietzsche.

Conceitualizar moral do senhor e moral do escravo na filosofia de Nietzsche.

Relacionar a crítica nietzschiana à moralidade e o personagem *Simão Bacamarte* de Machado de Assis.

Registrar o resultado das atividades práticas desenvolvidas com duas turmas de ensino médio, ao longo do desdobramento desta pesquisa.

Metodologia

A genealogia é a maneira através da qual Nietzsche procede e esse é o método usado nesta Dissertação. Através dele tanto um personagem de literatura, quanto os valores que o envolvem e as reações e relações que se estabelecem em torno dele foram recebidas de forma atenta. Através da genealogia a pesquisa investigou a formação de um personagem e o valor que ele difunde. Entendendo, para tanto, que erros e negações, brigas e dominações formam a história de um valor e por isso não podem ser descartados.

Sob essa orientação metodológica, duas turmas de 3º ano do ensino médio participaram de atividades práticas e teóricas orientadas pelo professor, ao longo dos 3º e 4º bimestres letivos do ano de 2015, no colégio estadual Pedro Braile Neto, no município de Resende-RJ. Nessas atividades buscou-se saber se através do personagem *Simão Bacamarte*, de Machado de Assis, os alunos seriam provocados a se manifestar em discussões filosóficas em torno da crítica empreendida por Nietzsche ao valor dos valores morais.

Também foi feita uma atividade com estudantes do 1º período do curso de graduação em Administração do CEFET/RJ, então inscritos na disciplina de Filosofia. Nela os estudantes deveriam acessar o catálogo de personagens, através de seu endereço eletrônico na internet[1], e a partir disso escolher um dos personagens oferecidos pelo catálogo para produzir um texto onde explicassem sua opção e o relacionassem aos temas discutidos pela disciplina.

Justificativa

Aqui, *Simão Bacamarte*, personagem de Machado de Assis, tem lugar de destaque já que a pesquisa se desenrolou e produziu um catálogo de personagens enquanto proposta de material didático. Pois para responder se personagens de literatura, de modo geral, são filosoficamente provocativos, era necessário que o trabalho partisse de um personagem com intuito de oferecer os primeiros resultados.

[1] http://catalogodepersonagens.blogspot.com.br/

De forma que houve então um destaque do personagem machadiano, tanto quanto na pesquisa teórica quanto na prática em sala de aula. Nesse sentido, a pergunta central desta Dissertação, para a qual se apresenta uma resposta ao final, é: será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos?

O universo dos personagens de literatura é vasto e por isso se chegou à necessidade de investigação de um personagem específico, para associá-lo a uma questão filosófica e testá-lo sob o crivo de tempo e espaço, tanto de uma Dissertação de Mestrado quanto do período letivo que dois bimestres escolares espremem.

A escolha do conto *O Alienista* de Machado de Assis e do personagem *Simão Bacamarte* não se deu por acaso. A justificativa está no contexto da narrativa implicar uma reflexão acerca dos limites que separam a loucura e a sanidade, remetendo o leitor às fronteiras que buscam igualmente apartar o certo do errado, o verdadeiro do falso, o belo do feio e, assim, Machado de Assis sugere um questionamento que sobrevive dentro de um terreno moral, uma vez que pensa sobre limites, comportamentos e modos de ser e agir. Juntou-se a isso o fato dos jovens, como aqueles com idade para frequentar o ensino médio, não raro terem diante de si um questionamento sobre uma postura, uma roupa, um cabelo, uma música preferida, o modo de ser e de se expressar escolhido; enfim, um estilo considerado por vezes fora dos padrões e, por isso, anormal.

Assim, para o professor discutir sobre normalidade, loucura e comportamento com jovens era uma ótima oportunidade, pois as problemáticas e reviravoltas apresentadas pelo conto machadiano pareciam suficientemente provocativas e convidativas para um debate filosófico envolvendo Nietzsche e sua crítica ao valor dos valores morais.

Entretanto, o processo revelou também inúmeras dificuldades; desinteresse e apatia não faltaram. Reações adversas entre turmas e estudantes diferentes abriram os horizontes da pesquisa, alertando quanto ao perigo de buscar uma fórmula única, verdadeira e absoluta para trabalhar com sucesso questões filosóficas com os jovens, sinalizando sobre o perigo de erguer definições, avaliações e métodos com a presunção da validez universal. De modo que aquilo que para o professor era, inicialmente, um tiro na mosca, revelou-se falho em momentos imprevisíveis. A sala de aula é mais viva que o método e a teoria, mesmo quando aplicados e, sobretudo, uma

teoria que na prática se pretenda revelar como eficaz é uma das tantas perspectivas possíveis. Dessa maneira, a perspectiva genealógica adotada foi a lente através da qual se pode observar a filosofia e o ensino como objeto a ser estudado (ROCHA, 2004, p.3).

Na teoria, Nietzsche e Machado de Assis cabem dentro de uma aula. Ao médico alienista *Simão Bacamarte* cabem perguntas como: ele é um personagem moral? No sentido de defensor dos valores morais de seu tempo, ou não? Ao propor uma reformulação nos critérios definidores da loucura e da sanidade, ele reformula a moral? Ou, ao buscar um novo e diferente padrão moral para estabelecer e julgar o lugar tanto da loucura quanto da sanidade, ele se propõe a transvalorar valores? Será que o médico chega a mexer na casa de marimbondos que é a base – o valor – sobre a qual se erguem os valores morais? Ou nele se desenha o símbolo do homem ressentido, sempre apegado ao passado que não consegue alterar?

Resta saber se a transvaloração proposta por Nietzsche é uma reviravolta (no sentido de uma inversão) da moralidade dominante em seu tempo, a saber, o cristianismo do século XIX, também denominado o "platonismo para o povo" (NIETZSCHE, 2010, p. 61). Mas o que o conto machadiano oferece ao leitor é a ambição estranguladora do médico *Simão Bacamarte* por encontrar as bases sólidas sobre as quais possa erguer seu eterno e incorrigível edifício moral. Se dessa forma o conto e o personagem forem interpretados, há ali a tentativa de estabelecimento de uma nova e, sobretudo, mais correta e verdadeira tábua de moral. Nesse sentido, o *Simão Bacamarte* se afastaria do que fora defendido por Nietzsche, ora, a existência de morais que se suprimiriam umas às outras e inclusive a si mesmas (NIETZSCHE, 2007, p. 141).

Resulta desse processo uma resposta sincera sobre a pergunta anunciada, bem como a construção de um blog que funcione como catálogo virtual de personagens associados a temas de filosofia. A proposta é um canal aberto a professores e alunos interessados em sugerir, comentar e discordar das associações recomendadas entre personagens de literatura e temas para debate filosófico.

Estrutura do trabalho

Esta Dissertação está dividida em uma Introdução e três capítulos, além da consideração final, referências bibliográficas e apêndices A e B. No capítulo I, intitulado *A moral do personagem ou o personagem moral?* é apresentado o

referencial teórico que orienta esta pesquisa. E em suas subdivisões são encontradas questões como a confrontação entre os instintos e a moralidade; o método genealógico que é usado por essa pesquisa; as duas concepções de moral apresentadas por Nietzsche (moral do senhor e moral do escravo), além das primeiras considerações acerca do estudo que relaciona personagens e a difusão de uma moral.

No segundo capítulo intitulado *A crítica nietzschiana a moral explanada pelo estetoscópio de Simão Bacamarte de Machado de Assis*, o personagem do conto *O Alienista*, é destacado de modo a dar subsídios teóricos para a resposta dada a questão: Será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos? Para tanto, o capítulo apresenta a segunda metade do século XIX como a época de Nietzsche e de Machado de Assis, além de ligações sugeridas entre as ideias filosóficas do primeiro e a literatura do segundo. Desse modo, desenvolve-se a questão de *Simão Bacamarte* ser ou não ser um personagem moralista; de transvalorar ou não os valores de sua época.

Já o terceiro e último capítulo *Prática em sala de aula* contempla, inicialmente, a trajetória deste mestrando enquanto professor de filosofia do ensino básico. Um relato que abrange inquietações e experiências didáticas diferenciadas além de demonstrar como estruturas institucionais díspares afetam positiva ou negativamente o trabalho do professor. Nele também é apresentado como surgiram as ideias de trabalhar com personagens em aulas de filosofia, além de relatos sobre as atividades desenvolvidas durante o segundo semestre do ano de 2015 com duas turmas de 3º ano do ensino médio envolvendo *Simão Bacamarte* e a crítica à moralidade contida na filosofia de Nietzsche.

Como resultado dessa estrutura apresenta-se uma resposta que reflete o resultado da experiência com os estudantes envolvendo a filosofia de Nietzsche e o personagem de Machado de Assis.

Capítulo I - A moral do personagem ou o personagem moral?

A pergunta que intitula esse capítulo inicial não tem a pretensão de oferecer, no transcorrer dos parágrafos que se darão, uma resposta padrão, determinada pela verdade. É essa pergunta, ao menos primeiramente, o que instiga a investigação que envolve personagens de literatura e a moral, dentro da perspectiva desenvolvida pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900).

Nesse sentido, a pesquisa buscará apresentar as bases teóricas e o método genealógico que interessam para a realização da investigação. Ademais, um processo com o intuito de remexer a maneira como um personagem de literatura se estabelece e se relaciona com o valor dos valores morais. Para tanto, estará em vista aqui, a perspectiva genealógica de Nietzsche e a admissão de que se há uma perspectiva isso decorre, necessariamente, de um olhar. A relação entre personagens de literatura e filosofia não derrama sobre o sujeito uma verdade suprassensível, *a priori*. Sua verdade é, pois, fruto de uma relação interpretada por um olhar, por uma dentre tantas outras perspectivas (ROCHA, 2004, p. 4).

A partir de tais afazeres baterá à porta de cada página um desejo de responder – talvez julgar – se esse ou aquele é ou não um personagem moral; bem como em saber qual a moral desse ou daquele personagem, o que supõe que para a investigação, a partir do arcabouço teórico que a orienta, um personagem conjetura um valor moral. Mas as respostas necessitam de ainda maior dose de cautela, uma vez que estão sujeitas a serem dadas a partir da moralidade que faz de um sujeito um moralista (e neste trabalho não se pretende que o sujeito moralista se identifique na figura do próprio autor), ainda que ignorante de sua própria condição.

Inicialmente, diversos personagens serão citados em razão da rotineira aparição em que se apresentam nos meios de comunicação para, logo após, fazer-se o recorte que anunciará *Simão Bacamarte*, personagem do conto *O Alienista* e um dos personagens componentes do catálogo que será construído como produto didático, produzido a partir do desenrolar teórico e prático dessa Dissertação. Destacado o personagem machadiano, ficará em plena evidência a pergunta que a Dissertação propõe ao final dar resposta: será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos?

I.1 - Uma batalha contra o valor dos valores morais: Os instintos e a moralidade.

Tomadas como trombetas, as ideias do filósofo alemão Friedrich Nietzsche anunciam, com uma sonoridade estridente e indelével, que os conceitos morais baseados em uma renúncia dos instintos vitais são como que insalubres aos homens (NIETZSCHE, 2009, p. 52). Todavia, que doença gangrenaria, que estado cancerígeno de descontrolado grau é produzido pela moral que direciona as ações dos homens? Que consequências para a vida, para a saúde, para o corpo, para os instintos, transbordam de uma devoção cega por receitas morais aplicadas por sujeitos confiáveis? Afinal, a que tipos de danos refere-se o filósofo?

As palavras de Nietzsche explodem o conforto artificial produzido entre os sujeitos e a moralidade aceita como verdade absoluta. Posto que ao negar toda metafísica ele nega também a possibilidade de os valores morais terem uma raiz ancestral e sagrada fincada no seio de uma antiguidade remota (NIETZSCHE, 2009, p. 41). O incômodo causado por essa filosofia crítica é ainda mais pungente em razão dela ser feita à base de duras marteladas causadoras, por sua vez, de ruidosas rachaduras sobre bases tão importantes para o modo de vida moderno – nesse caso baseado em valores e ideais morais. É o que Nietzsche troveja na seguinte passagem:

> Por que tão frágeis, tão maleáveis e submissos? Por que há tanta negação, tanto desprendimento em vossos corações? Tão pouco destino em vosso olhar?
> [...]
> E se vossa dureza não deseja reluzir, cortar e recortar: como podereis um dia comigo - criar?
> Pois são duros todos os criadores. E tem de vos parecer uma bem-aventurança imprimir sua mão sobre milênios como se fossem cera – uma bem-aventurança escrever sobre a vontade de milênios como se fossem bronze – mais duros do que o bronze, mais nobres do que o bronze. Só o mais nobre é totalmente duro.
> Esta nova tabua, ó meus irmãos, imponho a vós: tornai-vos duros! (NIETZSCHE, 2009, p.145).

A dureza à qual Nietzsche se refere, diz respeito a uma atitude de insubordinação frente aos valores morais, sendo a fragilidade ligada ao dócil posicionamento de aceitação das tábuas de mandamentos para um modelo de vida gregário. É o que diz o filósofo na seguinte passagem: “[...] a moralidade não é outra coisa (portanto, antes de tudo, nada mais) senão a obediência aos costumes [...]” (NIETZSCHE, 2013, p.34). Contra esse comportamento submisso e nesse sentido, para Nietzsche, doentio, cancerígeno e gangrenário, é que se deve praticar uma

filosofia crítica. Entretanto, para tal é necessário coragem para manter a cabeça erguida; é necessário dureza para se autodeclarar inimigo de uma moral que se pretenda absoluta.

Em *A Genealogia da moral* Nietzsche afirma que há uma ocasião em que novos conceitos morais impõem-se de forma dominante numa espécie de contra-ataque aos valores existentes (NIETZSCHE, 2007, p. 31), e assim, tal como uma força que se organiza, eles subjugam e pouco a pouco ganham espaço. Nesse caso, uma força aniquila outra e ressignifica os sentidos de bem e mal.

Para Nietzsche essa briga não é um problema, pois, com efeito, ela é natural. As relações da natureza entre os seres vivos são violentas, no entanto, porque em prol da vida – de uma continuidade que lhe garanta sempre força e virilidade. O problema dá-se quando essa briga é marcada pelo embaraço, pela vergonha da ação que é desencadeada e posta como réu, já que novos valores são impostos a partir de um moralismo que se pretende firmar como absoluto, como inquestionável no que diz respeito à orientação das ações humanas. Sobre isso vocifera o próprio Nietzsche:

> [...] outrora, quando a humanidade não se envergonhava ainda de sua crueldade, a vida sobre a terra era mais serena e feliz que nessa época de pessimismo. O sombrio da abóbada celeste cresceu em proporção da vergonha que o homem experimentou à vista de outro homem. O olhar pessimista e fatigado, a desconfiança no enigma da vida, a glacial negação ditada pelo enfado, não são os sinais característicos daquela cruel infância da humanidade; pelo contrário, verdadeiras plantas dos pântanos necessitavam que se formassem no pântano, em que haviam de viver; refiro-me ao doentio moralismo que ensinou o homem a envergonhar-se de todos os seus instintos. (NIETZSCHE, 2007, p. 65).

A moral, portanto, representa uma negação do modo de vida daquele homem cujas ações cruéis não significavam ações más – eram modos de agir em seu cotidiano; modos de fazer, de escolher (e por isso também, de negar), de atacar, de julgar. Além disso, esse agir não representava também a produção de um sentimento que se pudesse traduzir, posteriormente, como um ressentimento, como uma culpa ou uma dívida por exemplo. Agir era uma ação ocorrida em razão da necessidade do viver, que não se podia dar de outra forma (GIACOIA, 2012, p. 152).

Nesse sentido, de acordo com Nietzsche, a tragédia grega e a vida do homem grego antigo se equiparam à forma como a natureza faz verter a própria vida. Pois é um lugar, ou um estado, em que forças se enfrentam – onde a briga, a tensão e, consequentemente, o aniquilamento de alguma parte, de algum organismo, ou até

mesmo de uma espécie inteira, não traz em si um valor negativo, tampouco gera piedade ou misericórdia. Inclusive a ideia de valor absoluto, em si imóvel, a ideia do *Ser* que pudesse existir por trás dos fenômenos, são valores não somente negados por Nietzsche, como também completamente criticados (GIACOIA, 2012, p. 152). Posto não caber avaliar a natureza sob a tábua de leis morais criada pelos homens a partir de relações que, embora repletas de conflitos e contradições, são por eles sovertidas em detrimento de valores *em si:*

> Falar do justo e do injusto *em si* não tem sentido, porque uma infração, uma violação, uma espoliação, uma aniquilação, não podem ser injustas *em si*, uma vez que a vida procede essencialmente por infração, violação, espoliação, aniquilamentos, e não pode em absoluto ser pensada sem essas características. (NIETZSCHE, 2007, p. 72).

O que está, ou pretende estar, fora da vida é entendido por Nietzsche como uma clara negação dela mesma. Disso segue-se que qualquer que seja o ideal que pretenda atribuir a si mesmo um estatuto de máxima para além da vida, regendo-a acima dela como uma força ideal, primeira e superior, como uma lei universal concebida independente das relações e experiências que resultam das forças próprias da natureza, recebe, segundo a crítica nietzschiana, as marteladas dadas a fim de destruir aquilo que as constituiu – neste caso, o embuste de um *Ser* imóvel e a negação de todo devir, de todo conflito, de toda existência dos antagonismos encontrados dentro na própria natureza (GIACOIA, 2009, p. 21).

O homem que não espera por uma salvação, que não aguarda pela promessa de uma benfazeja vida após a morte e que também não se envergonha de sua crueldade, representa o opositor do homem moderno guiado pelo moralismo. Ora, porque esse último, amarrado por valores que se auto intitulam como únicos, destroem assim qualquer outra opção no que diz respeito à existência de outras morais (NIETZSCHE, 2013, p. 35).

Esse homem moderno, de acordo com Nietzsche, julga cada ação humana, para então responsabilizar e imputar aos indivíduos a serem castigados por uma consciência moral, negando e se afastando assim de seus instintos – os quais são tão terrenos, tão naturais e, além disso, tão vitais, que não podem simplesmente desmancharem-se. Ou seja, não podem abandonar o homem como se assim o fossem tornar melhor, como se assim o fossem salvaguardar de duras penas. Em razão disso ocorre que os instintos se interiorizam calados, soterrados no cerne desse homem que, por isso, se transforma em besta ressentida cujo cabresto (posto, amarrado e

regulado pela cultura dentro da qual estão os conceitos morais) dá a direção do viver – em um processo que pretende fazer com que o homem se envergonhe de seus instintos.

Estão aí as noções de dever, de dano, de falta. Estão aí as origens dos conceitos morais cujo engenho se fez sem pressa, todavia a partir de processos múltiplos que facilmente poderiam se perder, caso não fossem tão bem monitorados pela larga amplitude repressiva dos valores morais. Desse modo, sua origem não se teria dado a partir de um ponto único, de um momento isolado, tampouco sagrado. Foi sim um processo de lutas e conflitos, perpassado por dor e crueldade, baseado em interesses e torturas diversas. Sobre esse processo Nietzsche diz o seguinte:

> É nessa esfera, no direito das obrigações, portanto, que se encontra a origem, no mundo dos conceitos morais, de "falta", de "consciência", de "dever", de "caráter sagrado do dever" - seu início foi, como o começo de tudo que há de grande na terra, fundamental e longamente banhado de sangue. (NIETZSCHE, 2007, p. 63).

Sendo assim o *ter* que fazer, o *ter* que controlar-se, o *ter* que ser civilizado, não se deram através de um contrato benéfico a todas as partes. Ou seja, não surgiram de um acordo entre cavalheiros em razão do bem comum a todos. Ocorreram sim, de modo a afastar o homem do seu modo de existir mais conforme a natureza, transformando-o, portanto, na mais completa negação de si mesmo e da vida.

A obrigação do dever moral é também, para Nietzsche, a afirmação de haver por trás de toda ação um *Ser* (ROCHA, 2008, p. 7), o que sugere uma completa desconsideração da vida ser um desdobrar-se de acasos, a partir de um jogo de forças tencionadas sem a necessidade de seguirem rumo a um destino maior, que represente qualquer ideia evolutiva ou única. Sendo assim, sequer pode-se prever que força tencionará com mais intensidade em um determinado momento. Não há lógica regente, de forma que esse jogo possa ser analisado de modo mecanizado ou previsível. Sobre a interpretação desse jogo de forças são apropriadas as seguintes palavras de Deleuze:

> Toda relação de forças constitui um corpo: químico, biológico, social, político. Duas forças quaisquer, sendo desiguais, constituem um corpo desde que entrem em relação; por isso o corpo é sempre fruto do acaso, no sentido nietzschiano, e aparece como a coisa mais "surpreendente", muito mais surpreendente na verdade que do que a consciência e o espírito, mas o acaso, relação da força com a força, é também a essência da força. (DELEUZE, 1976, p. 21).

De acordo com o comentário de Deleuze, o corpo é resultado de um jogo de forças que o produz desde o seu nascimento, mantendo-o vivo (DELEUZE, 1976, p. 21). E, portanto, nada mais natural que esse jogo seja o produtor, por sua vez, da vontade cuja consciência o corpo só tem em alguns momentos. Em todo caso, precisa ficar anunciado que essa consciência não representa um estado de pleno conhecimento de tudo que ocorre no jogo de forças que compõe o corpo ou, como anuncia Giacoia:

> [...] é perfeitamente possível que a permanência em estado de latência de sentimentos, representações, pensamentos e volições seja necessária à saúde e à integridade psíquica. (GIACOIA, 2012, p. 212).

Ou seja, não se é consciente de todas as forças que por hora tencionam de forma a subjugar, a dominar e a constranger outras forças e, nem mesmo, das forças que são por hora extintas e caladas.

Ora, para Nietzsche toda vontade quer poder, quer dominar, quer marcar-se por sua virilidade e expandir-se – o que somente é possível se destruir todas as forças que se opõem a ela. Sendo assim, todo corpo, enquanto produto de um jogo de forças constante que o habita e o põe na história, é constituído por forças opostas e também por instintos represados pelos conceitos morais, que marcam então uma oposição entre os instintos e a moralidade, pois uma vez que a moral que se pretenda única e eterna se erguerá praticando forte controle sobre as explosões instintivas que ameaçam seu reinado.

I.2 - O método Genealógico

Como se a partir de então já houvesse conhecido as entranhas e os disfarces e assim mapeado bem seu inimigo, Nietzsche se arma e parte para lutar pela transvaloração de todos os valores, trazendo como objetivo a negação de um tipo de moralismo que se pretenda perpétuo e do modo de vida do homem moderno ungido por ideais cristãos (NIETZSCHE, 2007, p. 43). Logo, sua ação se dá pela afirmação da vida e dos instintos – afirmação e declaração da necessidade de um sujeito autônomo, o que, neste caso, implica oposição à subserviência perante aos costumes e às tradições – na medida em que, para Nietzsche: "[...] 'autônomo' e 'moral' se excluem um ao outro [...]." (NIETZSCHE, 2007, p. 57). Assim, essa autonomia representa uma capacidade de avaliar a partir de si mesmo e, dessa forma, tomar decisões em função da vontade que voa soberana dentro dos abismos humanos, tal como o faz o condor que sobrevoa e cresce nos aparentemente inabitáveis rochedos, onde ventos frios se arriscam em um acaso de direções capaz de desnortear todas as bússolas:

> É preciso ainda compreender esse acaso não como um simples sorteio, mas como o risco sempre renovado da vontade de potência que a todo surgimento do acaso opõe, para controlá-lo, o risco de um acaso ainda maior. (FOUCAULT, 2014, p. 74).

O indivíduo livre, autônomo, não se empenha em juntar forças a fim de controlar a vontade em prol da promessa por um ideal civilizatório, dentro do qual ele encena o papel de animal domesticado. De forma semelhante, ele não se devota cegamente à nenhuma moral que se pretenda ao cargo de mais verdadeira, de única e legítima.

O jogo da vida está em aberto e as relações entre os homens e seus desejos dentro do tempo são o terreno arado pelo qual germinam diferentes morais, cada qual podendo, de acordo com a vitória empreendida, estabelecer-se periodicamente como dominante. O indivíduo autônomo não se deixa prender aos grilhões de uma moral que se anuncie sagrada e infinita, inclusive depois da morte.

Porém, a transvaloração não se apresenta como tarefa fácil e, para tanto, é importante haver um método, um caminho. Mas não um que seja facilitador e confortável, livre de dúvidas, desníveis e desencontros, e sim que apresente os corpos como produtos de um intenso jogo de forças (FOUCAULT, 2014, p. 69). Que não seja, portanto, uma suave quimera destinada a levar à investigação de um ponto *A* inicial a um ponto *B*, sinalizado pelo emblema do destino final.

É imprescindível que esse método seja capaz de apresentar a história de um valor e de todas as significações que o cortam transversal e longitudinalmente, e que por esse processo operatório revele as lutas que o preencham e o marquem, mas não exatamente a partir de uma progressão que sublinhe seu avanço, seu progresso resoluto. Ora, ele deve ser algo capaz de abrir o que parece estar abotoado – de apontar o dedo para os mais diversos interesses, contradições e dissabores que permeiam tudo aquilo que existe em razão desse jogo complexo de forças, em bárbara e dura luta (FOUCAULT, 2012, p.68). Deve também e, além disso, proceder sem que com isso se moralize os embates ativos dentro da história. Para tanto não deve considerar nada mais senão uma condição natural do mundo, nada mais senão a própria vida como lei e valor capaz de julgar tudo o que acontece no miolo multicolorido e confuso da existência.

O método adotado é o genealógico. Contudo, é um procedimento que não deve ser resumido ao significado literal de sua expressão: buscar origens. Genealogia no sentido que Nietzsche pretende, enquanto método, não significa meramente buscar as origens das coisas, dos valores morais. Não significa buscar, nos termos de uma causalidade ou de um utilitarismo, uma cadeia linear que determine de forma arbitrária o modo de ser atual de uma coisa, em razão de causas e efeitos dados sobre uma reta linha histórica donde se poderia enxergar, de uma única olhadela, todo desdobrar de um acontecimento. É o que Foucault explica na seguinte passagem:

> Fazer genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento, não será, portanto, partir em busca de sua 'origem', negligenciando como inacessível todos os episódios da história. Será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos. (FOUCAULT, 2014, p.60).

Os episódios da história, aos quais Foucault se refere, são aqueles que se transformam em objetos observados pelo método genealógico. No caso de Nietzsche, a moral, o ascetismo e o conhecimento com o qual estão relacionadas às ideias de verdadeiro e falso, transformam-se em alvos centrais, uma vez que determinam não somente modos de vida, mas também modos de avaliar a própria vida.

Entretanto, a genealogia não pode ser traduzida ou entendida como uma história tradicional, ou seja, onde o historiador se coloca como asceta – o que ocorre na medida em que ele esconde, retrai sua vontade a fim de mostrar a objetividade dos fatos. (FOUCAULT, 2014, p. 78). O genealogista deve ser capaz de interpretar o que se lhe exibe através da história, uma vez que ele não é aquele que dirige seu trabalho

com mãos firmes em um cabresto amarrado sob o focinho de suas vontades. Sendo assim, ele buscará através da análise genealógica uma forma de fazer da história "[...] a cena em que as forças se arriscam e se afrontam, em que podem triunfar ou ser confiscadas. " (FOUCAULT, 2014, p. 79). Ele não representa – e não o pode de forma alguma – uma sonolência objetiva frente aos fatos, uma anemia que enfraqueça e abafe sua vontade perante aquilo que decodifica; pois o que representa é sim um posicionamento intenso perante todos eles. O que se dá como reflexo de sua atitude interpretativa, que, a saber, é ativa diante da própria história que se alonga sobre o tempo. Nesse sentido, o genealogista é um perspectivista; o que se desfralda como uma franca bandeira na medida em que, como se refere Rocha:

> Uma perspectiva não é apenas o que limita nosso campo de visão, mas, sobretudo aquilo que o torna possível: pretender suprimi-la para alcançar as coisas em si mesmas seria um absurdo comparável a querer suprimir os olhos para ver melhor. (ROCHA, 2004, p.3).

Assumir-se enquanto perspectivista, portanto, significa dizer que se faz uma pesquisa – nos termos de Nietzsche: uma filosofia crítica – que investiga o valor sempre por trás das formas de avaliação, as quais, aliás, não representam modelos neutros e, por consequência, objetivos. São pontos de vista localizados dentro do mundo para dele observarem o próprio mundo.

Em todo caso as considerações são ainda mais amplas, já que o genealogista também não deve ser pareado com aquele que busca espanar a história dos corpos a fim de encontrar em sua origem, algo que figure como ponto absoluto de seu enraizamento em um mundo para além deste. Para ele, a origem das coisas não está secretamente preservada em uma semente assinalada de forma límpida e isenta de choques e interesses (MARTON, 1993, p.72).

O genealogista não trabalha como alguém que ao observar os frutos, nas copas mais altas de uma frondosa árvore, desce pelo tronco envelhecido, marcado por cicatrizes e novos brotos, somente com o intuito de chegar à procedência peremptória; como a um ponto que explique, de uma só vez, todo o restante, todo futuro, todos os frutos. Ele se aplica a observar com cuidado desde as folhas que amarelam nos poros da árvore até aquelas mais verdes, jovens e brilhantes e, portanto, capazes de prometerem a vida. Ele percebe um arranhão no tronco como fissura que luta para, de alguma forma, corromper a estabilidade de toda estrutura, alterando-lhe todo o corpo.

E ainda, ele é quem alcança as raízes mais múltiplas, profundas e encardidas pela terra preta dos subsolos. Mas não para tomá-las como categoria essencial que

demarque sua existência a partir da imobilidade do chão. Posto que, de tanto caminhar pelo corpo da árvore enquanto história dela mesma, de tanto perceber conflitos e implicações que novamente hão de sucumbir frente a novos conflitos e implicações, o genealogista põe-se a pensar se a essência desse corpo não se constitui de um permanente *vir a ser*. Portanto, uma essência mutável, que aparece a partir do jogo de forças traçado no próprio corpo e que, por sua vez, é o próprio corpo também. Nas palavras de Giacoia:

> A subjetividade, para Nietzsche, jamais pode ser pensada como um dado, um ser, mas sempre como um vir-a-ser, como algo que nos tornamos ao longo do caminho que nos conduz a nós mesmos. (GIACOIA, 2012, p. 152).

A subjetividade não se encontra pronta e acabada no fundo primordial de cada um. Não é um tesouro a repousar intocável nas entranhas mágicas do ser. Não guarda, de forma prévia, todo o segredo de um indivíduo – porque ele é aquilo que escolhe, mas também o que lhe causa gosto amargo. É parte das vitórias, mas também das derrotas que se sucederam em seu corpo ao longo do tempo. A essência suprassensível, posta no sujeito antes mesmo dele ser alguém neste mundo, não faz nenhum sentido para Nietzsche, uma vez que, como alega Rocha:

> Ao afirmar o perspectivismo da existência, o que Nietzsche recusa não é uma instância ontológica, mas a hipótese de uma duplicação ontológica: a hipótese de que a realidade aparente seja expressão de uma essência, de que o fluxo do devir seja a manifestação de um mundo do ser. (ROCHA, 2004, p.5).

Ora, para Nietzsche, a vida está aqui – ela é um brotar e florescer sobre a terra, bem como também um acinzentar e perecer sobre o mesmo solo, porque assim se renova, fazendo-se novamente vigorosa e sedutora. Numa perspectiva de duplicação ontológica, está apontada a existência de um plano suprassensível, de um lugar além, porto seguro de formas perfeitas, do bem supremo (que nesta linguagem metafisica é o próprio Deus), lugar de descanso e premiação para os bons, para os que no mundo sensível controlaram vontades, frearam instintos ferozes; ou seja, que agiram de acordo com a moral vigente e devem, por isso, ser bem recompensados.

O método genealógico de Nietsche é, portanto, o que pretende demorar-se ao fazer uma verificação dando a devida atenção a cada uma das forças que estão em combate, em toda região daquele acontecimento. Entretanto, não de forma a fazê-lo sem o devido procedimento crítico – neste caso, a crítica não pode pretender enveredar de modo a firmar-se sobre algum valor, sob o pretexto de avaliar qualquer

outro. O que não figura como atitude crítica, já que assim continuaria por firmar valores infindáveis, pois a verdadeira crítica, a qual aspira o método genealógico, refere-se a uma crítica dos fundamentos do próprio conceito de valor; ao valor que, como que por trás de todas as formas de julgar, determina a vereda de todo inquérito. Sobre isso comenta Deleuze:

> Por um lado os valores aparecem, ou se dão, como princípios: uma avaliação supõe valores a partir dos quais aprecia fenômenos. Porém, por outro lado e mais profundamente, são os valores que supõe avaliações 'pontos de vista de apreciação' dos quais deriva seu próprio valor. O problema crítico é o valor dos valores, a avaliação da qual procede o valor deles, portanto, o problema da sua criação. (DELEUZE, 1976, p. 4).

A genealogia é assim a investigação crítica do valor sustentador dos valores morais. É um método que pretende anunciar que esses valores são marcados por transformações oriundas dos conflitos entre as forças buscadoras de uma posição dominante dentro da cena estabelecida.

Portanto, se uma avaliação é realizada tendo como sujeito um cristão por exemplo, toda doutrina daquela religião que fora antes aceita e por isso é seguida, transforma-se no valor que determina e dá cabo da maneira como as avaliações serão realizadas. Forma-se assim uma tradição que, pouco a pouco, estabelece uma maneira de julgar que se torna comum na medida em que ganha espaço e se firma como maneira correta de pensar e estabelecer padrões para uma conjecturada administração da vida (NIETZSCHE, 2013, p. 49).

Uma situação na qual se apresenta um exemplo desse estabelecimento de um valor por trás dos valores morais está nas fábulas onde o lobo e o cordeiro aparecem como personagens. Neste caso, a releitura feita por Monteiro Lobato em 1975 em volume cujo título é *Fabulas* sobre as fábulas de Esopo, escritor grego do século VI a.C. é um exemplo interessante para a reflexão acerca dos valores morais no mundo ocidental. Antes de Monteiro Lobato, outros escritores e fabulistas como Fedro[2] e La Fontaine[3] também reescreveram as fábulas de Esopo, o que demonstra sua representatividade em outras culturas.

No caso da fábula do lobo e do cordeiro, o primeiro figurou através das recriações sempre como ameaçador. O lobo, inclusive, se esboça entre nós com o codinome de *mau.* Ele é avaliado antes da história começar – ele *é* o Lobo Mau. O que

[2] Fabulista romano (15 a.C – 50 d.C).
[3] Fabulista francês (1621 – 1695).

não se situa apenas na região linguística de uma alcunha: o lobo mau é o personagem que, necessariamente, deve se dar mal no fim da história. Afinal, ele carrega e representa o peso do lado ruim, degenerador e insólito do ser vivo. Ele quer atacar e precisa fazê-lo, mas isso é posto pelas fábulas da pior maneira, pois o lobo (mau por natureza) está disposto a destruir a casa dos inofensivos e alegres porquinhos, ou abocanhar a menininha generosa e cândida que atravessa a floresta para levar comida até a vovozinha adoentada, ou impedir que o pacato cordeirinho beba água no doce regato. E porque isso, senão por pura maldade! Pretende-se que as crianças assim pensem principalmente através da *moral da história.*

Sobre isso diz Nietzsche: “Tudo aquilo que assusta é identificado como mal. Os espíritos medíocres, submissos recebem honras e morais” (NIETZSCHE, 2006, p. 94). O lobo – a moral quer levar a crer – é mau porque incomoda, destrói, impede. Pretende devastar tudo que foi erguido com o suor de cada dia, com um trabalho honesto, justo e moral de quem é bom por natureza. De tal forma, impõe o terror através da violência como narra Lobato:

> Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.
> ─ Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? – disse o monstro arreganhando os dentes. Espere, que vou castigar tamanha má-criação!...
> O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:
> ─ Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?
> Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.
> ─ Além disso, sei que você andou falando mal de mim o ano passado.
> ─ Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?
> Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:
> ─ Se não foi você foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.
> ─ Como poderia ser o meu irmão mais velho, se sou filho único?
> O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:
> ─ Pois se não foi seu irmão foi seu pai ou seu avô!
> ─ E – nhoque! - sangrou-o no pescoço. (LOBATO, 1975, p. 42).

Desde o início da narrativa o cordeirinho figura como manso, indefeso e inofensivo; enquanto que o lobo penetra na cena da fábula revestido por sua monstruosidade, por seu aspecto horrendo – o que se dá em razão dele representar aquele que ataca. Desse modo, as existências tanto do cordeiro quanto do lobo estão intrinsecamente atreladas às suas supostas essências. E o texto passa ao leitor a ideia de que o cordeiro é bom por um motivo mais que suficiente: o fato de ter nascido

cordeiro. Sendo que o oposto acontece com o lobo, visto que desde o instante em que aparece na narrativa ganha um figurino diametralmente diferente: é monstruoso e mentiroso, arreganha dentes e demonstra claramente sua fome desvairada.

Sendo assim, os personagens apresentam, no momento imediato de sua existência dentro da fábula, uma essência forte e definida. Mais que isso, esses comportamentos representam valores e também são julgados por valores: ser carnívoro é da natureza do lobo, em razão do que ataca com violência visando saciar sua fome e sobreviver; assim como, por outro lado, ser herbívoro e procurar pastos calmos para se alimentar faz parte do comportamento dos cordeiros.

O que interessa aqui é a medida que aponta um como bom e outro como mau. Essa medida moral busca fazer do bem e do mal, associados a esse ou aquele comportamento, parâmetros legitimados desde sempre. É como se o lobo, neste caso aquele que ataca porque se não atacar não sobrevive, sempre estivesse associado a uma conduta moral reprovável porque deveria escolher agir de outra forma – como se isso fosse possível (NIETZSCHE, 2007, p. 42). Servindo o oposto do julgamento para aquele que se veste de cordeiro.

A fábula traz uma carga moral que deve ser observada genealogicamente, de forma que a suposta maldade do lobo seja encontrada dentro do tempo como uma criação *humana, demasiadamente humana*. O valor moral atrelado ao comportamento do animal tem um início que não necessariamente remonta a profundidades divinas e por isso abstratas. Ele respeita interesses de cunho comportamental: que todos aprendam a ser mansos e condolentes como o cordeirinho que bebe água no regato. Isso é algo que representa os interesses de alguém, de algum grupo; de forma que os imprevisíveis, passam a ser cerceados – seus passos, suas ações, vigiadas porque não inspiram confiança.

A fábula do lobo e do cordeiro sendo até os dias de hoje amplamente lida e relida para as crianças imprime assim, nas gerações futuras, a ideia moral do lobo mau e do cordeiro bonzinho. Instigando e orientando a todos para que sejam dóceis como os cordeiros, porque desse jeito torna-se um ser bom, eternamente. Ora, são argumentos como esses que através do prisma oferecido pelo método genealógico se pretende desmistificar, pois há interesses escusos na formulação de tábuas morais desse teor. São critérios forjados pelos homens e por isso pertencentes a um mundo construído também a partir de lutas, erros, dissabores e ilusões.

O mesmo acontece com a *Chapeuzinho Vermelho.* Menina meiga e imaculada que sofre com a emboscada criada pelo lobo que, mais uma vez, é mau. Mas afinal, de onde vem essa maldade? É da natureza do lobo ser mau? Ou seja, a maldade é inerente a sua condição lupina? O que a moralidade interpreta no lobo como mau é desenhado de forma incondicional; como se o mal fosse, portanto, a mesma coisa inalterável desde quando homens são homens e lobos são lobos.

Desse jeito o mal e, consequentemente, o bem – como seu opositor moral – assume valor de uma entidade metafísica, o que sem dúvida também lhe garante certa sacralidade. Bem e mal, da forma como são postos pela religião cristã por exemplo, estão neste mundo dentro das ações dos sujeitos, mas orbitam como entidades que não podem ser movidas. E, segundo Nietzsche, esse é o verdadeiro intuito das ideias metafísicas: querem fazer-se parecer com divindades que, embora orientem atitudes neste mundo, tem uma raiz sagrada, distante e irremovível.

Mas contra essa ideia metafísica de uma gênese sagrada, em outro mundo que é também superior, Nietzsche desenvolve e lança mão da genealogia enquanto método. O genealogista não vê o lobo como mau em si. Uma vez que ele nega completamente ideias metafísicas como as de *coisa em si*; nega, portanto, a concepção de que esse mundo seja feito de cópias e ilusões.

Entretanto, o nega não com intuito de estabelecer um valor negativo para a cópia e a ilusão, e sim em razão de lançar-se em guerra declarada contra ideias dogmáticas, como a platônica acerca de mundo das formas (verdadeiro) e mundo sensível (falso). Nessa toada, nega também de forma ácida e sarcástica as oposições de *coisa em si* e *fenômeno*, desenvolvidas pela filosofia kantiana. E, nas palavras de Giacoia:

> Com efeito, a moral sempre foi a tentação suprema, a que jamais puderam resistir os filósofos, pois estes acreditavam em ‘verdades morais’, como se os valores morais fossem verdades eternas. (GIACOIA, 2012, p. 116).

Contrário à ideia de verdades morais, Nietzsche pensa em valores morais como um produto deste mundo, exclusivamente. Assim, o lobo é mau porque é um produto deste mundo humano. Aqui se cunhou a tábua de valores segundo a qual seu comportamento deve ser alterado, caso contrário será castigado. Mas a que história se deve recorrer a fim de encontrar e conhecer esse lobo? Esse personagem que por força de valores específicos, embora camuflados e transfigurados por quem assim

lhes interessa, ganha arbitrariamente o codinome de *mau*. Ora, por que o lobo se tornou conhecido exatamente por ter má índole? O que o faz ser julgado de tal forma e assim ganhar a vida dentro das ficções da *indústria cultural*? De acordo com o que Nietzsche chamou de método genealógico, o que estabelece o rótulo de malvado para o lobo é a moralidade, são os moralistas.

Não somente quanto a esse personagem como a qualquer outro, seu título deve ser observado com cautela e perícia, uma vez que, segundo Foucault:

> A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência. Ela deve construir seus 'momentos ciclópicos' não a golpes de 'grandes erros benfazejos', mas de 'pequenas verdades inaparentes estabelecidas por um método severo.' Em suma, uma certa obstinação na erudição. A genealogia não se opõe a história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Ela se opõe à pesquisa da origem. (FOUCAULT, 2014, p.56).

Buscar genealogicamente encontros e desencontros que sustentam e erguem a aparência de um personagem não é caso de mergulhar, de uma só vez e de trampolim, da mais alta metragem até o ponto mais fundo onde se encontra, como um tesouro incalculável, toda a explicação. O agir, enquanto mergulho genealógico, demanda tempo e fôlego. E quantas apneias perturbadoras não serão necessárias a esse que assim empreenda e orienta suas investigações?

Porque o operar genealógico significa se embrenhar nas confusões oferecidas pelos materiais acumulados citados por Foucault. Entretanto, mesmo que ao machucar mãos e olhos a fim de perceber cada um dos espinhos que circundam e talvez protejam estes materiais, o genealogista não os desconsidera. Uma vez que não é de sua alçada afastar todos os espinhos apenas com o intuito de encontrar a flor que impecável, bela e bendita explique através de um ímpeto virginal, todo emaranhado que antes se apresentava confuso, feio e profano.

E quais seriam as 'pequenas verdades inaparentes' que Foucault cita, senão aqueles acontecimentos que por serem menores, por terem perdido alguma batalha ou por serem considerados injustos ou indignos são, por isso, esquecidos e reprovados; servindo desde então apenas como mau exemplo. Mas esses acontecimentos não são reprovados ou sequer diminuídos pelo genealogista; eles têm, por assim dizer, a qualidade de 'pequenas verdades'. Ora, porque também são como arautos da história humana que compõem e mostram as coisas longe de um azulado, distante e platônico

céu metafísico. Pois não será essa a cor com a qual o genealogista preencherá os passos de sua investigação, afinal como o próprio Foucault se refere: “A genealogia é cinza” (FOUCAULT, 2014, p.53).

Contudo, isso não significa que o método genealógico possua uma malha que não seja criteriosa. Trazer aos olhos tudo aquilo que se envolve e se envolveu com o objeto que se investiga não significa, definitivamente, não ser severo. É por não desconsiderar qualquer evento sucedido, por entender que paixões e loucuras também são decisivas na história constituinte das coisas que o genealogista se mostra rigoroso. O método genealógico enxerga força e capacidade de influência e de intervenção em tudo aquilo que antes se acreditava menor.

E quanto à ideia de ‘origem miraculosa que a metafisica procura’ (FOUCAULT, 2014, p. 56), não é esse ponto que o genealogista mira quando impunha seu arco e flecha; não é a isso que ele se pretende quando disposto em sua caçada. Como a um ermo e corajoso sujeito que avança em tarefa arriscada, ele caminha só. Está disposto não a encontrar sua presa, bebendo água fresca na beira de um regaço e assim friamente lhe abater e trazer-lhe a cabeça como prêmio por ter-lhe descoberto os segredos e penetrado por suas fraquezas.

A caçada do genealogista consiste em ter contato com tudo que interfere ou que foi interferido por sua presa. Afinal, ela não possui o bem ou o mal como caraterística inerente a uma natureza que lhe pertence por ter, justamente, nascido – e assim estar conservada em um além-mundo.

Cabe, portanto, ao método genealógico, seguindo os passos da filosofia crítica de Nietzsche, compreender e ressignificar que um personagem adquire um valor unicamente a partir do sistema moral que o avalia. Ou seja, o conjunto de critérios usados com intuito de sustentar uma avaliação representa os alicerces de uma moral.

O estudo de um personagem, por exemplo, deve se dar a partir de um desenho crítico, o que significa uma pesquisa minuciosa acerca do valor que funda os julgamentos realizados sobre ele – Porque o lobo é mau? Ou melhor, (e ainda mais incômodo) porque a ovelha é boa? Com quais valores se esbarra aquele que por um instante de paciência retém-se fazendo, neste caso, inversão da pergunta?

Nietzsche pretende, estimulando de forma genealógica o florescer de tais questionamentos, destronar a verdade. Ela que foi feita rainha; ela cujo cetro reluz a distância um brilho que ao se pretender incontestável faz o filósofo julgá-la fajuta.

Contra essa verdade a filosofia crítica de Nietzsche brilha afiada. Acerca desse eterno embate no qual o filósofo projeta-se com astúcia, vigor e prazer, comenta Marcondes:

> Seu objetivo é desmistificar a 'verdade'. Revelando-a como um conceito fabricado, isto é, criado histórica e socialmente. Entretanto, tal conceito tem sua origem ocultada, aparecendo como objetivo, definitivo, científico. (MARCONDES, 2007, p. 141).

Há alguém, enquanto intuito, negócio ou cobiça por trás desse conceito, desse julgamento. A verdade não é algo imóvel e por isso não está dormente no fundo de nenhum rio abençoado. Se ela hoje é posta nas coisas, nos atos e nas preferências dos seres humanos é porque foi *fabricada* enquanto conceito. Não estando assim, desde o princípio da existência das coisas, condenando e sepultando escolhas e apetites que recebessem a alcunha de falsas. A verdade dependeu sempre de uma época e por isso não tem sentido – nem sequer existência, segundo Nietzsche – caso seja desvinculada das relações que se desabrocham entre homens e sociedades. Ainda sobre isso refere-se Marcondes:

> [...] mas porque ao menos o homem, por necessidade e tédio, quer existir social e gregariamente, ele precisa de um tratado de paz e almeja que pelo menos o mais rude desapareça de seu mundo. Esse tratado de paz implica algo que lembra o primeiro passo daquele enigmático impulso á verdade. Agora é fixado aquilo que deve ser 'verdade', quer dizer, é inventada uma designação das coisas igualmente válida e obrigatória, e a legislação da linguagem institui também as primeiras leis da verdade: pois surge aqui, pela primeira vez, o contraste entre verdade e mentira. (MARCONDES, 2007, p. 141).

Nesse caso, não somente é invertida a designação de *verdade* como também escolhida arbitrariamente a que essa designação será atribuída. Vence tal querela toda ação que não se pretende ir de encontro à preservação da espécie; ora, as atitudes que Nietzsche chama de gregárias. Em razão delas, os acordos de paz teriam sido assinados e a natureza da espécie, apesar de preservada, seria enfraquecida (NIETZSCHE, 2006, p. 92). E qual é o calibre desse enfraquecimento, interpretado por Nietzsche como prejuízo herdado da adesão a um sistema moral, senão a Europa do século XIX?

As características ou ações que são denominadas bem ou mal, justa ou injusta, bela ou feia, virtuosa ou desonrosa, aparecem aos olhos do mundo como um edifício em uma cidade: não é possível enxergar nada mais que o andar térreo e o que segue sobre ele. Suas bases mais sólidas, seus alicerces mais grossos, estão nos subterrâneos. Dessa mesma forma, toda moral, supõe valores que a sustentam.

Todavia, esses valores por sua vez também determinam a forma como um julgamento e, consequentemente, uma condenação ou absolvição procedem, já que acabam por direcionar a uma maneira de ver os fenômenos.

Desse jeito, há uma moral que avalia o *ser* do lobo e que após uma avaliação totalmente orientada por valores que a determinam, chega à conclusão de que ele é mau. Valor atribuído, condenação explanada, resta a pena e a remissão donde somente é possível brotar uma absolvição quase sempre futura.

O lobo mau transformou-se em personagem moral a partir de intenções demarcadas por uma moral que, antes de tudo, tinha necessidade de opor, de pendular e marcar clara oposição entre valores. Sobre isso é oportuno reproduzir as palavras de Nietzsche: “A crença fundamental dos metafísicos é a oposição de valores.” (NIETZSCHE, 2006, p. 10). Há intenções por trás dessa organização que busca distinguir bem e mal e, assim, caracterizar bons e ruins, melhores e piores. É o que expõe Marton na seguinte passagem:

> Se até agora não se pôs em causa o valor dos valores ‘bem’ e ‘mal’, é porque se supõe que existiram desde sempre; instituídos num além encontravam legitimidade num mundo suprassensível. No entanto, uma vez questionados, revelaram-se apenas ‘humanos, demasiadamente humanos’; em algum momento e lugar, simplesmente foram criados. (MARTON, 1994, p. 50).

Se um personagem como o lobo é mau, o genealogista não há de afirmar que o seja por causa de uma origem fugidia das cercanias de um específico conjunto de valores morais. Valores esses que supõe uma forma de avaliar, mas que também apenas fazem-se existir em razão de uma avaliação.

E, nesse sentido, a relação que um personagem de ficção estabelece com quem o interpreta, ou seja, a subjetividade da personagem criada depende da relação mantida com alguma moral e sua maneira específica de significar o bem e o mal, neste caso, os valores aos quais se subjuga, defende ou vê como nocivos. Ao crivo de tais questionamentos também não escapa o artista, então criador de um personagem. Afinal, se ele respeita e curva-se a uma moral, de acordo com ela produz sua obra e consequentemente difunde os valores que ela ergueu. É possível – ou determinante para a obra – que o artista se manifeste livremente, no sentido de uma postura autônoma e, nesse sentido, imoral?

Se o lobo permanece mau é porque desde seu primeiro autor assim o quis a moral dominante na época e por ele acatada. Em todo caso essa moral é antiga, haja vista que nos dias atuais o lobo continua mau. Pois também os autores de nosso tempo, cujas adaptações ainda são editadas agora, continuam a julgar como nocivo tal e qual comportamento porque se preocupam com as consequências daquilo que julgam enganoso e falso; mal sabendo que tudo quanto é taxado de tal modo refere-se a um fazer despótico, uma vez que o verdadeiro e o falso não se encontram inerentes aos atos sem que neles orbitem relações humanas.

Ao pesquisador munido do método genealógico cabe desfazer essas falcatruas e ir atrás para farejar como foram construídas invenções como as de atribuir o bem ou o mal, percebendo o que há em uma atitude ao ponto de traduzi-la como má. E quem beneficia-se com tais julgamentos? Colocações como essas são feitas com o propósito de negar concepções consagradas sobre os valores morais. Mesmo que para isso tenha que refletir contínua e profundamente, como acorreu com Nietzsche:

> Qual é definitivamente a origem de nossa ideia do bem e do mal? [...] É claro que a solução do problema estava em Deus, a quem passei a considerar o pai do mal. [...] Felizmente aprendi rapidamente a distinguir o preceito teológico daquele moral e não me preocupei mais em procurar a origem do mal para além do mundo. (NIETZSCHE, 2007, p. 15).

Fazer com que os valores se revelem humanos é o resultado pretendido pela pesquisa de cunho genealógico. Pois o valor dos valores de *bem* e *mal* servem a interesses, a ambições e a vaidades. Servem a desejos humanos que, ao que parece, carecem de ser escondidos atrás de uma forjada sacralidade.

Se isso lhes irá garantir respeito e veneração é uma questão; mas se isso ocorre porque aqueles que se lambuzam com tais sentimentos e paixões, delas e de si mesmos se envergonham, resulta que o problema é grave. Porque uma moral serviria então para esconder e frear o que o homem tem de mais forte e poderoso: a vontade.

I.3 - As duas concepções de moral anunciadas por Nietzsche

O projeto filosófico de Nietzsche é crítico, porque pretende encarar corajosamente a moral vigente e a pompa presunçosa que lhe reveste. Sua filosofia crítica é, além de tudo, uma indecência – porque insiste em ver por debaixo de todas as anáguas; porque não se satisfaz com as respostas desculpadas, lacônicas e inexplicáveis acerca de uma metafísica origem dos valores morais. Nietzsche, não satisfeito, procura brechas, espia lascivamente, põe mãos e olhos. É mesmo um imoralista, pois mostra que para subir em altares bastam os passos de dois pés. Ele é alguém que sabe haver coisas humanas por trás dos valores morais; e por isso duvida e critica as ideias de progresso e modernidade (MARTON, 1993, p. 17).

Nessa insistente crítica, ele se esforça por mostrar-nos duas concepções diferentes de moral: a moral do senhor – ou aristocrática, como ele mesmo se refere (NIETZSCHE, 2007, p. 35) – e a moral do escravo. E faz essas considerações a partir de uma varredura genealógica da história e das sociedades humanas no plano da vida, do sensível.

O autor então caracteriza a moral do senhor como aquela capaz de a si própria atribuir valores positivos, pois ele se vê e tem a certeza de que é superior (NIETZSCHE, 2007, p. 25). Faz a si atribuições de modo a exaltar sua personalidade que considera altiva e estimada. Percebe em seus gestos os contornos das decisões primorosas. Ele é, portanto, um modelo vivo. Agindo por instinto realiza suas atividades e não teme, dessa forma, que algo lhe saia erradamente, que qualquer um dos seus modos ganhe tons exacerbados. Agir por instinto significa possuir predisposição para despreocupar-se com esclarecimentos sobre as consequências dos seus atos. A moral do senhor privilegia os instintos, enquanto pulsão vital, enquanto inteligência, tal é o termo usado por Nietzsche: “[...] de todas as espécies de inteligência o instinto é a que prevalece.” (NIETZSCHE, 2006, p. 117). Neste caso, o instinto representa o agir a partir de um impulso vital bancado pela inteligência, pela vontade de viver – a vontade de expandir-se, de dominar, de apropriar-se e, por conseguinte, a vontade de poder. A exaltação dos instintos a qual se refere o autor diz respeito a um grupo de pessoas que age afirmativamente, para os quais as ações não necessitam de astúcias racionais a fim de serem garantidas por meio de convincente explicação. Suas ações são o que deve e deveria ser feito; logo, o que delas decorre

não fertiliza arrependimentos e ressentimentos e, portanto, não fazem nascer a má consciência.

Ao afirmar a si próprio o senhor, faz-se também legislador. Não estando de forma alguma empenhado em erguer outro valor que não seja aquele que provém dele mesmo, aquele que resulta como evidente de suas ações e decisões. Esse valor moral positivo não precisa ser esclarecido, porque se impõe como o valor de um tipo de homem capaz de criar valores independentes de outros sujeitos.

E mesmo que suas ações não sejam úteis elas, ainda assim, não perdem em estima. Como Nietzsche aludiu no seguinte trecho: “Foi o sentimento, não a utilidade [...] que determinou a origem da oposição ‘bom’ e ‘mau’” (NIETZSCHE, 2007, p. 25). Uma vez que sua moral não existe em razão de outro, tampouco em razão da conservação de toda uma espécie, ou seja, de algum nível de utilidade. A moral do senhor não é gregária. Existe, expande-se e domina por si mesma. Não se desenvolve por comparação ou compaixão. A moral do senhor, nobre, por conseguinte, cria valores a partir de sua autoafirmação. Basta olhar para si mesmo e lá estarão as deliberações morais que lhes forem necessárias.

Essa é a moral onde não há arrependimento (NIETZSCHE, 2007, p. 35), porque nela as coisas que acontecem assim o tinham de ser. Por isso essa é, segundo Nietzsche, a moral do senhor, daquele que não pode ser julgado pelos seus atos e tampouco por conta de sua postura voltada para si mesmo; uma vez que cada um deles tem que acontecer e não por erro ou por falha de sua afirmação prática. Neste caso, Marton diz o seguinte:

> Julgar um homem pelos seus atos é pressupor que a ele seria possível agir de outro modo. Mas, para o forte, não há escolha: ele tem de extravasar a própria força. (MARTON, 1993, p. 54).

A moral do senhor - na medida em que admite o erro não como dor -, não dá espaço para arrependimento e ressentimento. Sobre ela não fecundam acabrunhamentos e incertezas quanto ao passado. De tal forma, controlar-se, dominar-se, como se faz com um cálculo matemático, é frear vontades e desejos; amarrar instintos e curva-se a outro tipo de moral.

A moral do senhor é demonstrada pela atividade, pelo fazer, engendrando em virilidade, em demonstração de força independente do outro e do seu julgamento. É o que Nietzsche enfatiza em: “Nos nobres a felicidade está ligada a ação. Nos outros a

felicidade está ligada ao ‘sabbat’, sob forma passiva.” (NIETZSCHE, 2007, p. 36). Na obra *A Genealogia da moral*, Nietzsche opõe essas duas morais e as atribui, respectivamente, aos guerreiros (cavaleiros) e aos sacerdotes. A esses cavaleiros são atribuídas características tais como:

> [...] se baseiam numa vitalidade física poderosa, numa saúde em plena forma, até mesmo transbordante, para a qual contribui a guerra, as aventuras, a caça, a dança, os jogos e em geral tudo que implica uma atividade forte, livre e alegre. (NIETZSCHE, 2007, p. 31).

É, portanto, através de sua atividade que se fazem como indivíduos. Seu vigor está atrelado às suas ações, cujo valor é medido pelo próprio indivíduo – não necessitam do outro para realizarem uma avaliação. Seus atos e escolhas não tem um vínculo primordial, prévio, estabelecido moralmente como verdade que se pretenda eterna, com nenhum sentimento (ou avaliação) tal como egoísmo, por exemplo. Se pratica uma ação egoísta isso não representou, desde o começo dos tempos, o símbolo de uma ação má – como parece querer levar a crer a moral dos escravos, ou dos sacerdotes, como também designa Nietzsche:

> O ‘bom’ esteve ligado ao egoísmo também em certo momento. Mas o instinto gregário liga, necessariamente, o ‘bom’ ao não egoísta. (NIETZSCHE, 2007, p. 24).

A segunda concepção de moral apresentada por Nietzsche é aquela atribuída ao escravo ou aos sacerdotes; numa designação: aquele que é mais fraco, aquele cujos valores surgem da negação do mais forte. Por isso ele sempre dependerá da figura do outro para fazer-se a si mesmo sob o estandarte do tipo de moral que pretende fazer tremular nos altos de todas as torres, uma vez que: “O problema do outro origina o ‘bom’, bom como concebeu o homem do ressentimento.” (NIETZSCHE, 2007, p. 41). Não pertence, porquanto, às suas atribuições criar espontaneamente valores; não é característica sua dispensar o outro – abrir mão da dependência não faz parte de seu empreendimento existencial. E quem será esse *outro* senão aquele que se julga, que se autoproclama o melhor. Aquele que infla o peito e determina, através de referências instintivas e solenes a si mesmo, às suas ações e deliberações, o brotar de suas virtudes.

No entanto tal comportamento sugere ao escravo o sentimento de exploração de humilhação e consequentemente o desejo de vingança. Por imediata reação julga como negativo, como ruim, como falso, todos os gestos daqueles que se autodeclaram nobres e fortes. Entretanto, note-se que tal avaliação é empreendida apenas por

causa da existência de outra ação, neste caso, primeira. A ação do escravo, do sacerdote, emerge como algo reativo. Sobre a ideia de exploração Nietzsche expõe:

> A exploração não é o indício do caráter de uma sociedade corrupta ou imperfeita e primitiva. Pertence a essência de tudo que é vivo como função orgânica básica. É uma consequência da verdadeira vontade de dominar, que é justamente a vontade de viver. (NIETZSCHE, 2006, p. 159).

Segundo Nietzsche, a moral dos escravos aponta para uma perspectiva disposta a condenar qualquer tipo de exploração. No entanto o que faz o filósofo é voltar os olhos para a própria natureza enquanto forma mais pulsante, pura e instintiva de vida e, por conseguinte, afirmá-la como a grande legisladora. É para a vida e suas relações naturais que devemos voltar a atenção caso haja qualquer desejo de avaliar. É nesse sentido, inclusive, que Marton afirma: “O único critério que se impõe a si mesmo, no entender de Nietzsche, é a própria vida.” (MARTON, 2003, p. 61). A essa vida pertencem vontades que se engalfinham, porque em luta perene em função do próprio viver que não se faz sem expansão.

Essa moral teria, em vista disso, seu motor de arranque em todo ressentimento; em outras palavras: “A rebelião dos escravos na moral começa com o fato de que o próprio ressentimento se torna criador e gera valores.” (NIETZSCHE, 2007, p. 34). É por sentir-se humilhado, por ver-se cabisbaixo e relegado a funções desprezíveis, que se lança faminto à vingança como o faria a um alimento e dentro do conjunto de táticas que articula para seu presente e futuro busca o impossível: rolar a mais imóvel e sobrecarregada das pedras, quer dizer, o passado. E quanta lamentação procederá dessa tarefa impossível de ser realizada! Quanta culpa conjugada em cada passo miúdo, desenhado em cimento antes fresco, mas que agora, seco, não pode assumir outra forma senão aquela já impressa. No entanto, se a marca incomoda, pode-se esquecê-la. Contudo, ainda melhor seria assumi-la como aconteceu, de uma vez por todas e necessariamente, uma vez que em hipótese alguma a marca pode ser refeita dentro do tempo ocorrido. Sentir o passado como um erro; buscar a todo custo – mas sem qualquer sucesso – desfazer e refazer o que já foi feito é criar e interiorizar arrependimentos. É assim a moral de todos os ressentidos. Sobre isso declara Marton:

> O fraco só consegue afirmar-se negando aquele a quem não se pode igualar. Negação e oposição: essa é a lógica da moral do ressentimento. Aqui, força e maldade confundem-se. Radicalmente diferente, a moral dos nobres surge da afirmação e, mais, da

> autoafirmação. Nisso reside a diferença fundamental entre elas. (MARTON, 1993, p. 53).

Após sua vitória, feita em face de ressentimento e dependência, essa moral que se pretende eterna, uma vez que se julga acertada, estabelece sujeitos atrás de todos os atos e assim instaura a responsabilidade. Esta, unida à culpa e ao castigo, garante a permanência e o respeito das regras morais gregárias que se impõe em prol da civilização. E, neste processo, o ressentimento lhe dá todo suporte: "O ressentimento concebe o inimigo como 'mau', e cria, assim, a ideia de 'bom' e 'mau'" (NIETZSCHE, 2007, p. 37). Através da maneira dicotômica segundo a qual se ergue essa moral o homem deve remoer seus erros e pedir desculpas por todos os seus pecados, até mesmo àqueles inventados na pureza do nascimento. E assim nega radicalmente a maneira como os senhores procediam a partir da moral deles mesmos.

Também na literatura, a moral do escravo impõe valores e formas de pensar e julgar bem claras; mais uma vez apresenta-se fértil o universo das fábulas. O lobo e o cordeiro, a formiga e a cigarra são narrativas dispostas a engendrar e criar discípulos para uma moral específica, haja vista as tantas designações que permeiam o imaginário popular e servem para educar as crianças em vista de uma concepção moral específica. Veja-se que o lobo se transformou em nada mais, nada menos, que o lobo mau; e a cigarra – música, cantora, artística – recebeu a carapaça de à toa.

De acordo com a fábula, o cordeirinho manso e amigável, refrescava-se à beira de um córrego envolto em uma atmosfera tão bucólica e perfeita quanto o próprio jardim do Éden. Borboletas coloridas e flores exuberantes, além do variado canto dos pássaros, ilustram a cena; tudo é pacífico e por isso bom. Ninguém reclama espaço ou alimento, em vista do que a guerra é desconhecida. Todo planalto é verde e a vida abunda procedendo sem qualquer desarmonia (MARTON, 1993, p.7). Mas, de repente, num virar de página, surge – ou é inventada – a figura do opressor. Aquele contra o qual todos devem se revoltar, pois ele vem a fim de gerar a discórdia ao derramar o sangue dos inocentes. É ele o culpado por toda calamidade; ele quem semeia as trevas na narrativa. Observa-se aqui a oposição evidenciada: de um lado pendulam os mansos, que também são inocentes porque incapazes de promover o que se convenciona julgar como mal: o incômodo. E, de outro, estão os arredios, os ariscos; ou seja, aqueles que são incapazes de negar suas necessidades. Nesse caso é exatamente por isso que são considerados perigosos, pois a qualquer momento semearão o mal; a qualquer momento se figurarão de forma destemperada, injusta e

imprevisível. Basta sua presença, ainda que deitada sobre a macia relva, para causar desconforto nos pobres e fracos. Há aqui, além da polarização de dois personagens, a imposição de um valor moral, a determinação de um comportamento correto. O que se dá, na moral do escravo, ocorre através de uma comparação recheada de um valor que primeiro assevera o outro:

> O nobre concebe o conceito de bom a partir de si mesmo. O plebeu o cria do seu ódio não satisfeito; neste caso, ele é o começo da concepção de moral para o escravo. (NIETZSCHE, 2009, p. 37).

Enquanto o lobo é mau, o cordeiro por sua vez é bom. Essa é forma como procede essa moral. Na fábula o lobo é mau porque ataca e devora o cordeiro. É mau porque age de acordo com seus instintos, com sua natureza carnívora.

O mesmo ocorre com a cigarra. Naturalmente cantar é parte de seu viver. Não é o trabalho incessante e fatigante – como carregar objetos mais pesados que seu próprio corpo, da maneira como fazem as formigas - que lhe caracteriza o modo de existir. Mas por uma convenção moral, um acordo cujos benefícios correm em direção a alguns homens, foi instituído que o trabalho dignifica o homem. Trabalhar corretamente, sem reclamar ou pestanejar; ser pontual e se esforçar ao máximo são características atribuídas àqueles que são sujeitos dignos, verdadeiros, respeitosos e, portanto, morais. A cigarra que se empenha em cantar, oferecendo a si mesma e aos outros o deleite de sua arte, não é um bom exemplo? Inclusive a providência divina não a socorre, pois agora - no inverno do remorso - é preciso que se arrependa do que fez durante o verão abundante para receber a misericórdia das formigas trabalhadoras. E assim a cigarra sofre com o frio e a fome. Um castigo que, dure o quanto durar, pretende gerar resultados. Sobre isso Nietzsche pergunta: “Como é que fazer sofrer pode ser uma reparação?” (NIETZSCHE, 2007, p.61).

Essa é a maneira através da qual se imprime e reimprime a moral que Nietzsche chamou de escrava ou moral dos sacerdotes. Uma moral artificializada pela fraqueza de um grupo de homens, haja vista o fato da própria natureza revelar o lobo não como mau, mas como uma espécie animal cujas necessidades devem ser satisfeitas visando à sobrevivência. Culpar os lobos pela voracidade com que devoram cordeirinhos indefesos é o mesmo que domesticá-los a base de sofrimento. É pedir-lhes para se alimentarem de vegetais e, nesta esteira, supor que assim se lhes tornariam melhores. Sobre essa espécie de amputação Nietzsche reclama:

> [...] sempre se teve como objetivo 'aprimorar' o homem: a esse objetivo em si, principalmente, chamavam moral. Mas, sob a mesma palavra, ocultavam-se as tendências mais diversas. Então, aprimoramento tanto podia significar domar a besta-fera homem, como criar uma espécie particular de homens. [...] quem sabe o que acontece nas ménageries[4] duvida que os animais sejam aprimorados ali. São enfraquecidos, tornados menos perigosos, e, por meio dos efeitos depressivos do medo, da dor, dos sofrimentos e da fome, convertidos em animais doentios. (NIETZSCHE, 2009, p.70).

O que se pretende com os lobos, os quais em virtude de uivarem sob as togas dos legisladores de uma moral nascida do ressentimento são considerados maus, é domesticá-los através dos mais dolorosos castigos (NIETZSCHE, 2007, p. 55) e assim supor que os tornarão melhores, uma vez que ressentidos e humilhados. Pretende-se que em suas memórias fiquem as marcas inapagáveis dos valores morais aos quais devem dizer *amém*.

É oportuno notar que Nietzsche lançou mão em sua obra *Assim falou Zaratustra* de animais que adquiriam espaço em sua reflexão como personagens de destaque. É o caso da águia, do camelo, da serpente e do leão[5]. Entretanto, eles não têm lugar dentro dessa dicotomia que estabelece com rigidez uma divisão entre bons e maus. Pois os animais – que circundam Zaratustra – não têm suas ações guiadas pela moral; não estão, portanto, presos dentro dos limites entre o bem o mal. A serpente, a águia e o camelo, não estão sujeitos a agirem de acordo com escolhas que indiquem sua liberdade. Agem sim, por instinto. E de forma tal que somente assim, de acordo com esses impulsos que lhes são naturais, podem agir. Orienta, assim, o seu viver, os impulsos instintivos, que ora se opõe a moral dos homens enquanto padrão para julgamento.

Dentro da concepção moral dos escravos, a postura apropriada para o lobo e para a cigarra é a da correção pela busca do autocontrole acompanhada de um ascetismo descomunal. Ou seja, deve ele negar a carne e assim direcionar sua dieta para um novo ponto cardeal: abstinência, acima de tudo, mas não somente isso. O lobo e também a cigarra devem sentir-se culpados por todas as suas ações. Devem, respectivamente, se arrepender de todos os dóceis cordeirinhos que seu apetite devorou pusilanimemente, e de todas esforçadas formigas que não foram auxiliadas –

[4] Local onde animais reclusos são domesticados.

[5] NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Sousa. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2011.

pois a moral que prevalece orienta que o arrependimento é o caminho para a salvação.

Esses personagens precisam, nesse caso, do cultivo da memória. Ela deve ser impressa neles, marcada em sua pele a ferro e fogo; e não há outra saída para tanto senão que muito sangue seja derramado: “[...] talvez em toda pré-história do homem não haja nada mais terrível nem mais inquietante que sua mnemotécnica.” (NIETZSCHE, 2007, p. 59). É preciso castigá-los, torturá-los, até que se entendam como autores de enormes malefícios. Até que se confessem culpados e arrependidos, e que por isso, após intransigente penitência, a sagrada misericórdia seja derramada sobre eles. Nietzsche irá chamar essa concepção como moral dos homens da igreja, moral dos escravos que um dia se rebelaram.

A moral dos escravos conclama e insufla uma caçada a quem incomoda. Uma perseguição a todos aqueles que, em virtude de seu comportamento desertor, negam a postura considerada correta dentro dos padrões morais estabelecidos. Consequentemente, o sujeito acossado será espremido para que negue a sua conduta a qual, por comparação com os mais fracos, já fora considerada ruim. Uma vez perseguido, o pecador será merecedor de castigos e infâmias, indigno de permanecer entre os homens e de com eles compartilhar o forjado júbilo de sua existência moral se, além de tudo, não se apresentar transbordante do mais humilde arrependimento. O lobo precisa assegurar a si mesmo o peso de toda culpa. E dessa forma entender–se como errado e buscar a absolvição através da negação de seus instintos. Nesse caso, através da negação de si mesmo, porque de sua natureza. No entanto, isso é insalubre a ele próprio – anular-se, castrar-se, a quem tais ações hão de trazer benefícios? Sobre essa questão convém citar as palavras de Nietzsche:

> Exigir da força que não se exteriorize sob a forma de força, que não seja um querer conquistar, um querer subjugar, um querer tornar-se dono, uma rede de inimigos, de resistências e de triunfos, é tão insensato quanto exigir da fraqueza que se exteriorize como força. (NIETZSCHE, 2009, p. 42).

Quanta violência, portanto, deve ser empregada para frear a força e bloquear vontades? Uma violência descomunal, capaz de se chocar com os mais profundos e internos impulsos naturais de um ser vivo. Ideias como essas irradiam-se dos moralistas que batalham com subserviência por uma moral irremovível. E os lugares que lhes prestam de morada sagrada, de fonte de onde brotam as verdades e as tábuas de mandamentos, são os altares das igrejas e sinagogas. A moral do escravo,

do homem fraco é, segundo Nietzsche, a dos homens da igreja. Eles que sugerem curas através de fórmulas dolorosas: a negação das paixões; a abstinência de sexo, de alimentos e de entorpecentes. Pois para eles os desejos simbolizam demônios sinistros capazes de em um excesso arreganhar as portas do inferno, do mal, do erro:

> Para a igreja o remédio para a paixão é a eliminação em todos os sentidos: sua prática, sua 'cura' é a castração. Ela nunca pergunta: 'Como se pode espiritualizar, embelezar, divinizar um desejo?' – tudo o que sempre fez foi dar ênfase à disciplina, ela pôs a ênfase da disciplina na extirpação (da sensualidade, do orgulho, da ânsia de poder, da avareza, do desejo de vingança). Mas, atacar as raízes da paixão é o mesmo que atacar as raízes da vida; a prática da igreja é danosa a vida. (NIETZSCHE, 2009, p.50).

Claramente Nietzsche abre fogo contra os valores criados pela igreja católica, visto que representam negação, privação e encabrestamento. Desejam criar homens dóceis e obedientes; previsíveis e capazes de frear seus desejos mais profundos e avassaladores em prol de uma moral dominante. Sobre isso avisa Nietzsche:

> [...] certas ideias devem tornar-se indeléveis, onipresentes, inaudíveis, 'fixas'. Com fim de hipnotizar o sistema nervoso e intelectual, suprimindo a concorrência de outras ideias [...] (NIETZSCHE, 2007, p. 59).

Nesse sentido, de acordo com Nietzsche, não há sob a terra algo que se pronuncie mais perigoso e danoso, não somente à espécie humana em particular mas a vida de forma geral. Uma vez que assim os desejos passam a ser olhados de canto de olho, com desconfiança; haja vista que, com relação aos sentidos, o platonismo e toda tradição racionalista atribuiu a mais purulenta sentença: os sentidos são enganosos. Não se podem confiar neles, não são merecedores de crédito e, portanto, uma coisa para ser válida, certa, bela, tem de afastar de si a maléfica influência dos sentidos. Embora Nietzsche posicione-se totalmente contrário a isso, na medida em que: "É com os sentidos que percebemos a autenticidade, a boa consciência, toda evidência da verdade." (NIETZSCHE, 2006, p. 73). Sobre sentenças como essas Nietzsche é categórico ao discordar:

> Os sentidos não mentem quando nos mostram o devir, o perecer, a transformação. [...] o mundo 'aparente' é o único que existe: o mundo 'verdadeiro' é apenas uma adição enganosa. (NIETZSCHE, 2009, p. 40).

Nietzsche, renega com energia e ironia as oposições que sustentam a metafísica, uma vez que demarcam polos bem distintos e separados, como símbolos repousados em coordenadas geográficas nas quais sua suposta natureza não poderia

jamais se encontrar. O certo e o errado, desse modo, não se tocam e consequentemente também não se confundem. Sua polarização é marca rígida – que além de tudo se pretende eterna e incorrigível – de uma oposição que é também moral. Ou seja, a referência aponta para valores morais que devem ser esclarecidos a fim de não se aproximarem, e assim também, em hipótese alguma, não se embaraçarem. Devendo, para tanto, repousar em lugares distantes e ainda afastar-se dos próprios homens e de suas ações tão permeadas por paixões, impressões e sentidos explosivos e incontroláveis.

A moral do escravo na medida em que avalia personagens enquanto sujeitos realizadores de ações dentro da narrativa, os polariza com clareza e com intenção de afastá-los, tendo em vista a concepção de que um comportamento é e sempre foi mau e outro é e sempre foi bom. E, além disso, a demarcação e sua manutenção dentro dessa moral significa cunhar e anunciar a existência do bem e do mal, como Nietzsche faz referência na seguinte passagem:

> Nossa mente repele a ideia de que algo possa nascer do seu contrário, como, por exemplo, a verdade brotar do erro, ou ainda a aspiração pela verdade ser gerada pela vontade de enganar. Pode a ação egoísta surgir do egoísmo? Ou a contemplação pura do sábio emanar da cobiça? Tal origem parece impossível. Assim, aceitá-la parece próprio de tolos. As realidades mais sublimes devem ter outra origem, que lhes seja peculiar. Não podem derivar deste mundo efêmero, enganador, ilusório e mesquinho, deste labirinto de desejos e frustrações. É no mais íntimo do ser, no imperecível, na divindade oculta, na 'coisa em si', que deve estar o seu princípio, sua razão de ser, e em nenhuma outra parte. (NIETZSCHE, 2006, p. 10).

A moral que aparta bons e maus também abraça, de forma afetuosa, as ideias de uma metafisica incapaz de validar a possibilidade que algo surja do seu oposto. De acordo com tal máxima, a honestidade atribuída a um sujeito não poderia decorrer de uma espécie de trapaça promovida por ele, em qualquer que seja a ocasião. Segue-se a isso que de proposições falsas não podem suceder conclusões verdadeiras. Do mesmo modo que, de um sujeito já avaliado como mau – por uma concepção moral como a dos escravos – não se poderia concluir qualquer tipo de bondade. O bem gera o bem e nada mais; e o mesmo se dá com seu contrário.

O lobo, que é marcado como mau a ferro quente pela moral, tem que se arrepender; e o mesmo acontece com a cigarra, rotulada de à toa. Assim como ocorre com os sujeitos que se assemelharem a esses personagens de fábulas. Devem frear instintos e desejos e através do castigo calcar uma memória que os façam lembrar-se

das regras. Afinal, a moral pretende impor-se através dos tempos e, para tanto, não poupará esforços, lançando mão de um processo civilizatório do homem com intuito de torná-lo controlado e subserviente: “O essencial, em toda moral, é o fato de exercer uma longa imposição.” (NIETZSCHE, 2006, p. 83). Falta ao homem comparado ao lobo uma negação de seus instintos, ao mesmo nível que falta ao homem imoralista a obediência a tudo o que se prescreve de modo gregário.

A longa imposição que Nietzsche menciona diz respeito aos valores que uma moral impõe sob a autoridade de terem nascido em um altar sagrado. Não se poderia, portanto, desconfiá-los. O simples suspeitar de sua origem pura e além desse mundo, representa, por si só erro irreparável. Sujeito ao fogo de públicas fogueiras, à asfixia de longas cordas, estariam aqueles que duvidassem da correção abençoada da verdade. Tudo em prol de não alterar o rumo da “nau dos loucos”[6] que navega no seio dos rios, retirando de cidade em cidade os que contestam, ridicularizam, zombam de toda sacralidade dos bons costumes que tem seus motivos ligados não ao sagrado imaculado, mas sim a interesses escusos e humanos, demasiadamente humanos. (FOUCAULT, 2000, p. 13).

Cabe ao imoralista hastear uma bandeira que não traga as cores sagradas e as palavras de ordem imortais acerca do comportamento humano. Pois os tons dos panos que lhe servirem desbotarão com o sol e a chuva. E por isso, de tempos em tempos, serão novamente repensados, remendados e até mesmo completamente abandonados. E suas palavras de ordem não serão como uma tábua de categorias, posto que de si mesmas gargalharão acerca de designações que antes supunham qualquer dever.

I.4 - Uma concepção de moral e um método para refletir sobre um personagem.

[6] Alusão à nau dos loucos, referência assinalada por Michel Foucault em História da loucura, onde se lê: “Nau dos loucos, estranho barco que desliza ao longo dos rios da Renânia e dos canais flamengos” (FOUCAULT, 2000, p. 13).

As duas concepções de moral anunciadas por Nietzsche (moral do senhor e do escravo), bem como o método genealógico por ele tomado como ferramenta a fim de penetrar nas engrenagens do valor dos valores morais, se correlacionam aqui com o estudo sobre o personagem. Nesse caso, o olhar sobre o personagem tem como alvo a moral que ele carrega e consequentemente difunde através de escolhas, ações e gestos. É preciso notar ainda sua relação constante com os mais diversos sujeitos e ambientes e enfatizar que para este trabalho estão em foco as relações da moral dos personagens com a dos estudantes do ensino médio, e a maneira como o professor de filosofia pode se apropriar dessa relação, visando o trabalho filosófico dentro da escola. E, além de tudo, deixar claro aqui a investigação sobre o *personagem moral ou a moral do personagem,* bem como a busca por uma resposta para a pergunta: personagens de literatura são filosoficamente provocativos? Relacionando-a com o ensino de filosofia, a partir da experiência realizada dentro do colégio estadual de nível médio Pedro Braile Neto, em Resende, RJ.

O personagem e a moral que ele veste fazem a manutenção de valores que organizam relações e modos de ser (BRAIT, 1985, p. 23). E muito simpáticos são os jovens secundaristas aos mais diversos personagens, sem que desconfiem das intenções morais por eles carregadas; o que também não significa que seus fictícios heróis devam ser, por isso, condenados e abandonados como se constituíssem demônios tentadores à serviço do mal. Não se deve pensar que sua composição significa sempre, de forma inata, o perigo de uma moralidade nociva e doentia, e por isso crucificá-lo. Pois um personagem surge como uma alternativa para a discussão acerca do que significa a moralidade e de como ela imprime sobre os estudantes leitores os efeitos capazes de determinar atuações e gostos, e o sentido da vida que se vive naquele mundo, naquele tempo que se transforma em território do leitor (BENJAMIN, 1994, p. 11).

Munido do método genealógico, o professor começa a destrinchar o personagem em função de sua criação, sua história, o contexto de sua invenção e os interesses carregados sob sua capa, trazendo à luz de uma filosofia crítica como a que foi longamente expressada por Nietzsche. Pesquisar genealogicamente um personagem significa mostrar que ele representa desígnios que não esquivam da realidade da cobiça por poder, das articulações da política e dos interesses econômicos dos homens que o criaram.

Consequentemente, perguntar sobre moral do personagem ou personagem moral, implica dizê-lo como um símbolo criado pelo homem e por isso impregnado de moralidade. Qual é essa moral, e mesmo se ou como ela se localiza dentro de uma das duas concepções apresentadas por Nietzsche (expostas aqui neste trabalho), cabe à investigação que se fará acerca de um personagem específico.

Neste momento chama a atenção o fato de Nietzsche ter criado seus personagens de modo a funcionarem como veículos, através dos quais sua crítica à moralidade dos escravos seguiria sem respeitar limites geográficos. São a serpente, a águia, o leão e o camelo; mas também aparecem o ladrão, o andarilho, o feiticeiro, o sábio, o sacerdote, o equilibrista e o santo. Deve-se levar em consideração que o próprio Zaratustra, que dá título a obra *Assim Falou Zaratustra*, também surge como um personagem errante e solitário, afastado e contrário às atitudes gregárias e aos ideais ascéticos e em luta contra os preceitos morais estabelecidos como oficiais.

É o que acontece já no fim do segundo tratado de *A Genealogia da moral*, onde Nietzsche faz referência à árdua tarefa apresentada, como a luta contra os conceitos morais que implicam uma negação da vida a partir da exaltação de um ideal ascético e da proliferação do ressentimento provedor, por sua vez, de forças reativas. Com relação a essa batalha, o filósofo alemão refere-se também a um grande problema, que é representado pela dificuldade de encontrar ouvidos que ouçam sua mensagem e se encorajam lançando-se ao combate contra os conceitos morais: “Para quem se dirigir hoje com tais esperanças e tais exigências?” (NIETZSCHE, 2007, p. 91). Seguindo dessa forma, Nietzsche acaba o segundo tratado deixando claro que somente uma pessoa pode empreender-se nesta tarefa, somente uma pessoa tem fôlego e bravura suficiente para isso; somente uma pessoa se empreenderia sem a vaidade de criar discípulos, lançando-se em tal serviço sem o almejo de ser visto como messias, como mártir: esse é Zaratustra. Um personagem criado para ser atrevido, para ser genealogista e crítico do valor dos valores morais postos pelos ressentidos, criado para realizar a transvaloração de todos os valores:

> Mas, que estou dizendo? Basta, basta! Neste ponto, só há para mim uma atitude convincente, calar-me. Estaria metendo a mão naquilo que só é permitido a alguém mais jovem, a alguém mais “a vir”, a alguém mais forte que eu – o que não é permitido senão a *Zaratustra, Zaratustra, o sem-deus*. (NIETZSCHE, 2007, p. 92).

Zaratustra é chamado por Nietzsche como um mago evocaria as forças de um trovão. E assim, o personagem ganha matizes audaciosos, misteriosos e carrega

também o projeto de falar aos homens no tom mais agudo que a crítica proposta pelo filósofo pode apresentar. Haja vista o fato dele descer das montanhas e deixar os dez anos de solidão vividos nos altos cumes de ar árido com o intuito de encontrar e falar aos homens: “eu amo os homens.” (NIETZSCHE, 2011, p. 12). Zaratustra não vai para a solidão de montanhas e cavernas com a intenção de criar novos modos de ser; não o faz a fim de instituir novas e mais elevadas formas de governar a vida entre os homens. Ao contrário, vai refletir e negar o que é gregário; e uma vez sabendo que a moral tem berço humano e não puro e divino, volta para ter com os homens; volta para criticar o valor dos valores morais que se pretendem eternos enquanto tábua de preceitos morais.

Como personagem Zaratustra traz consigo, em sua composição, características que o assemelham a figuras religiosas como Jesus e Buda: a busca do exílio no deserto por volta de seus trinta anos de idade, a fuga dos homens e de seus valores por discordarem de suas incoerências. Zaratustra também faz uma reflexão sobre as questões morais:

> Aos trinta anos de idade, Zaratustra deixou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para as montanhas. Ali gozou do seu espírito e da sua solidão, e durante dez anos não se casou. Mas enfim seu coração mudou – e um dia ele se levantou com a aurora [...]. (NIETZSCHE, 2011, p. 11).

Mas, em contrapartida, Zaratustra tem um ideal diferente: a transvaloração de todos os valores. O eremita busca refúgio para se purificar através de uma moral que ele julga superior a partir de uma comparação com a moral dos outros homens. Ele crê em uma forma pura e superior de moral e, talvez por isso, castigue a si mesmo buscando, sob suplícios incontáveis, purificar-se das impurezas dos desejos, dos instintos animalescos que se agitam ferozes dentro de sua frágil carcaça (NIETZSCHE, 2007, p. 77). Contrário a isso, Zaratustra busca a transvaloração na medida em que investe em fundar os valores através de novas bases (MARTON, 1993, p. 65). Mas, para tanto, é necessário haver uma desconstrução do que está erguido, pois: “Para edificar um santuário é preciso destruir um santuário, é a lei [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 91).

É preciso, portanto, que se identifique como bem, como bom, tudo aquilo cuja proveniência tiver raízes na própria vida, na própria natureza. Desse modo, a transvaloração como tarefa de Zaratustra significa associar a má consciência a tudo aquilo que seja não natural. A partir de tal aceitação seria avaliado como falso,

incorreto e prejudicial toda ação não natural, toda escolha que negue a vontade, toda restrição que cerceie as erupções dos sentidos. Sobre isso diz Nietzsche:

> O homem só considerou por muito tempo suas inclinações naturais com 'mau olhar', de modo que acabaram por fundir-se com a 'má consciência'. Em si, uma tentativa inversa seria possível – mas quem seria bastante forte para isso? – a saber, fazer fundir com a má consciência todas as inclinações não naturais, todas essas aspirações do além, ao contra sensível, ao contra instinto, a contra natureza, a contra animalidade, numa palavra, tendo os ideais existidos até agora, são todos eles sem exceção ideais hostis à vida, ideais que difamam o mundo. (NIETZSCHE, 2007, p. 91).

Seriam assim, tanto Zaratustra como o eremita, personagens morais? Uma vez que fugiram do convívio social com outros homens no afã de criticá-los, e nessa medida resguardar-se na floresta ou no cume de uma montanha, pode significar um ensaio de reformulação da moral? Se assim for, é coerente concluir que tanto Zaratustra como o eremita são personagens morais, pois ambos são formulados, como personagens, com um objetivo perante a moral estabelecida? São ambos personagens morais? Não é o que parece através das palavras de Nietzsche.

O personagem moral, de acordo com uma perspectiva nietzschiana, diz respeito àquele que nega a vida e seus instintos. Sendo assim, a transvaloração dos valores morais, empreendida por Zaratustra, deve pautar-se em uma afirmação da vida; na superação completa de todos esses valores estabelecidos sob a pretensão de uma eterna legitimidade; na negação de todo ressentimento, de toda compaixão da modernidade envolvida pela religião cristã. Zaratustra nega a moral estabelecida sobre bases que se dizem pertencerem a um além-mundo. Nega a oposição fixa entre bem e mal e, por isso, é um personagem imoralista diferentemente do eremita moralista.

Na conversa que se passa entre Zaratustra e o eremita, este aconselha o personagem nietzschiano a não descer até os homens – o que sugere o perigo ao qual se submete quem ingressa em tal empresa. O eremita é aquele que abandona os homens desde o momento em que se refugia na floresta. Portanto, é aquele que não mais descerá até eles, pois julga possuírem uma moral inferior perante ele mesmo, que asceticamente busca outra moral: a saber, superior. Zaratustra não, ele volta; todavia, não imbuído de levar até eles uma nova moral envolvida por valores considerados superiores, ou seja, não encarregado de levar até eles uma nova forma de negar a vida. Zaratustra quer que os valores morais sejam superados para que o próprio homem seja então superado. Entretanto, seu caminho não está livre de percalços e conselhos:

> O santo riu de Zaratustra, e falou assim: “Então cuida para que recebam teus tesouros! Eles desconfiam dos eremitas e não acreditam que viemos para presentear. Para eles, nossos passos ecoam solitários demais pelas ruas. E, quando, deitados, deitados à noite em suas camas, ouvem um homem a caminhar bem antes de nascer o sol, perguntam a si mesmos: aonde vai esse ladrão? Não vás para junto dos homens, fica na floresta! Seria até melhor que fosseis para junto dos animais! Por que não queres ser, como eu – um urso entre os ursos, um pássaro entre os pássaros?” (NIETZSCHE, 2011, p. 13).

O eremita orienta Zaratustra para que seja como ele, buscando convencê-lo de que essa é a saída menos dolorosa e mais apaziguadora para o espírito, que uma vez em contato com os homens novamente há de se encolerizar e de cultivar novos dissabores e decepções. No entanto, como Zaratustra não está seguindo um caminho que o leve ao encontro de um ideal moral supostamente superior, ele nega os conselhos do eremita e continua sua trilha rumo aos homens. Seu intuito não é o de convencê-los sobre valores mais elevados; Zaratustra não nega a vida e suas forças. Acontece que para negar a moralidade e as condutas humanas os ascetas eremitas negam principalmente a própria vida e isso, para Zaratustra, é um grande problema pois representa a ação de um inimigo sendo, por isso também, um ideal a ser combatido. O presente do eremita, ao qual se faz referência na citação, é justamente uma nova moralidade, uma nova conduta, seguida (prescrita) à base de negação e afastamento daquilo que para ele torna os homens impuros. O eremita é um personagem que busca uma moral absoluta. Mas essa afirmação, por sua vez, não pode ser feita sobre Zaratustra.

Em oposição a qualquer personagem moral está a figura do homem grego mergulhado na tragédia, para o qual a vida significa sua ligação com a terra em que vive; com a terra que era o palco de suas ações que não representavam, de modo algum, absolvição ou condenação dos atos praticados. Não havia qualquer tipo de salvação, tampouco outra vida, e assim nenhuma negação do seu estar no mundo. Portanto, aceitar a vontade não significava em instância alguma qualquer espécie de pecado. Haja vista, que ao criticar tanto Wagner e sua música como Schopenhauer e sua filosofia, Nietzsche faz referência ao que considera um enorme engano seu:

> Yo consideraba el conocimiento trágico como el más bello lujo de nuestra cultura, como su más precioso, más noble, más peligroso modo de disipar; pero en todo caso como un lujo que le era licito en consideración a su gran riqueza. Así también interpretaba yo la música de Wagner como expresión de um poder dionisíaco del alma; em ella creí oir el terremoto con que una fuerza primordial de la vida, comprimida desde la antiguedad, se manifestaba al fin; [...] Ahora se

> ve qué mal conocia yo este hecho, y que es lo que yo “daba” a Wagner y a Shopenhauer; yo mismo me daba a ellos [...] toda arte, toda filosofia, puedem ser considerados como remédio y socorro a la vida que asciende o desciende; siempre presuponen sufrimientos y seres que sufren. Pero hay dos clases de gentes que sufren: los que sufren por superabundancia de vida, los que quieren un arte dionisíaco y una visón y una perspectiva trágica de la vida, y los que sufren por empobrecimiento de la vida, y desean del arte y de la filosofia calma, silencio, mares tranquilos “o bien” embriaguez, convulsión, embrutecimiento. Vengarse de la vida misma es la mayor espécie de voluptuosidad embriagadora para semejantes empobrecidos. A la doble necesidad de estos últimos pertenecen tanto Wagner como Schopenhauer: niegan la vida, la calumnian, y por este hecho son mís antípodas. (NIETZSCHE, 2005, p. 2).

O homem trágico, que afirma sua existência no mundo através de suas ações e da vida arrebatadora imersa em uma arte dionisíaca que, por sua vez, não foge da própria vida, é exemplo do que o homem perdeu (NIETZCSHE, 2007, p. 52). E assim, o caminho seguido por Wagner e Schopenhauer não somente mostra-se perigoso, porque há de atrair ainda mais seguidores, como também expõe a fraqueza de homens que se sentem pecadores e que por isso lutam e exaltam o *desinteresse*.

Nietzsche, como mostra a citação acima, assegura a existência do sofrimento, do feio e do desarmônico como inerente a nossa condição de corpo que vive a partir e em razão das mudanças provocadas nele pelas tensões do jogo de força que lhe atravessam a existência (NIETZSCHE, 2007, p. 139). O que pressupõe que o sofrimento não é de forma alguma um problema ou, em outros termos, não é a doença que nos arrasa a existência, tornando-a uma barreira a nós mesmos; não é o câncer que nos há de gangrenar a vida. Essa barreira está estabelecida pela tendência ascética, pela imperturbabilidade da alma (a *ataraxia epicurista*). Tal tendência, como negação da vida e, por conseguinte, também do viver, se fortaleceu a partir das contribuições de Wagner e Schopenhauer, que na visão de Nietzsche assentam nota após nota, palavra após palavra, mais pesados e perigosos penedos no muro que se ergue entre o homem e a vida. Desse modo, os dois, ao negarem a vontade e a arte grega da tragédia, transformam-se nos arquitetos da robustez e da altura desse muro que nos põe no lado de cá da vida. Coloca-nos em uma situação onde sequer podemos vê-la e senti-la em todas as suas expressões.

Portanto, neste sentido, Zaratustra é um personagem imoral. Entretanto isso significa que a ele não possamos perguntar: Qual a moral desse personagem? Nesse caso, a questão passa também por saber qual (ou quais) valor orienta o objetivo, a ação de Zaratustra, a saber, a transvaloração de todos os valores.

De acordo com o moralismo moderno baseado em ideais cristãos, tão criticados por Nietzsche, o personagem moral é baseado na retidão, na vigília incessante do fazer justiça (GIACOIA, 2008, p.17). Está, pois, sempre atento e apto a fazer o bem, porque o bem supremo existe em si mesmo e pode ser alcançado por uma conduta reta, pré-estabelecida. Tem-se aqui, inclusive, uma correlação com a luz desenhada por Platão no mito da caverna - luz da razão, do conhecimento verdadeiro, do bem supremo, da virtude.

O personagem moral é identificado como um personagem apolíneo: imparcial, grave, exemplar. Por outro lado, os mesmos ideais morais também desenham o personagem imoral como um sujeito indefinido, obscuro, que não se mostra a luz da justiça dos homens de bem. Esse personagem se entrega a trapaças e delinquências, mas não perde sua inteligência e astúcia. Diferente dos heróis seu caminho não é reto e os excessos de suas escolhas podem torná-lo injusto em alguma encruzilhada; e o que se busca mostrar através dessa postura é a inclinação quase que genética para ações absolutamente más. Ações de um mal indelével que deve ser exorcizado da face da terra através da culpa e da condenação promovidas pela justiça. Nesse sentido, os personagens imorais estão sempre embriagados por seus exageros, como ideias de destruir massas de inocentes. Abuso, embriaguez, obscurantismo e indefinição são como que a forma do líquido que percorre suas veias; características de um personagem imoral, como Dionísio, que harmônica e adequada contraposição faz com a postura do personagem moral, apolíneo.

Para continuar tecendo considerações acerca da questão que intitula o capítulo, é importante ressaltar que tratar Zaratustra como personagem é percorrer um caminho pouco habitado. Isso porque ele é, junto do ermitão, do andarilho e de outros criados a partir da obra *Assim falou Zaratustra*, um dos poucos personagens usados em obras de filosofia. Ocorre, por conseguinte, que a pergunta 'Moral do personagem ou personagem moral?' passa a ser uma investigação sobre personagens da literatura; criados por sua vez em contextos políticos, sociais, econômicos e até mesmo – ou sobretudo – ideológicos bastante específicos. O que faz com que, em decorrência disso, respeitem um desenvolvimento de eventos históricos que precisam ser observados de modo que o personagem seja então sondado, neste caso, através do método genealógico.

Para tanto, a disparidade de tipos que a literatura oferece é terreno fértil. Haja vista a variedade encontrada, por exemplo, entre um personagem moral como o

Super-Homem e outro cuja personalidade nebulosa e talvez sombria, como o Batman, levante em primeira instância a pergunta: É ele um personagem imoral? O primeiro carrega em si a vontade de fazer justiça, a ordem, a temperança e a benevolência. O Super-Homem é um exemplo de "bom indivíduo" de "boa conduta" de "cidadão modelo". Um tipo de sujeito apolíneo, se pensado nos termos como Nietzsche apresenta a questão. Sempre preocupado com a retidão; um ótimo padrão para todo restante da sociedade que a simples visão da sua presença tem a chama da esperança e da tranquilidade - talvez da *ataraxia* - acesa, no que diz respeito à briga do bem contra o mal. O Super-Homem é o soldado apolíneo disposto a defender a cidade de qualquer assalto que o mal se proponha a fazer. E por isso, ele é impiedoso contra aqueles que cultivam uma ação má; tendo em vista sua máxima para a qual toda pessoa que fizer – ou mesmo pensar em fazer – mal a um inocente será por isso mesmo má. O que sugere, portanto, um valor absoluto. Um ponto inicial e imóvel a partir do qual se ergue e estabelece um conceito moral.

Por outro lado, embora não se possa situar o Batman enquanto personagem mau, é evidente que ele não representa o bom mocinho assim como acontece com o Super-Homem. Não que ele assuma despreocupação com a criminalidade, mas ocorre que o pano de fundo no qual tece suas ações é diferente: a noite é o seu terreno preferido. Além do que, é denominado sob a alcunha de cavaleiro das trevas e homem morcego, animal cuja representação no imaginário popular está associada a algo medonho e desagradável. É lícito afirmar que o Batman é um personagem moral, uma vez que entre suas ações e intenções flutuam sentimentos como vingança e ódio? Embora o personagem empenhe-se em uma luta contra o mal não se pode dizer, a partir de claros indícios, que ele atue sobre o ideal moral de um bem e mal em si mesmos. Dito isto, convém perguntar: qual é a moral desse personagem?

Buscar responder essas perguntas ao longo do texto é, antes, saber o que se crê por bem e mal; e ainda pensar como são produzidos e, sobretudo, validados. Possibilidades de resposta hão de surgir, contudo não sem primeiro o entrar em cena de aventureiros corajosos:

> Alguém quer olhar um pouco para baixo, até o fundo, para ver o segredo da fabricação dos ideais na terra? Quem tem coragem para tanto? (NIETZSCHE, 2007, p. 43).

Se a avaliação acontecer a partir da crítica nietzschiana (ou seja, do valor dos valores morais), deve-se pensar que as inclinações naturais, uma vez avaliadas como

símbolo do que afirma a vida, são positivas. E que, por outro lado, o que nega os sentidos, os instintos e a vida são símbolos de decadência e por isso negativos.

Tais questões ilustram a maneira nietzschiana de olhar escandalosamente dentro dos decotes das intenções da moral. Pois as respostas anunciam uma maneira de julgar, de avaliar moralmente. Responder se Zaratustra, Super-Homem ou Batman, são ou não personagens morais diz respeito a explanar o valor dos valores morais adquiridos pelo sujeito que se põe na condição de juiz. Entretanto, é também uma forma de trazer esse valor à luz da discussão e da crítica no sentido que foi elaborada por Nietzsche, já que todo valor pressupõe uma forma de avaliar.

Neste caso, o Super-Homem é um justiceiro para uma concepção moral que prescreva uma ação coercitiva perante aqueles que se esquecem das regras. De modo que o homem de aço chega a ponto de levar ao pátio do presídio um malfeitor como Lex Luthor. Já o Batman, embora se empreenda em uma briga contra os *fora da lei*, não chega, por sua vez, a entregá-los desarmados e amarrados à polícia. Sua relação com os *homens da lei* cultiva certo distanciamento; embora se relacione, às escondidas, com o chefe da polícia da cidade, o comissário Gordon. Sentimentos opostos habitam seu coração e isso não se esconde. Em suma, é mais apropriado perguntar qual é a moral do Batman enquanto personagem do que questionar se ele é ou não um personagem moral. Isso, na medida em que se precisa investigar detalhadamente e genealogicamente os conflitos, os jogos de forças que tencionam para lados diversos e, assim, organizam e orientam as ações do personagem.

Ainda com relação ao Super-Homem ele é um personagem que luta sim pela manutenção de uma moral vigente – neste caso, estadunidense – de um mundo pós-segunda guerra mundial. Então ele, com seu uniforme cujas cores fazem menção à bandeira dos E.U.A. traz uma mensagem. Afinal, quando tudo parece que dará errado ele troca de roupa em uma cabine telefônica e salva a humanidade. Está aí o povo estadunidense simbolizando todo resto do mundo, enquanto que o Super-Homem, voando apolíneo dentro de sua armadura, como os E.U.A. dentro de seus foguetes, segue para salvar todo o resto da humanidade de qualquer vilania. Está posto, consequentemente, o papel do personagem principal que tem sua moral evidenciada em um romance. É ele um indivíduo que surge para pôr as coisas nos “lugares certos”. É ele quem traz e mantém o bem, enquanto valor pré-estabelecido, imóvel e absoluto.

Embora personagens diversos tenham sido citados até agora, no caso deste trabalho em específico, as concepções nietzschianas referentes à moral, a crítica feita ao valor dos valores morais e o método genealógico, servirão como ferramentas para investigação de um personagem da literatura brasileira: a saber, *Simão Bacamarte* de Machado de Assis. Isso porque leva-se em consideração a dificuldade de vasculhar condutas e histórias de diversos personagens no tão curto espaço e tempo de uma solitária Dissertação. A partir da investigação de um personagem propõe-se ampliar a reflexão acerca do valor dos valores morais embutidos na sua criação.

Além do que, responder se um personagem é ou não moral ou apontar absolutamente qual o quilate da carga moral carregada por cada um deles, é mergulho merecedor de mais fôlego. De tal forma, interessa para esta pesquisa levantar a problemática de que um personagem é um ser ficcional envolto em figurino e enredo, mas sem esquecer que ele também é difusor de uma conduta.

Nesse sentido, mais interessa a observação empreendida sobre um personagem sendo a genealógica, pois assim ele será visto através dos valores que carrega. Isso uma vez que respeitam inclinações, sucessos e insucessos humanos e que, consequentemente, são alterados de acordo com os valores que se impõem como dominantes em um período específico da história de um mundo que é humano.

Por outro lado, menos interessa à pesquisa, nesta etapa, as respostas que as observações dos personagens, realizadas através de lentes com curvatura genealógica, trarão à baila. Se o Super-Homem, o Batman, Zaratustra, o Lobo, a Cigarra, ou Simão Bacamarte forem ou não considerados personagens morais ou imorais isso será uma consequência possível da pesquisa. Importa saber se, através de um método específico e utilizando como objeto um personagem de literatura, a filosofia e seu processo de ensino, encontram a provocação que se demonstre suficiente para a discussão sobre o valor dos valores morais dentro de escolas secundaristas.

Capítulo II - A crítica nietzschiana a moral explanada pelo estetoscópio de *Simão Bacamarte* de Machado de Assis

Tendo em vista o referencial teórico e o método apresentados no primeiro capítulo, a teoria alicerçou e o método guiou este trabalho de pesquisa. Nesse sentido, o que se busca é uma resposta para a pergunta que instiga a investigação: será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos?

Neste segundo capítulo, o intuito será de tomar ainda mais fôlego para responder a pergunta que permeia essa Dissertação, porém concentrando-se na crítica a moral feita por Nietzsche e no personagem *Simão Bacamarte* de Machado de Assis.

É importante notar que o personagem *Simão Bacamarte*, é um dos que integram o catálogo cuja produção surge em decorrência desta pesquisa em seus enfoques teórico e prático. E que nesta Dissertação, o personagem machadiano aparece em destaque em razão de ter sido o escolhido para a realização de atividades práticas com estudantes do ensino médio.

II.1 – Considerações iniciais

A segunda metade do século XIX é o momento histórico que oferece os subsídios filosóficos e literários necessários para a produção desta reflexão. Marcam esse período, na Europa, a Era Vitoriana, o auge e a consolidação da Revolução Industrial e o imperialismo; já no Brasil, destacam-se a abolição da escravidão e a proclamação da República. Ora fatos que mexeram com as condições sociais, políticas e econômicas não apenas de um país sul americano, mas também de todo o mundo. Haja vista, o alcance e a dimensão que a Revolução industrial e a libertação dos escravos proporcionaram ao sistema capitalista (HOBSBAWM,1995, p. 92).

Em meio a questões como essas que, por mais que se esforcem, não resumem um panorama histórico de cerca de meio século, no qual viveram o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) e o escritor brasileiro Machado de Assis (1839 – 1908), situa-se a presente relação estabelecida entre filosofia e literatura.

Essa breve exposição serve como pano de fundo sobre o qual se bordará uma aproximação entre o filósofo e o escritor. Mas não exatamente um ajuntamento entre suas pessoas. E sim entre a interpretação feita acerca do que Nietzsche apresenta como crítica ao valor dos valores morais e os gestos do médico alienista *Simão Bacamarte* criado por Machado de Assis. Pretende-se, desse modo, responder a seguinte pergunta que desde já se anuncia: Como explanar, através de O alienista (M. de Assis, 2008, Coleção: Um passeio pelo tempo machadiano), a crítica aos valores morais feita por Nietzsche? E a partir disso alcançar o objetivo central dessa pesquisa, que é responder a questão: Será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos?

O que também se deve anunciar nessas palavras iniciais é que o trabalho será feito com prudência. Uma vez que avizinhar dois pensadores deve também sugerir um ato arbitrário; uma tensão que, de acordo com a força empregada pode arrebentar todo o fio, a partir do qual espera-se bordar ideias e argumentos.

Sendo assim, não será percorrido um caminho no qual se busque levantar hipóteses que esbocem uma autêntica relação estabelecida entre Nietzsche e Machado de Assis. Visto que perguntar e responder sobre o fato de o brasileiro ter, por exemplo, lido o alemão, é um território de dimensões tais que são capazes de suportar as reflexões de outro texto de caráter filosófico.

II.2 – Nietzsche e Machado de Assis: O filósofo e o escritor em uma única época

A vida errante de Nietzsche pela Europa teve início em 1878 quando, por motivos de doença, licenciou-se na cadeira de filologia na Universidade de Basileia na Suíça (MARCONDES, 2010, p. 248). Além do antigo reino da Prússia, onde nasceu em 1844, viajou pela Suíça, Itália, Alemanha e França sempre em busca de melhores ares e solidão entre as montanhas (NIETZSCHE, 2011, p. 19). Com relação ao seu estilo de vida e de fazer e refletir filosoficamente, ele mesmo escreve:

> Amo a liberdade e o ar sobre a terra fresca; prefiro dormir sobre peles de bois do que sobre seus títulos e dignidades [...]. Mas eles se acham friamente sentados na fria sombra: querem ser apenas espectadores em tudo, e evitam sentar-se ali onde o sol queima os degraus. (NIETZSCHE, 2011, p. 119).

O fragmento demonstra a antipatia de Nietzsche perante seus contemporâneos. Uma animosidade com relação aos professores acadêmicos que reprovavam seu estilo lírico de escrever filosofia através de aforismos (ONFREY, 2014, p. 36). Enfim, além da linguagem um tanto quanto poética usada para anunciar a sua crítica filosófica, seu comportamento entendido como degenerador também não havia de ser visto com bons olhos. Mesmo assim, Nietzsche continuava a ser o desdobramento do aluno brilhante que em 1870 se formou em filologia pela Universidade de Leipzig.

É também por esse período que correm as ideias de uma unificação alemã (HOBSBAWN, 2011, p. 161), embora o filósofo não se tenha anunciado como um defensor do nacionalismo. Foi contemporâneo de personalidades políticas como Otto Von Bismarck, chanceler prussiano cujas atitudes ajudaram na primeira unificação dos estados alemães. O século XIX, portanto, enquanto tempo de Nietzsche, foi, principalmente para os alemães, uma época de conflitos. Nele havia aflorado a discussão sobre qual seria a verdadeira cultura do povo germânico. Procurando assim os valores capazes de unir, sob uma única bandeira, as mais de trinta unidades autônomas que englobavam até então aquela etnia. Ou esses valores seriam postos sob os fios das espadas prussianas cujas ordens eram dadas por Bismarck? É nessa atmosfera que Nietzsche se forma e inicia, com 25 anos, a lecionar.

Em 1872, lança *O Nascimento da Tragédia* e exalta uma estética fundada em valores antigos, resgatados do mundo greco-romano. Nele, valoriza a música Wagneriana e inicia uma luta na qual há de se engajar por todo restante de sua obra,

como um cavaleiro impiedoso em guerra contra um inimigo secular que, neste caso, é representado pelos valores da dialética socrática e da religião cristã. De acordo com Danilo Marcondes:

> O ponto de partida do questionamento da tradição filosófica em Nietzsche é sua discussão do próprio momento de surgimento da filosofia na Grécia clássica. [...]. Ao analisar, se é que se pode usar este termo em relação a Nietzsche, a mitologia, a tragédia, os rituais dionisíacos, a música grega na transição do período arcaico para o clássico, procura mostrar que algo de essencial se perde aí. A filosofia, segundo ele representada por Sócrates, o "homem de uma visão só", instaura o predomínio da razão, da racionalidade argumentativa, da lógica, do conhecimento científico, da demonstração. Com isso, o homem perde a proximidade com a natureza e suas forças vitais, que mantinha no período anterior e que encontra sua expressão nos rituais dionisíacos, na dança, na embriaguez. (MARCONDES, 2010, p. 248).

É, portanto, contra uma racionalização do mundo, empreendida pela maiêutica socrática, onde a verdade deve ser buscada a qualquer custo, porque somente ela é boa, certa e bela, que Nietzsche luta. Uma racionalização que teria imposto a vitória das forças apolíneas sobre as forças dionisíacas. Processo esse que, para Nietzsche, se encontra como base do início da filosofia ocidental segundo seus moldes socráticos. A partir desse ponto não cabe mais, na medida em que não tem mais validade, respostas dadas de forma instintiva. Pois a argumentação racional, e sua capacidade apolínea de dizer a verdade, impõem a aplicação da verdade ou da falsidade. Encontra-se aí, portanto, o desequilíbrio entre essas duas forças (Apolo e Dionísio). Afinal, como aponta Danilo Marcondes: "Com o desenvolvimento da razão filosófica e científica, o espírito apolíneo irá prevalecer, e o espírito dionisíaco, o desejo, a "afirmação da vida", será progressivamente reprimido." (MARCONDES, 2010, p. 249).

Há, por conseguinte, segundo a visão de Nietzsche, um legado do qual o homem ocidental ainda é herdeiro. No entanto, Nietzsche entende essa herança como aquilo que apequena, na medida em que torna o homem fraco e submisso (NIETZSCHE, 2010, p. 93). A vitória da força apolínea e a anulação da potência dionisíaca adestra a conduta, interfere no modo de ser do homem, na maneira como ele age, nas escolhas que faz dando ou não vasão aos impulsos de sua vontade.

Além disso, sua briga se estende também aos valores da religião cristã e sua ideia de vida após a morte; estímulo à resignação com as condições que são impostas ao homem; incomensurável respeito aos *homens da igreja* e principalmente negação

da vontade. Fundamentos como esses fazem com que Nietzsche denomine o cristianismo como a negação da vida (NIETZSCHE, 2008, p. 17).

E esse processo encontra ainda mais força para se expandir a partir do advento do cristianismo. Religião que dá uma direção rumo à aceitação de forças reativas. Nesse sentido, culpa e pecado tem lugar de destaque na formação de um homem submisso e manso em tal quantidade que se torne a própria arma frente àqueles cuja postura menospreza regras e ressentimentos; cuja altivez impede que a vontade seja reprimida em prol de um acordo gregário (NIETZSCHE, 2010, p.23). A imposição de elementos apolíneos, já na Grécia clássica, representa o hasteamento de uma bandeira representativa de uma nova moral para o homem ocidental.

Com o surgimento e expansão do cristianismo no mundo ocidental, principalmente na Europa da época de Nietzsche, tal bandeira moral passa a ser vista de distâncias cada vez maiores tal a altura que a religião a pretende elevar. São as alturas do mundo das Ideias, morada sublime da verdade e das formas ideais e perfeitas. Ou seja, de um só golpe juntam-se o céu cristão - lar eterno de quem em vida nega a vontade em face das regras morais, e a culminância das alturas do lar perfeito da verdade, da beleza, da justiça. Enfim, das essências imutáveis, dos padrões inatingíveis de toda imperfeição que há nesse mundo sensitivo, perene e mutável, como quer a teoria platônica do mundo das Ideias. Para Nietzsche, ambos se juntam para servirem de aparelho de dominação e enfraquecimento. Ainda de acordo com as palavras de Danilo Marcondes:

> A verdade e a moral são os instrumentos que os fracos inventaram para submeter e controlar os fortes, os guerreiros. A tradição ocidental é o resultado desse processo. (MARCONDES, 2010, p. 249).

A tradição ocidental, ainda se dá como fruto da imposição dessa moral que tem raízes nesses dois fatos: o predomínio do componente apolíneo em detrimento do componente dionisíaco e o surgimento e expansão da religião cristã.

Ao perceber semelhanças entre esses dois eventos Nietzsche chama atenção para o perigo que trazem embutidos em seus discursos (NIETZSCHE, 2013, p. 35). Pois não tem a intenção de fortalecer os homens. Não pretendem valorizar suas vontades e, deste modo, suas potências. Assim como não pretendem estimular a vida. Ao contrário dessas prerrogativas, pretendem tornar os homens covardes e dóceis; incapazes de brigar pelo que desejam. Pretendem apontar vontades e potências como

sinais de imperfeição; como aquilo que deve ser coibido, refreado, impossibilitado de se exteriorizar; como aquilo que deve ser corrigido. Pretendem, em suma, fazer com que os homens se apoiem em ideais de negação da vida. De negação dos sentidos, dos prazeres, do próprio mundo e tudo sob a evasiva moral de que, após a morte, há outro lugar à espera dos bons. Um lugar perfeito, sem lutas, tensões e desentendimentos. É importante dizer que os bons, os bem aventurados, os puros de coração, os virtuosos, são aqueles que negando a vida, seguem todos os mandamentos de uma moral imposta.

Mas, antes de marchar com mais firmeza pelo que se tem em vista como a crítica a moral feita por Nietzsche, deve ser apresentado o outro nome indicado no início desse capítulo.

Machado de Assis foi um menino mulato nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1839 (CAVALCANTE PROENÇA, 1999, p. 10). Neste contexto, o adjetivo lhe é significativo tendo em vista o fato da sociedade brasileira da época ainda ser escravista. Ora, poucas chances teria então aquela criança em um país organizado político e socialmente de tal maneira. Entretanto, contrariando as mais óbvias expectativas, o menino trilhou um caminho diferente.

Sua formação não foi fruto da frequência em bancos de escolas e Universidades. Porém impressiona o domínio da língua; a complexidade com que elabora tramas e personagens e a capacidade aguçada de cunhar armadilhas nas quais o leitor, por vezes, se vê preso ou conduzido hipnoticamente, como ocorre ao fazer referência a *Dona Evarista*, esposa do personagem principal, que dá título ao conto, *O Alienista*:

> A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu as admoestações do esposo; e à sua resistência, - explicável, mas inqualificável, - devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes. (M. de Assis, 2008, p. 7).

Neste caso, laboriosa referência ao fato de o casal não ter tido filhos.

Embora crítico do seu próprio tempo, que inclusive constantemente ironiza e convida o leitor de forma íntima a fazer o mesmo, Machado de Assis é também um sujeito que anseia participar daquela sociedade. A exclusão que o berço lhe impusera, não representava nele nenhum traço de mansa resignação. De modo que suas atitudes traduzem o desejo de pertencer a círculos sociais restritos na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Por isso vai encontrar o padeiro francês

a fim de conversar e assim tomar lições da língua (CAVALCANTE PROENÇA, 1999, p. 8). Dessa forma, é como considera Kujawski:

> [...] ao mesmo tempo, cúmplice e crítico desta situação. Cúmplice porque foi apoiado naquela mesma sociedade que ele se firmou como homem e como escritor admirado e respeitado. Crítico, porquanto sua lucidez e sua vocação de clássico para a visão integral das coisas, não lhe permitia aceitar como legítima uma exteriorização de virtudes e comportamento que sabia ser falsa. (KUJAWSKI, 2015, p. 5).

Mesmo situado no Brasil e empenhado em lutar para alcançar posições desejadas em meio a gente tupiniquim, Machado de Assis era atento à literatura produzida pela era Vitoriana, por exemplo. Há indícios de que admirava as obras de autores como Oscar Wilde, então contemporâneo do brasileiro (KUJAWSKI, 2015, p. 6). De tal possível relação de admiração interessa para essa reflexão pensar que a postura de O. Wilde se refere a uma crítica dos valores morais da sociedade britânica da segunda metade do século XIX, da qual ele mesmo fazia parte.

De acordo com Lionel Trilling (TRILLING, 2014, p.134) O. Wilde é um dos que rapidamente descartam a necessidade da verdade absoluta como guia ou ponto de referência para as ações humanas. Daí sua afinidade com Nietzsche: oposição à sinceridade; louvor à máscara e às coisas que nos parecem meras dissimulações. Com relação a esse tipo de postura, Trilling afirma que ironia se liga à máscara, pois quer dizer dissimulador. E ainda sobre isso outro trecho esclarece: “O homem é menos a si mesmo [...]”, disse Wilde, “[...] quando fala em seu próprio nome. Dê-lhe uma máscara e ele revelará a verdade” (TRILLING, 2014, p.136). E ainda cita Wilde mais uma vez e, embora a passagem seja curta, sua erupção é fervente: “As verdades da metafísica são as verdades das máscaras.” (TRILLING, 2014, p.140). Ao afirmar isso, Wilde se posiciona de uma forma que aqui levará a alcunha de nietzschiana, pois, ao negar valores absolutos como o pretendem ser os valores metafísicos, ele se aproxima do empreendimento realizado por Nietzsche, neste caso, um *filosofar com o martelo*.

Dentre os valores absolutos, sintetizados no termo verdades da metafísica, estão os valores morais, os quais são para Nietzsche, fundamentais para a montagem de um Estado, de um povo, de uma nação povoada por sujeitos moralistas, o que na concepção nietzschiana, significa fracos. Pois para dominar necessitam da criação de regras, ou seja, tem a carência de impor limites aos fortes, aos que transbordam sua vontade em forma de força. No entanto, tomando como parâmetro a filosofia crítica de Nietzsche, um povo criado a partir de indivíduos fortes, afirmadores de sua potência

não deve ser erguido sob a pretensão de uma moral absoluta e eterna (NIETZSCHE, 2009, p. 58).

Mas, antes de continuar a fazer levantados acerca da crítica que Nietzsche faz sobre a moral é preciso explanar duas considerações sobre Machado de Assis.

Primeiro, se o escritor brasileiro tinha contato com o trabalho de autores como O. Wilde é possível que tenha sabido do trabalho de Nietzsche que, por exemplo, no momento de produção e publicação do conto *O Alienista* (1882), ainda estava exercendo plenamente suas atividades filosóficas[7]. Entretanto, de modo a já responder as futuras objeções, não se defende aqui que tal contato tenha realmente existido. Visto carecer de provas que sustentem a afirmação.

Segundo, é que o brasileiro conhecia a obra de Wilde, e consequentemente suas ideias, as quais também apresentavam simpatia pelo trabalho filosófico de Nietzsche. Argumento sustentado pelo fato de Wilde se aproximar das ideias do pensador alemão, de acordo com os apontamentos feitos por Trilling.

Ainda sobre esse segundo ponto, parece pertinente ilustrar a questão da seguinte forma: Consta que no mês de maio de 1885, O. Wilde fora condenado a trabalhos forçados. E o crime era anotado como prática de atos imorais com rapazes.

A crítica de O. Wilde perante a sociedade vitoriana dizia respeito a moral daquela época. Que ora pretendia apresentar ao mundo um modelo ideal de sociedade e valores a serem respeitados. Sem, no entanto, deixar que toda sujeira fugisse de debaixo dos valiosos tapetes persas.

Com relação à moral, qualquer que seja ela e de quem quer que seja, diz Nietzsche: “[...] refiro-me ao doentio moralismo que ensinou o homem a envergonhar-se de todos os seus instintos.” (NIETZSCHE, 2007, p. 65). Sendo assim, o filósofo entende os valores ocidentais, baseados na dialética socrática e nos preceitos cristãos, como algo prejudicial para o homem. Nessa linha de raciocínio, Machado de Assis no seu tempo, teve alguma similaridade com Wilde e Nietzsche, mesmo que com relação ao segundo talvez apenas através da literatura e da crítica produzida pelo primeiro. Haja vista, ter se colocado como crítico da sociedade do seu tempo, e, portanto, como crítico dos valores morais dominantes naquele período.

Ocorre que a obra de Machado de Assis, suas tramas e o desenho que faz dos personagens criados, são envoltos por uma ironia que mascara intenções do autor,

[7] A Gaia Ciência, por exemplo, foi lançada em 1882. Nos anos seguintes foram lançadas ainda: Assim falou Zaratustra (1885); Para Além do Bem e do Mal (1886); A Genealogia da Moral (1887); O Crepúsculo dos Ídolos, Ecce Homo, O Anticristo (1888). Em 1889 ocorre a internação de Nietzsche em uma clinica psiquiátrica.

questão que deve ser interpretada através de Nietzsche: “Todo espírito profundo precisa de uma máscara.” (NIETZSCHE, 2010, p. 37).

Esse é o caso do conto *O Alienista*, onde *Simão Bacamarte* é apresentado, ao menos incialmente, como um personagem padrão, modelo para uma sociedade como a brasileira no final do século XIX. Ele é estudioso, aplicado, educado, gentil e, portanto, incapaz de qualquer imoralidade (M. de ASSIS, 2008, p. 16). É um homem de postura tal que a sociedade não apenas lhe daria todo crédito em qualquer que fosse a sua investida como também jamais lhe desconfiaria acerca da lisura nos processos realizados. Efeito disso é o crédito que vai conquistando junto a outros personagens do conto, como o boticário Crispim Soares, o padre Lopes e os vereadores de Itaguaí. Em todo caso, Machado de Assis não deixa de apresentar os sustos que a população demonstra com as práticas, inovadoras, do médico alienista na pequena cidade de Itaguaí. Pois não seria com indiferença com que o povo, em fins do século XIX vivido por Machado de Assis, receberia tais procedimentos. É o que se percebe no seguinte trecho:

> Não eram gritos na rua, eram suspiros em casa, mas não tardava a hora dos gritos. O terror crescia; avizinhava-se a rebelião. A ideia de uma petição ao governo para que Simão Bacamarte fosse capturado e deportado, andou por algumas cabeças, antes que o barbeiro Porfírio a expendesse na loja, com grandes gestos de indignação. (M. de ASSIS, 2008, p. 44).

E mesmo quando o barbeiro Porfírio, por motivo de indignação avança contra a empreitada do Dr. Bacamarte, esse não se descontrola. É o que diz Machado de Assis: “Frio como um diagnóstico, sem desengonçar-se por um instante a rigidez científica [...].” (M. de ASSIS, 2008, p. 21). Sua indiferença demonstra a frieza de seu trabalho que jamais deixa de lado o componente racional.

Entretanto, Machado de Assis, ao longo da trama, trata de fazer o leitor crer que essa desconfiança tem raízes na ignorância do povo. Sem dúvida o autor amarra essas questões com esmero e ironia. Esse último elemento, que fica exposto como a ponta do iceberg, como que pedindo que se olhe mais fundo; que se perceba por debaixo da perfeição do *Dr. Bacamarte*. E a que essa ironia – esse sarcasmo – leva o leitor cuidadoso? Ao fato de esse comportamento, essa postura do personagem ser um retrato do que Machado de Assis via na sociedade brasileira, carioca, da sua época.

Simão Bacamarte é o símbolo de uma moral marcada pela tentativa constante de se fazer eterna e única. É a representação do indivíduo criador de leis e regras. Não por acaso que durante o conto ele se empreende em classificar, separar, dividir,

para assim determinar os unguentos a que cada paciente deve receber a fim de ser curado.

> [...] começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava o melhor regímen, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos, não só os que vinham nos seus amados árabes, como os que ele mesmo descobria, à força de sagacidade e paciência. (M. de ASSIS, 2008, p. 16).

A *Casa Verde* abraça, assim, uma população de sujeitos cujas ações – desejos, vontades – ainda não foram cercados por fortes e altos muros. Ora, e esses sujeitos são o oposto do que Machado de Assis apresenta na figura de *Simão Bacamarte.* Esse último, sim, é controlado, respeita limites e regras. Ou seja, ele sim, é um homem que acata a moral. Que aceita limites e, consequentemente, entende que há problemas, insanidades, naqueles que se lançam para além das margens, das regras, da moral.

Devem, de acordo com as ações do personagem *Simão Bacamarte*, se ajustar às imposições de um comportamento moral considerado correto por um tipo de sociedade. A ironia de Machado de Assis, ao descrever a trama e o personagem, não parece sugerir uma forma de conduta. Não parece indicar sobre o certo a se ter como comportamento. Há uma espécie de deboche no trato que o autor faz ao descrever a conduta do personagem. Mas é somente ao final do conto que esse deboche se materializa a partir do que acontece com o personagem e sua *Casa Verde*.

II. 3 – A crítica nietzschiana e o personagem *Simão Bacamarte*

Agora, se mostra coerente explanar dois pontos: a crítica feita por Nietzsche ao valor dos valores morais e o enredo do conto *O Alienista* onde aparece o personagem *Simão Bacamarte*. Pois dessa forma estarão preparados os argumentos e o terreno necessário para a resposta final.

Aquilo que estabelece os sentidos às ideias de bem e mal interessam a Nietzsche. Todavia, como genealogista, seu intuito não é escavar os séculos em busca da base sólida e intransponível dos valores morais ocidentais; não busca o princípio do qual tudo teria germinado, como se ali houvesse fecunda semente (FOUCAULT, 2014, p. 57). Não é por esse caminho que pretende dar seus passos filosóficos. Porque Nietzsche não crê em um valor absoluto, a partir do qual todo comportamento pudesse ser julgado de forma objetiva, ou seja, distante da possibilidade do erro (NIETZSCHE, 2008, p. 11).

De acordo com o filósofo, essa objetividade metafísica não está em lugar algum da realidade, que não seja entre os moralistas, supostos sabedores da medida do certo e do errado. Homens que trabalhando de forma silenciosa, dialética e fria distinguem-se dos que falam de inspiração; assim fazem os homens da razão em busca de essências (NIETZSCHE, 2006, p. 12).

Aqui o filósofo faz referência crítica aos pensadores que negam a validade de um postulado se ele não é obtido através de um caminho bem calculado. O que torna, ou pelo menos pretende tornar, ilegítimo um valor criado em outro território que não seja o da lógica dialética, baseado em princípios metafísicos.

O ataque nietzschiano a um posicionamento metafísico se refere a uma luta empreendida com todas as forças contras os valores morais erguidos na Europa e venerados no seu tempo. Pois teriam não somente massacrado a arte - na medida em que essa teria sido racionalizada pela predominância do componente apolíneo, racional e plástico -, mas também, e acima de tudo, feito o homem moderno negar a própria vida, negar a própria existência (NIETZSCHE, 2008, p. 52).

Nesse sentido, aquilo que lhe interessa são as lutas, as agitações empreendidas por uma força a fim de dominar. De realizar-se em uma ação de prazo imprevisível. Pois de acordo com Nietzsche a vida é luta incessante entre vontades cujo objetivo é ter poder. Sobre isso diz o próprio Nietzsche:

> Admitindo, enfim, que toda a nossa vida instintiva possa ser explicada como o desenvolvimento e a ramificação de uma só forma fundamental da vontade, ou seja, da vontade do poder, admitindo que todas as funções orgânicas possam ser explicadas com base nessa vontade de poder e que se encontre nela também a solução do problema da fecundação e da alimentação – que é só um problema –

> podemos designar toda força atuante como vontade de poder. (NIETZSCHE, 2006, p. 40).

Para Nietzsche os valores morais cristãos se opõem a ideia de uma força atuando como vontade de poder. Ou seja, uma tendência a negar a vontade, como defendida por Arthur Schopenhauer (1788 – 1860); fazendo de tudo para viver em paz, como se a ausência da luta e a negação dos instintos, dos prazeres sexual e alimentar fosse correta. A partir da filosofia de Nietzsche, aceitar tais preceitos morais significa negar a existência uma vez que seria encabrestar o que há de mais profundo e vivo no homem: sua vontade natural. Aceitar os preceitos morais do mundo cristão é, portanto, ver com olhos de juiz até mesmo a natureza. Sobre isso diz Nietzsche:

> Falar do justo e do injusto em si não tem sentido, porque uma infração, uma violação, uma espoliação, uma aniquilação não podem ser injustas em si, uma vez que a vida procede essencialmente por infração, violação, espoliação, aniquilamentos e não pode em absoluto ser pensada sem essa característica. (NIETZSCHE, 2007, p. 72).

Por outro lado, toda vez que essa força é reprimida, mediante algum desejo freado pela razão determinante de uma lei, por exemplo, surgiria o ressentimento. Uma característica marcante em todo moralista que controla os ímpetos de seus desejos e se dilacera em prol de um valor moral. De acordo com o filósofo os que seguem o rebanho, formam o grande povo dos ressentidos (NIETZSCHE, 2007, p. 49). Os quais, por sua vez, são guiados por uma classe sacerdotal que lhes ensina a conceber o inimigo como mau, estabelecendo assim os padrões de bom e mau.

Nietzsche luta contra a moral do sacerdote que orienta a negação da vida e dos instintos; contra a moral que torna os homens ressentidos, já que impossibilitados de mudar o passado que lhes esmaga os crânios; contra a moral que insiste em não assumir que só há necessidade e não liberdade; contra a moral que insiste em apontar para o fundamento absoluto dos valores, ou seja, para suas bases metafísicas. E sugere que a filosofia se faça a marteladas. Possivelmente por ter experimentado a força com que tais valores se erguiam em toda Europa da sua época. Para enfrentar tal problema o filósofo propõe ainda uma transvaloração de todos os valores e uma superação do homem (NIETZSCHE, 2011, p. 13) encontrado por ele em toda Europa na segunda metade do século XIX.

Neste caso, valores que ao criarem-se sobre bases que se impõem como verdades absolutas, rotulam e dividem o bem e o mal; o falso e o verdadeiro; o belo e

o feio. Além do que, rigorosamente, julgam como possuidores de algum tipo de problema, algum desvio de comportamento, ou qualquer outra coisa sujeita a preconceitos e amolações, todos aqueles que preferirem, justamente o que os valores morais impostos como regra, determinam como ruim, errado, desarmônico.

Sobre isso Nietzsche chega a afirmar o quanto é preconceituosa a postura de confiar que a verdade é melhor que a aparência (NIETZSCHE, 2006, p. 38). Sendo assim, uma vez admitida apenas como fruto de uma imposição dos padrões dos valores morais dominantes em uma época e cultura específica, a loucura, a imoralidade, a vagabundagem, a sodomia, entre outros, são não somente desvios, pois para Nietzsche também representam resistências.

No conto *O Alienista* de Machado de Assis, o personagem principal é o médico *Simão Bacamarte*. Iminente figura intelectual. Estudado nas renomadas academias europeias, deixa o velho mundo com o intuito de retornar à pacata Itaguaí (M. de ASSIS, 2008, p. 6). Traz na bagagem o afã de dedicar-se a atividade científica, que, inclusive, lhe figura como ocupação nobre: “Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência.” (M. de ASSIS, 2008, p. 14). Não demora e põe em prática os seus planos de tratar daqueles que considera vitimados por uma patologia cerebral (M. de ASSIS, 2008, p. 7). Para tanto, planeja as atividades, orça custos, sugere impostos a ordem pública e argumenta sobre os benefícios ofertados, não somente à Itaguaí, mas ao mundo, pela possibilidade de criar cientificamente o unguento que a enfermidade mental tanto carece.

Convence, pois a tudo e a todos. Cria a *Casa Verde* – seu hospício – e a partir de então faltam apenas os loucos. Mas esses *Simão Bacamarte* encontra aos montes na pequena Itaguaí de sua época.

E como se isso já não bastasse, as cercanias também se veem, como que do dia para a noite, repletas de loucos que enchem a *Casa Verde*. Motivo esse que inclusive faz a estalagem, desde o início ampla no que se refere a sua quantidade de quartos, ganhar novo pavilhão e outros tantos dormitórios. Descobria-se a loucura em abundância. Descoberta que parecia avolumar também, e cada vez mais, o interesse de *Simão Bacamarte* em relação ao seu labor em prol da ciência: “A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.” (M. de ASSIS, 2008, p. 15).

Dentro em pouco, o médico diagnostica como louco todo aquele que apresenta o mínimo desvio do comportamento aceito como padrão de boa conduta. E assim, as mais sutis manias e gostos desde que despertem a curiosidade ou a diferença são

vistas como indícios de doença mental. *Simão Bacamarte* segue, portanto, os padrões de valores morais absolutos e bem demarcados a fim de julgar um sujeito como alguém carecendo de tratamento. Sua dedicação à causa científica era tanta que se empreendeu em enumerações e classificações:

> Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou as subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Isto feito, começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias de revelação mórbidas, acidentes da infância e da mocidade [...] E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. (M. de ASSIS, 2008, p. 12).

Simão Bacamarte tem o intuito de existir em razão da causa científica. É por isso que examina incessantemente aqueles que, por ele mesmo, foram trancafiados dentro dos muros da *Casa Verde*. Sua atuação ocorre em função de um valor moral. Um padrão rígido usado como régua supostamente capaz de traçar uma linha entre os loucos (imorais) e os normais (morais).

Mas uma linha como essa, de acordo com Nietzsche, não tem uma origem sagrada e intocável. Essa moral e os valores que estão por trás desses valores, são fruto de uma luta da vontade. Todavia de uma vontade ascética, de uma vontade frágil. Essa linha, portanto, precisaria ser borrada; apagada. Deve ser reescrita constantemente para que o homem consiga transvalorar esses valores morais. E suas novas demarcações não podem ser fruto de qualquer ciência dialética, sedenta por encontrar o que chamariam de valores primeiros e fundamentais.

Se o *Dr. Bacamarte* procura, seleciona e depois interna, bem como usa os loucos como cobaias para seus estudos científicos é porque lança mão de um parâmetro que, embora inicialmente científico, é seguido de uma valoração moral. Assim, ele desenha uma linha e munido dos conhecimentos adquiridos nos livros e nas Universidades europeias – no século XIX, época em que o conto está situado – separa saudáveis e doentes mentais de forma arbitrária. Além disso, com relação ao que Nietzsche entende por moralidade, bem como com relação à crítica empreendida por ele contra esses valores, *Simão Bacamarte* sentiria o peso das marteladas prometidas por essa filosofia crítica.

Para ele está errado e, portanto é avaliado como demente, o sujeito que foge dos padrões de um comportamento regular, sociável e pacífico. Entregar-se a paixões desenfreadas, ouvir instintos primitivos, explicitar e saciar desejos seriam indícios de um descontrole ameaçador para a sociedade itaguaiense. Algo fora dos padrões,

diferente e por isso desrespeitoso. Um sujeito sobre o qual uma espécie de reeducação se faz urgente. De forma que assim ele aprenda e não mais se esqueça daquilo que deve ser feito; das promessas que deve cultivar perante a lei (NIETZSCHE, 2007, p. 63). Assim, as regras sociais se relacionam e dependem do conceito de memória. É preciso se lembrar de como se deve proceder. É preciso se lembrar das obrigações que se tem com o grupo. (OLIVEIRA, 2013, p. 176 – 177).

Sendo assim, interiorizar vontades, criar ressentimentos, e encabrestar a besta humana seriam, de acordo com a filosofia crítica de Nietzsche, os instrumentos morais usados por *Simão Bacamarte* em prol do sucesso de uma ciência praticada dentro da *Casa Verde* (NIETZSCHE, 2007, p. 39).

O que Nietzsche entende enquanto moral deve ser explanado, desse modo, através das atitudes do personagem machadiano. Levando em consideração a loucura criada e apontada a partir de uma comparação entre os indivíduos. E também de uma medição das suas ações a partir de um padrão (CASTANHEIRA, 1994, p. 34). É justamente esse padrão, suas justificativas e validade que o filósofo alemão critica, como produtor de homens fracos e diminuídos. A moral funciona para Nietzsche como régua. E sua função é reduzir, amesquinhar e desencorajar o homem a superar a si mesmo a partir do instante em que lhes prescreve receitas, dietas e passividade.

Essa régua e esses valores são elementos de uma moral que está embutida no comportamento e no modo de ser e trabalhar de *Simão Bacamarte*. Provido de uma moral essencial ele age, cria juízos de valor e prende os desajustados, os esquecidos, os perigosos em celas na *Casa Verde*. Sendo assim, ele é um reformulador da moral. Um moralista. E não um personagem que pratica a transvaloração.

Capítulo III – Prática em sala de aula

No capítulo anterior foi feita uma relação entre Nietzsche e Machado de Assis. E, ainda que de forma teórica, o capítulo foi envolvido pela pergunta: Como explanar, por meio de *O Alienista*, a crítica ao valor dos valores morais? Através da régua moral

usada pelo personagem para definir a loucura e a sanidade, foi a resposta então oferecida.

Já o presente capítulo tem o objetivo de fazer transparente o caminho deste professor de filosofia. Para tanto diferentes e diversas experiências profissionais serão descritas. Como o funcionamento de instituições de ensino com propostas pedagógicas que não apresentam semelhança são capazes de interferir no trabalho do professor. Mas também como um choque entre experiências diferentes não apenas traz como consequência o dinamismo frente ao trabalho, uma vez que fez surgir questões e dúvidas sujeitas a uma pesquisa acadêmica que as investigassem enquanto hipóteses, como também despertou o interesse pelos produtos didáticos.

Nesse capítulo a prática de sala de aula envolvendo *Simão Bacamarte* e a crítica ao valor dos valores morais será descrita. Para que em seguida, se explique como que a partir de um personagem e um filósofo, teve início tanto a produção do catálogo virtual de personagens, quanto a resposta para a pergunta central desta Dissertação: Será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos?

III.1- Espanto e dificuldades na trajetória de um professor de filosofia

Desde o início de 2009 atuo como professor da disciplina de filosofia. Uma atividade profissional cuja experiência não esteve circunscrita às margens do ensino

médio. Atuei de 2009 a 2011 no Instituto Politécnico da UFRJ em Cabo Frio com turmas da segunda etapa do ensino fundamental (5º ao 9º ano) e também com o ensino médio; seguindo um caminho semelhante nos anos de 2013 e 2014 tive uma experiência parecida como professor de filosofia do ensino fundamental e médio, entretanto, desta vez, na cidade de Resende, região sul fluminense do estado do Rio de Janeiro, atuando pela iniciativa privada, neste caso, a escola SESI ligada ao sistema FIRJAN (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro).

No Instituto Politécnico da UFRJ em Cabo Frio as diretrizes que orientavam o trabalho apontavam para a pedagogia de projeto, educação e trabalho além do estabelecimento de atividades interdisciplinares, produção de relatórios diários por parte dos estudantes e atividades práticas e teóricas intercaladas, tendo as primeiras, enorme prioridade no dia a dia letivo. Eram ofertados pela escola três cursos técnicos para aqueles que alcançavam o nível médio: cultura Marítima, Química e Audiovisual. Esses estudantes, por sua vez, escolhiam um curso e dividiam seu tempo na escola, que era integral, entre as atividades regulares - que contemplavam habilidades e competências do currículo médio nacional - e as técnicas específicas de cada um dos cursos técnicos. De modo que eles entravam na escola às 7h e saiam às 17h.

Quanto aos professores, esses eram decompostos em grupos de trabalho responsáveis por cada uma das turmas, que acompanhavam durante um período letivo corrente, podendo ser um bimestre, semestre ou até mesmo todo ano, o que dependia sempre da proposta de projeto a ser desenvolvido. Mas, antes disso, esses professores, dos quais eu fazia parte, pertenciam a uma das seguintes áreas: PCSA (Práticas de Comunicação social e artes), PDAT (Práticas desportivas aquáticas e terrestres), CNTEC (Ciências da natureza e outras tecnologias) e RS (Relações Sociais).

Com formação acadêmica de bacharel e licenciado em filosofia pela UFRJ e como técnico em edição de áudio e vídeo e operador de câmera pelo SENAC-RJ, fui inserido na área de PCSA. E assim, junto a outros professores representantes das outras três áreas de conhecimento nos responsabilizávamos pelos alunos ingressos no curso de audiovisual, que buscava oferecer as noções técnicas necessárias ao exercício com os equipamentos aliada a uma reflexão sobre o uso dos mesmos. Desse modo, o trabalho era realizado em uma turma de cerca de quinze alunos com os quais os professores passavam a maior parte dos dias o que permitia conhecer as dificuldades e facilidades dos jovens diante daquele processo de ensino e

aprendizagem. E que, por sua vez, se transformava no maior aliado do professor no instante em que iria dar uma orientação. Nesse processo, também aqueles que eram professores tinham seus professores orientadores, já que o Instituto se propunha a oferecer um curso de formação de professores. No caso do curso de audiovisual quem ocupava esse posto era o professor Dr. José Cubero.

Sob a orientação da pedagogia de projetos ao início de cada bimestre os professores se reuniam de forma a elaborar os projetos que seriam desenvolvidos, bem como determinar sua duração. Eles deviam envolver todas as áreas de conhecimento amarrando assuntos de forma transversal. Desse modo, era frequente que os conteúdos fossem envolvidos por situações que também estivessem presentes na vida do estudante e no mundo ao qual ele pertencia. De forma que seu interesse se alargasse, mesmo quando em direção a um conteúdo que anteriormente causava lhe enfado. Ou seja, um conteúdo específico era apresentado como fundamental para a realização de um projeto que na prática era confeccionado pelos estudantes sob orientação dos professores.

Dessa maneira, a necessidade de resolver um problema, erguido como entrave para a construção do projeto, levava o estudante a descobrir em uma fórmula, sentença ou interpretação a ferramenta que o capacitaria para melhor realização de sua tarefa, que, na maioria das vezes, representava também algo um tanto quanto prazeroso. Assim, o que era ensinado fazia sentido, já que mostrado a partir dos interesses e das condições humanas de seu desenvolvimento. Afinal de contas, era comum um estudante não gostar de um saber específico simplesmente por não compreender de onde ele vinha; a quais interesses respeitava e de que maneira chegava às conclusões que apresentava.

As ciências, carregadas das abstrações que, dentro da escola, são decoradas em razão de uma prova, afastam dela mesma a curiosidade do estudante. E a maneira como as disciplinas são apresentadas em nada os seduzem a se interessarem por ela. Dentro das escolas as ciências são exibidas como inspiração pura, divina e mágica de seres dotados de imensurável capacidade intelectual. Desconsiderando assim, que toda descoberta ou invenção navega em um oceano político, econômico, social e cultural.

No entanto essa não era a maneira como os professores procediam dentro do Instituto Politécnico da UFRJ em Cabo Frio. Através dos projetos, construções,

invenções, adaptações e hipóteses eram testadas na prática. Observava-se, portanto, como os erros aconteciam, como o acaso participava e como a maneira de sermos no mundo, com nossos valores e preconceitos, influenciava em um projeto ou procedimento; em uma descoberta ou invenção.

A título de elucidar a situação apresentada é útil o seguinte exemplo: o Relógio de Sol foi um projeto desenvolvido com o intuito de trabalhar com os estudantes da 1ª série do ensino médio conteúdos imprescindíveis para as disciplinas em questão. Então se envolveram aí as quatro áreas de conhecimento, dentro das quais as disciplinas de química, física, matemática, filosofia, história, geografia, artes e língua portuguesa e estrangeira. Todas buscando, dentro de suas especificidades, compartilhar algo que fosse necessário para a produção efetiva, material, do proposto relógio de sol.

Para tanto, no exercício do dia a dia, as atividades eram orientadas por mais de um professor em ambientes externos ou internos, sendo constantes as saídas de dentro das limitações dos muros da escola. Desse modo, uma manhã era, por exemplo, organizada pelos professores de CNTEC e PCSA onde o sol seria problematizado tanto quanto astro pertencente a um sistema e a uma galáxia junto de suas propriedades físicas e químicas, como também símbolo dentro da história humana para a qual diversas lendas e ritos foram fertilmente criados e recriados.

Enquanto isso os professores que não se encarregavam pela atividade se reuniam em outro ambiente programando e organizando futuras atividades bem como corrigindo os relatórios diários que cada estudante produzia. Haja vista, inclusive que nestas reuniões a parte o objetivo era também amarrar de forma interdisciplinar as disciplinas envolvidas no projeto. Além de discutir e avaliar o que fora até então feito e quais os rumos futuros que o projeto deveria tomar. Se o caminho deveria ser alterado ou mantido.

Neste ambiente de trabalho os diálogos eram cultivados com prioridade. Fosse entre a equipe de professores que junta trabalhava cotidianamente, fosse de modo a formar um sujeito capaz de observar criticamente os processos nos quais era inserido. Assim, o Instituto tinha dois objetivos: o primeiro dizia respeito aos estudantes e apontava para a formação de cidadãos capazes de interpretar e intervir na realidade social, econômica, política e cultural da qual faziam parte e na qual, até então eram meros sujeitos passivos marcados por futuros títulos eleitorais. E não apenas dar

diploma a uma mão de obra barata. O segundo era formar professores dispostos a difundir tais ideias e modelos de trabalho. Dispostos a trabalhar por uma educação que não se ajoelhasse a decorebas de cartilhas seculares. Professores empenhados em buscar rotas alternativas para o processo educativo que através de duros e congelados padrões institucionalizados se pretendiam fazer únicos e perpétuos como verdades que por sua suposta sacralidade se pretendem inabaláveis.

Dessa escola, em Cabo Frio, após os três anos estipulados como período de formação do professor, fui para Resende onde assumi uma matrícula de dezesseis tempos, doze deles em sala de aula, em 2012 pela SEEDUC-RJ (Secretaria estadual de educação do Rio de Janeiro). Sendo assim, a diferença já se iniciava pelas determinações burocráticas. Seriam apenas quatro tempos de reuniões e planejamentos, para cada doze em sala de aula.

A partir de então, deveria ser outro tipo de profissional. Mas, afinal de contas, que tipo era esse? Deveria dar um somatório grande de aulas e ter, a minha disposição, em contrapartida, pouco tempo para refletir sobre aquilo que estava fazendo. Como fazê-lo, foi uma injeção de dúvida que nas primeiras semanas congelou meus movimentos.

Ficou para trás uma escola com orientação para a pedagogia de projetos, educação e trabalho, interdisciplinaridade, relatórios e oficinas dentro de um ensino integral onde cada estudante era interpretado como um estudante, para ingressar em uma escola tradicional, erguida sob a cisão das disciplinas que tinham horários rígidos, atividades que deviam ser executadas somente atrás das cercas e grades da instituição, aulas expositivas e que, para a disciplina de filosofia, oferecia os inviáveis 50 minutos de aula por semana nas turmas de 1º e 2º ano do ensino médio.

Na SEEDUC-RJ fui inserido em uma estrutura onde há pouco diálogo e planejamento - por vezes nenhum -, inclusive entre os professores, e um sistema administrativo de gerenciamento das unidades escolares (GIDE: Gestão Integrada da Escola) que fala em índices e metas de aprovação automática dos estudantes em razão do recebimento de uma gratificação anual desde que sejam atingidos números de aprovação que chegam a percentagem de 98% dos alunos de uma turma.

Ora um dos problemas que mais incomodava era a aprovação. Na medida em que se deve considerar que o desempenho de um estudante é algo muito individual, devendo respeitar sua história, sua formação e as condições nas quais se

desenvolveu para alcançar aquela sala de aula. Dois estudantes, mesmo que habitantes da mesma série e turma, por vezes apresentam rendimentos variados. O que não deixa de significar que ambos apresentaram rendimento e desenvolvimento insuficiente. Entretanto, pela SEEDUC-RJ, a régua de avaliação tinha um limite, um corte objetivo que desrespeitava o caminho subjetivo dos estudantes dentro dos processos de ensino e aprendizagem.

Em vista disso, o que o jovem havia aprendido, e quanto se havia desenvolvido era, na maioria das vezes, desrespeitado. Importava a relação dele com a régua e sua fria objetividade. E assim, diversos estudantes ficavam para trás, até que os índices e metas rugiam e a aprovação se fazia em massa. Entretanto não por causa de um olhar sobre um desenvolvimento subjetivo. Ao contrário, acontecia porque quem batia as metas era recoberto de honrarias. Na escola a pedagogia se levantava para dar lugar à produtividade. Fabricavam-se diplomas como se fossem automóveis. E dessa maneira, os números cresciam e as notícias eram sorridentes ao anunciar que a educação no Estado do Rio de Janeiro, em poucos anos, e em razão do sucesso da nova política administrativa para a educação, havia melhorado muito.

Nesse sistema também me defrontei com um duro embate travado dentro das salas de aula entre professores e alunos. Os primeiros, senhores de um conhecimento – que muitos deles mesmos sequer questionam – e os segundos resistentes a se interessarem por esse conhecimento visto como alheio, como estrangeiro.

A escola é uma instituição marcada por uma relação de poder-saber. Neste espaço oficial, no que diz respeito à educação formal, professor e aluno têm lugares distintos. E quando o primeiro apenas impõe seus métodos e conteúdos, parece desconsiderar um valor e um saber trazidos pelo estudante que, independente da realidade cultural da qual faça parte, deve receber atenção. Quando entra na escola o estudante não se apresenta como uma folha em branco onde serão escritas fórmulas e regras que, neste caso, tem pretensão de verdade. Há, desse modo, na sala onde ocorre a aula, uma relação de poder claramente estabelecida e acima de tudo, exercida. Na relação entre professor e aluno o poder é praticado. E dessa forma se demonstra eficaz no que se refere à disciplina, submissão e imposição de valores tal como métodos *certos* para se aprender um conteúdo oficialmente considerado importante para um indivíduo. Sobre isso anuncia Foucault:

> A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada

> sociedade tem seu regime de verdade, sua “politica geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2014, p. 12).

Tendo como palavras de ordem a submissão, e não o estímulo ao questionamento, aliado a falta de estrutura para o desenvolvimento de um trabalho, a baixíssima remuneração e, por vezes, inclusive a má formação do professor e dos seus gestores - os quais meramente obedecem a interesses políticos alheios ao que diz respeito à educação -, o ambiente de trabalho na SEEDUC-RJ pareceu, inicialmente, anunciar uma espécie de réquiem: a escola está morta.

Ainda assim, em razão da continuidade com o trabalho descobri que em meio aos escombros sobreviviam estudantes interessados, questionadores e que propunham atividades (como aulas fora da sala) que seriam sedutoras a quem estivesse disposto a fazê-las. Daí surgiu a iniciativa de construir um protótipo de jornal para o Colégio estadual Pedro Braile Neto em Resende no ano de 2013 com turmas da 1ª série do ensino médio. Para organizar a ideia, na prática do cotidiano com um tempo de 50 minutos semanais, os estudantes foram divididos em grupos de cerca de seis integrantes. E com uso de celulares e computadores, pesquisas prévias foram feitas por eles em casa e cada um dos grupos criou um protótipo de jornal. O objetivo era que a partir dali um modelo fosse escolhido e rodasse, periodicamente, com informações e produções ligadas àquele espaço: datas de provas, letras de música, charges e poesias.

A partir desta, outras tentativas seguiram utilizando também as demais turmas do ensino médio. Assim projetos como festival de poesia, intervenção no espaço escolar, roda de leitura, apostila com textos dos estudantes, blog, exposição fotográfica, biografia através de imagens, pesquisa de opinião sobre ciência e tecnologia e cine debate foram efetivados. Alguns com mais êxitos que outros. Entretanto todos eles deixando no ambiente escolar a seguinte mensagem: é possível um trabalho onde os estudantes sejam parte ativa do processo. Um trabalho onde algo o seduza, provocando-o a participar de uma aula de filosofia.

E a educação é um processo cheio de possibilidades, onde uma oficina, por exemplo, representa a criatividade, exige o domínio de conteúdos para a realização de

algumas tarefas, por mais básicas que sejam (calcular uma medida, escrever um cartaz) e tudo isso de uma forma menos tradicional sem, no entanto, significar inoperância, era apenas outra forma de fazer. Uma forma que agradava e funcionava, e por isso questionava o absolutismo de valores comportamentais e de padrões cognitivos há séculos considerados e reproduzidos como melhores, porque sempre foram assim.

Dessa experiência a consequência mais palpitante dizia respeito ao fato do processo educativo dever ser repensado. A necessidade dessa reflexão surgia como um exercício constante. Porque a forma mais adequada de educar, neste caso em específico de refletir sobre filosofia com jovens do ensino médio, não apresentava um caminho único e inquestionável. Para cada região, cada escola, cada turma e turno apresentavam-se características variadas. Pensar a filosofia dentro da escola, portanto, parecia refletir e construir produtos, procedimentos e afins que estando à disposição dos professores somasse no processo de ensino e aprendizagem.

Estava, neste instante, a partir dessas novas experiências, que por sua vez surgiam do choque entre o trabalho como professor no Instituto Politécnico da UFRJ em Cabo Frio e o posterior ingresso na SEEDUC-RJ na condição de professor de filosofia, novamente instigado a refletir sobre a relação que se dava entre esses elementos: filosofia, jovens e ensino médio. Com relação à experiência de trabalho pela SEEDUC-RJ, o espanto com a política educacional imposta e não proposta fazia pensar que o processo de ensino aprendizagem deveria ter outras possibilidades. De tal confronto, inicialmente indigesto, surgiram duas inquietantes questões:

Primeiro, a urgência de se martelar nas mesas de reunião que há outros caminhos para o fazer educativo. E mesmo se os que houverem não se apresentarem suficientes, novas trilhas devem ser abertas, ainda que deva-se empunhar facão afiado para se desfazer do denso matagal que não deixa ver além. A forma como se dá o processo educativo dentro das escolas tradicionais, não é única, não é a melhor e tampouco deve ser eternizada ao nível do mero respeito ao peso da tradição. A educação, e mais especificamente o ensino de filosofia, deveriam ser repensados.

Em segundo lugar, o professor que dispusesse de ferramentas durante seu fazer dentro da sala de aula agregaria qualidade ao seu trabalho. Fossem relatos de experiências, vídeos, catálogos, oficinas, blogs, histórias em quadrinhos. Ou seja, fossem eles produtos ligados à disciplina de filosofia que ajudassem mostrando

caminhos práticos, sugestões para o trabalho. Essas questões me despertaram para a pesquisa sobre o ensino de filosofia. Afinal, como me aproximar desses estudantes e buscar, dentro do universo de interesse deles, algo que fosse provocativo o suficiente? Que universo era esse, já que tão diversos eram esses estudantes?

Estive, desse modo, vibrante e otimista com a melhora que as atividades práticas dos projetos e oficinas empreendidos haviam conferido aos tempos de filosofia, principalmente nas 1ª e 2ª series. Todavia novamente me vi preso dentro de limites que, se agora eram significativamente maiores que aqueles tradicionais, angustiavam já que impediam as ideias que ambicionava. Pois precisava de mais tempo e apoio por parte tanto dos colegas professores quanto da equipe pedagógica e da direção da escola bem como de disponibilização de estrutura e material.

Em meio a todo esse processo, no ano de 2014 havia preparado uma aula para uma turma de 3º ano cujo tema era Nietzsche, a moral e a saga *Star Wars* (série de sete filmes de ficção científica dirigidos por George Lucas, sendo o primeiro lançado em 1977). E, desde o início da atividade com a turma, havia percebido interesse pela proposta. Ora não inicialmente em razão de Nietzsche ou da moralidade, e sim por causa dos personagens e da trama do *Star Wars*.

Contudo tendo fisgado o interesse dos estudantes, a associação entre Nietzsche sua concepção de moralidade e as ações dos personagens se deu de forma mais fluida e prazerosa. Sem dúvida, estava limitado ao universo particular de uma única turma. Haja vista que, na mesma escola, turmas pertencentes à mesma série apresentam comportamentos e gostos variados, às vezes, inclusive opostos. Em todo caso, a experiência servia para instigar a reflexão sobre o ensino de filosofia; desta vez tendo a inserção do personagem como elo provocativo entre professor e aluno dentro do debate filosófico.

Durante a atividade em questão, procedi apresentando a concepção e a crítica empreendida por Nietzsche a moral cristã fazendo os estudantes relembrarem o processo de criação e surgimento de um dos personagens mais marcantes da saga fílmica, a saber, *Darth Vader*. Houve então a percepção de que aqueles que não haviam visto os filmes começavam a se interessar na medida em que outros estudantes, conhecedores da trama, lhes iam descrevendo os acontecimentos e as problemáticas.

A rigor, a saga apresenta um jovem - *Anakin Skywalker* - cheio de talento para se tornar um *jedi,* uma espécie de mestre guerreiro respeitável e poderoso. Em seu peito *Anakin* guarda força e ansiedade para se tornar o que deseja. Contudo influenciado pelo que, na linguagem do filme, é o *lado negro da força*, se rebela contra seu mestre e se torna alguém que representa o mal – politicamente, no filme, ele representa a tirania de um soberano que pretende destruir a república à força. Mas, esfacelado depois de uma luta brutal *Anakin* sobrevive sob a figura e a denominação de *Darth Vader*.

O debate em sala, mesmo nas aulas seguintes, girou em torno de questões como: *Anakin* era bom, mas ficou mau? Pode alguém ser bom e ficar mau? O que é ser bom e ser mau? Como se valida cada um desses estados morais – se assim se pode denominá-los? Existem padrões para o bem e para o mal? Mas o que é considerado bem hoje poderá em algum momento futuro ser considerado mal? Ou mesmo em outro momento na antiguidade, uma atitude, um comportamento era considerado mau, errado e hoje, dentro dos moldes de nossa organização social, é considerada bom, certo? O que significa que os valores morais não são absolutos. Ou seja, que são moldados de acordo com interesses estritamente humanos. Assim, as noções até então inquebrantáveis de bem e mal, certo e errado, loucura e sanidade ficavam a deriva. Boiando despossuídos de âncora que as fincassem nas profundezas divinas e azuis da eternidade.

Durante as discussões, por vezes a questão de ser bom ou mau desembocava em terrenos religiosos. Um território onde a moralidade segue leis que prescindem de qualquer discussão. Dessa forma o próprio Deus é o sinônimo maior de bem supremo. E nada o fará mudar. Mas e quanto ao homem? O homem considerado bom é também capaz de cometer ato injusto? O homem bom, para os estudantes fortemente vinculados a tradição cristã, aguenta firme tudo que lhe pode acontecer, sem praticar injustiças, pois essa é a forma de garantir sua felicidade: negar esse mundo e esperar que tudo de bom lhe aconteça em um lugar prometido, além.

As opiniões não apenas surgiam em abundância, como também por se demonstrarem muitas vezes contrárias, fertilizavam um rico debate. Pois discordavam, mas concordavam no que diz respeito ao fato de cada um deles ter apreço por um personagem que defendia com unhas e dentes.

Ora ele era representado pela força desumana; ora pela inteligência com a qual resolvia as mais sinistras questões. Havia quem se interessasse por aqueles que demonstravam características sobrenaturais, mas também quem se compadecesse por um herói que sofria em virtude de suas condições de ser humano renegado e mal compreendido uma vez que diferente. Todavia, nessas conversas, também se mostravam aqueles inclinados aos personagens perigosos, aos que não se faziam de bons mocinhos.

Daí surgiu o interesse pela pesquisa acadêmica a partir da relação entre um personagem e as ideias de um filósofo. Do que advém a pergunta central desta Dissertação: Será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos? Respondê-la era o problema desejado.

III.2 - Contribuições do Mestrado em Filosofia e Ensino do CEFET-Rio

A intenção de realizar um trabalho filosófico com estudantes do ensino médio através da apresentação de personagens se materializou em razão da carga de valor trazida por esse ser ficcional. Um personagem representa valores. Assim ele se faz

para afirmar ou negar posicionamentos marcados em determinada época. Haja vista, os exemplos citados no fim do capítulo I desta dissertação. O Super-Homem como eufemismo desenhado com intuito de afirmar valores morais, e também políticos, econômicos e culturais de um país - E.U.A. - que se pretendia como o mandatário do mundo logo após a Guerra Fria. Entretanto, tencionando para um lado oposto, há Zaratustra: personagem criado por Nietzsche e autointitulado o sem Deus que pretende inverter os valores pretensamente fixos e irremovíveis para toda eternidade.

No vão deixado entre esses dois personagens opostos, em virtude de suas intenções, pulula uma gama variada e promissora para o trabalho filosófico em turmas de nível médio. Assim, mergulhar no universo dos personagens de ficção significava, para esta pesquisa, fazer uma investigação acerca do valor dos valores morais trazidos por eles. Usando o método genealógico como lanterna, buscou-se enxergar de perto as ações e as contradições apresentadas pela ficção. Isso para, em seguida, observar como um personagem e a personalidade que ele incutia se relacionava com os jovens.

Em outras palavras, porque o sujeito se identificava com o personagem? Quais eram as características desse ser ficcional que tanto incendiavam o gosto dos expectadores? Quais eram as substâncias que davam liga a essa relação senão os valores então compartilhados? No entanto esses valores surgiam para os jovens com clareza? Ou, ao invés disso, ficavam por trás de uma cortina e assim eram aceitos e defendidos sem que o sujeito se percebesse de tal coisa e sem que lançasse sobre o caso uma reflexão acerca do valor desses valores. Afinal, a que ou a quem interessam a disseminação de certos comportamentos de certas maneiras de julgar?

A partir de questionamentos como esses, uma pergunta foi ganhando contornos. Era evidente que dessa forma, o assunto precisava sair de sua teoria e, na prática, buscar uma resposta: Será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos?

De tais inquietações surgiu o presente projeto de mestrado iniciado em março de 2015. Já com o curso corrente, a primeira tentativa de desenvolver um trabalho envolvendo filosofia e literatura foi o preenchimento, por parte dos alunos, do que se denominou: *Quadro de observação de uma emoção do personagem*[8], material produzido no primeiro trimestre de 2015 para a disciplina Filosofia da Mente oferecida

[8] APÊNDICE A, p. 112.

pelo professor Dr. Felipe Pinto. Para tanto foi distribuído uma folha com esse quadro para cada dupla de estudantes de duas turmas de 3º (3005 e 3006) escolhidas para o desenvolvimento do trabalho prático necessário a este projeto de pesquisa. Neles, além de um cabeçalho, deveria ser apontado um personagem de interesse da dupla, e logo em seguida, uma emoção desse personagem deveria ser assinalada como de interesse para, a partir dela, as seguintes perguntas serem respondidas: O que é essa emoção? Por que se produz? Em que condições? Com relação a que ou quem?

O quadro de observação de uma emoção do personagem foi preenchido e apareceram personagens e características tais como: Wolverine (raiva), Capitão América (moralidade), Homem de Ferro (arrogância), Abraão (fé), Jeremias (coragem), Mônica (autoridade), Wilma (inteligência), Jesus Cristo (bondade), Batman (justiça).

Durante a atividade ficava claro que tanto a escolha do personagem quanto a sua característica, não representavam problemas para os estudantes. Pois eles não somente já os tinham em mente como, sobretudo se juntavam a outro colega de maneira que os iguais simpatizassem com os mesmos personagens. Estudantes de características e comportamentos semelhantes se procuraram para fazer a tarefa em função de compartilharem, ao menos com relação ao personagem, valores semelhantes.

Mesmo que incialmente o quadro servisse de modo a ter contato com personagens que povoavam o imaginário daqueles estudantes em particular sua utilização não teve continuidade. Isso porque nele havia uma busca por definições precisas. Em todo caso, através do quadro, a experiência de observação de um instante em que os estudantes mergulhavam em uma reflexão sobre personagens teve início. E assim, a experiência ganhou contornos de destaque na medida em que as duas turmas utilizadas na atividade, foram as turmas com as quais as atividades se desenrolaram durante todo o semestre envolvendo Nietzsche, a moral e um personagem de literatura.

O quadro se foi mostrando como algo que intencionava definir filosoficamente conceitos como: bondade, justiça, fé, coragem, autoridade e inteligência. Contudo sua construção, que ampla reflexão exigiu, não foi desconsiderada. Uma vez que ajudou na observação dos estudantes frente a uma reflexão sobre o seu personagem preferido. Determinando assim, que os personagens não apenas povoavam seu

imaginário, como também, sobre eles, os estudantes guardavam opiniões e sentimentos que deveriam ser aproveitados para uma provocação filosófica.

Isso foi algo de grande valor. Principalmente quando fez os estudantes apresentarem para a reflexão os tipos de características que eles apontavam por admiração. O que significava – e o professor também fez questão de que isso ficasse claro – que as aulas passavam a ter como mote algo que vinha do interesse dos estdantes, e imediatamente fosse profícuo para uma discussão filosófica sobre valores.

Portanto, o interesse se curvava a fim de observar o estudante, o personagem e – principalmente – a relação tramada entre eles, levando em consideração a importância de apreciar também aquilo que é descartado. Ou seja, a negação de uma cor na roupa do personagem; o juízo de valor negativo produzido pelo estudante; a maneira como a relação entre o jovem e o personagem fazem com que o certo e o errado cavem seus espaços e se enterrem fechados sobre si mesmos.

As considerações feitas estariam, portanto, procurando principalmente, o valor que cada afirmação ou negação trazia. Pois ao aceitar esse ou aquele personagem, essa ou aquela característica ou ação dele, o estudante estava também, ou, sobretudo, se inclinando diante de um valor moral trazido por esse personagem. Em razão de um fazer genealógico, então escolhido, negações, prejuízos, desconfortos e feiuras passaram a ser considerados, dentro da história de sujeitos e personagens, como importantes, uma vez que compunham um arcabouço que interessava a esse fazer (FOUCAULT, 2014, p.75).

Outro ponto importante, era o fato de ao investigar valores, pensá-los de forma crítica. O que, neste caso, significa suspeitar haver um valor por trás dos valores morais. E, dessa maneira, aceitar que o estabelecimento de um valor, assim como sua manutenção, estão atrelados a interesses escusos (NIETZSCHE, 2006, p.12). Trazer para a discussão em sala de aula uma questão como essa – de que valores são estabelecidos a partir de interesses escusos – significava provocar o estudante para refletir sobre algo que ele trazia consigo, que acreditava ser seu de uma forma tal que o individualizava em um modo de ser, um estilo, por exemplo. Sem dúvida a provocação não atingia todos os estudantes. E, além disso, resultava também em reações diversas. Havia quem se incomodasse com a questão, quem concordasse e

quem, ainda assim, se mantivesse manso e apático; desinteressado de participar da reflexão proposta.

III.3 – As atividades práticas com o personagem *Simão Bacamarte*

Escolheu-se o Colégio Estadual Pedro Braile Neto localizado em Resende, município da região sul fluminense, onde atuo como professor de filosofia (já que nesta época atuava também em outra escola no município de Barra Mansa) no ano de 2015. Uma vez feito isso, foi opção aceita também realizar o trabalho com duas turmas de 3º ano. Os critérios para a escolha foram primeiro o fato de apenas nas turmas concluintes a disciplina de filosofia dispor de dois tempos de 50 minutos semanais; segundo, o fato desses jovens já terem algum contato – ainda que mínimo – com questões de caráter filosófico. E terceiro pela experiência de terem sido meus alunos em anos anteriores e assim aceitado e aprovado, antecipadamente, a proposta trazida, ora de um trabalho com atividades mais práticas. Deve-se frisar, além disso, que os ambientes utilizados foram as salas de aula das próprias turmas e os espaços externos do prédio tais como gramado, quadra de esportes e auditório.

Com essas determinações feitas era preciso delimitar o tema sem perder de vista a pergunta geral. Será que *Simão Bacamarte*, enquanto personagem de literatura, é filosoficamente provocativo? Não havia tempo hábil na prática em sala de aula tampouco espaço dentro das margens da Dissertação para investigar a relação de criação e difusão de valores por parte de personagens de ficção em geral e suas relações e reações com jovens diversos concluintes do ensino médio. Sendo assim, a discussão com os estudantes girou em torno de buscar respostas para uma questão ainda mais específica, entretanto em consonância com a questão geral formulada anteriormente, era ela: Como explanar, através de *Simão Bacamarte*, a crítica ao valor dos valores morais feita por Nietzsche?

A escolha do personagem para o trabalho com as turmas ocorreu em razão do questionamento posto às claras durante todo conto, sobre a loucura e a sanidade; normalidade e anormalidade. O louco é considerado anormal, mas que padrões levam uma sociedade e um tempo a julgar um comportamento como normal (certo) e outro como anormal (errado)? Ou seja, que valores riscam no chão uma linha que pretende separar loucos e sãos como sendo normais e anormais?

A temática contemplava de maneira satisfatória um questionamento como o feito por Nietzsche sobre o valor dos valores morais (NIETZSCHE, 2007, p. 18). Além do que, para os jovens com idades que variavam dos dezesseis aos dezoito anos, conversar sobre normalidade e anormalidade era atraente, pois estavam em uma fase

onde seus gostos, comportamentos e escolhas eram, vez e outra, considerados fora do padrão de normalidade. Sendo assim, embora *Simão Bacamarte* não fosse um personagem que figurasse nos grandes circuitos cinematográficos, e tampouco povoasse as conversas nos intervalos, o resumo da história e a problemática que ela trazia atraiu os estudantes. As turmas nas quais as práticas seriam realizadas foram avisadas sobre o projeto de pesquisa desenvolvido pelo professor através do mestrado profissional em Filosofia e Ensino do PPFEN pelo CEFET-Rio. Todavia, de modo a não determinar os rumos e resultados do trabalho, ficou esclarecido que o processo representava a verificação de uma hipótese. O que não significava que para o sucesso do trabalho a resposta final devesse chegar, necessariamente, a um resultado positivo. Caso o personagem não provocasse, caso atrapalhasse, no trabalho do professor, essa também seria uma resposta válida. Sendo que o que mais importava era que os estudantes fossem sinceros nas respostas elaboradas frente às atividades, bem como que suas críticas não ficassem guardadas. Afinal, o estudante e suas reações deveriam ser parte ativa e não passiva desse processo de investigação.

Através do personagem e da pergunta a investigação sobre valores não se isentaria de, com fio amolado, abrir trilhas por entre densos conceitos como, por exemplo, o de valores científicos, loucura, sanidade, comportamento, padrões estabelecidos e moral. Por parte dos discentes não houve recusa ou chateação. Inclusive se sentiram interessados e curiosos – talvez vaidosos – de terem sido as turmas escolhidas para realizar a empreitada que, de alguma forma, viam com importância.

Tendo em vista o personagem de Machado de Assis e a ideia de loucura a primeira atividade prática testada se deu a partir de cada um dos estudantes, dispostos em roda na quadra esportiva da escola, apresentando uma característica sua que ele próprio julgasse ser uma loucura. Anteriormente a conversa se fez de forma que, no entendimento dos jovens, o conceito de loucura ligava-se àquele sujeito fora dos padrões de conduta socialmente aceitáveis em uma sociedade assentada em tempo específico. Com isso, desde o início, já pairava sobre nossas cabeças a seguinte pergunta: O que leva um padrão de conduta a ser socialmente aceitável?

Por parte dos estudantes surgiram características como impaciência, sonolência, indecisão, nervosismo, desatenção, deboche, esquecimento, preguiça, gula, vagabundagem. Características que para eles eram coisas ruins e por isso identificadas como aquilo que está associado aos loucos; aos padrões de conduta que

necessitam ser ajustados para a aquisição de um futuro melhor. Os indivíduos preguiçosos e desatentos seriam exemplos de tipos reprováveis, na opinião deles, dentro da sociedade. Tinha-se aqui já um ponto importante para a discussão sobre os valores morais: “A que moral querem nos conduzir?” (NIETZSCHE, 2006, p. 12).

A leitura do conto era feita em casa pelos estudantes. E no dia da atividade de filosofia o professor escolhia um trecho para que fosse lido em voz alta por algum deles. No entanto, houve momentos em que estudantes sugeriram a leitura de um trecho que lhes chamara atenção, o que era sempre concedido. E já no primeiro e segundo encontros, as características apresentadas como loucuras, foram identificadas como ausentes no personagem *Simão Bacamarte*, ao menos no início do conto. Pois era ele um homem de fibra, atento, trabalhador, paciente e decidido. Ou seja, era um sujeito completamente são, uma vez que não apresentava defeitos, pelo menos não aqueles que os próprios estudantes percebiam em si mesmos.

A partir disso, o objetivo era demonstrar que havia uma linha encarregada de separar a sanidade da loucura. Coisas que não se poderiam confundir. Que deviam figurar em pontos opostos para sublinhar diferenças: “As realidades mais sublimes devem ter outra origem. Não podem derivar desse mundo efêmero.” (NIETZSCHE, 2006, p. 9). Pois a loucura e o louco eram como que um problema para a manutenção da ordem dentro da sociedade. Assim, fazer a triagem e tratar os casos julgados necessários porque desviantes, era questão de urgência (FOUCAULT, 1972, p. 60).

Sem dúvida, nos dois primeiros encontros já nos haviam surgidos questionamentos tais como: O que é a loucura? Como se define o louco? Das buscas por uma resposta, feitas pelos jovens, surgiam debates valiosos, onde experiências pessoais eram expressas e as informações que eles possuíam tinham sua fonte revelada, como os meios de comunicação que visitavam e confiavam. De modo geral, quanto mais eles se expressavam, demonstrando uma posição e buscando defendê-la com argumentos, mais todo um processo de formação daquelas opiniões se expunha mostrando os valores que formavam aqueles sujeitos. Significava assim, que erros e acertos eram evidenciados; fontes e influências, mais ou menos nebulosas, trazidas a tona e que dentro de tal debate valores, como os religiosos, emergiam. Afinal, porque a preguiça e a gula eram defeitos, loucuras, hábitos que deveriam ser corrigidos, senão em razão de um valor religioso, de um valor moral? No entanto, de acordo com a perspectiva nietzschiana, qual o valor desse valor moral?

Na segunda atividade realizada cada estudante recebeu um pequeno pedaço de papel e nele deveria descrever, de forma secreta – e esse seria um diferencial diante da atividade anterior -, algo: uma atitude, uma situação, que julgasse loucura, sem que se identificasse. Feito isso o professor recebia os papéis dobrados e os colocava em uma caixa no centro da roda (as atividades passaram a ser feitas sempre em roda e em um espaço mais amplo e diverso da sala de aula). Então os estudantes se levantavam, um de cada vez e de forma voluntária, tiravam um papel e liam para que se iniciasse um debate onde uns concordavam e outros não sobre aquilo ser uma loucura.

Para cada um dos papéis tirados o debate era caloroso. E sempre que oportuno, o professor intervinha de modo a lembrar do conto, do processo que ia acontecendo com o personagem principal e de Nietzsche e sua crítica ao valor dos valores morais. Desses papéis surgiram as seguintes opiniões debatidas durante a atividade: Andar nu, estupro, possessividade, brigar sem motivo, matar por prazer, suicídio, desejos extremos, ignorar o que acontece com outras pessoas, passar por cima de qualquer coisa ou pessoa para conseguir realizar um desejo, abandonar um filho, viver no lixão, falar sozinho e abandonar a família, agir de forma egoísta.

Nestes exemplos, dados pelos próprios estudantes, a loucura foi sempre parelha ao incorreto, ao que não se deve fazer. Portanto, ligava-se desde a questões como a falta de higiene até o desprezo de laços como os familiares. Assim, tinham eles como atitude correta, o zelo para com o outro e o não incomodar como características de quem era normal, correto. O que fazia também que associassem a loucura ao incorreto, ao insano. Desprezar laços familiares era uma insanidade, uma loucura. Neste sentido, uma pessoa em sã consciência era sempre identificada como aquela que seguia padrões comportamentais, e consequentemente de valores morais, estabelecidos como certos. Essa apresentação de opiniões e concordância com essas opiniões era o ponto de partida para uma reflexão crítica sobre o valor desses valores.

No conto *Simão Bacamarte* vai procurando a loucura e suas manifestações até descobrir essa patologia em todos os cidadãos da Itaguaí de sua época. E aí se depara com um problema: então todos são loucos? Não há sanidade. Algo precisava de ajustes em sua pesquisa. Ocorre que o médico passa a suspeitar que um desvio, um deslize, é sinal de normalidade, uma vez que isso se encontra em quase todas as pessoas. Sendo em número reduzido aqueles que não apresentam um defeito sequer. Ser extremamente racional, correto, honesto, frio e calculista é um conjunto de

características pouco encontradas, e por isso talvez, traço da insanidade daquele que já foi o mais são; daquele que já foi o próprio padrão de justeza e justiça.

Desse modo, a leitura do conto demonstrava as mudanças de padrões morais. A ação correta, aos poucos, se tornava reprovável. A moralidade ia então alterando, dentro do conto, o lugar do certo e do errado. No entanto, continuava a procura de terrenos firmes onde novamente pudesse erguer as pilastras do edifício sólido e absoluto que projetava. Ao que indicava o conto, o objetivo de *Simão Bacamarte* não era estabelecer padrões sobre a incerteza. Não era mudar constantemente as conclusões científicas elaboradas. E, além do mais, todo esforço revestia de honra e legitimidade os arremates da razão:

> Meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. (ASSIS, 1998, p. 4).

Enquanto isso, nas atividades com as turmas os estudantes percebiam o quanto discordavam sobre o certo e o errado. Uma atitude considerada louca ou errada, tantas vezes dividiu opiniões na turma. Momento em que se deparavam com um enorme dilema. Afinal, se havia tamanha discordância, como poderiam definir padrões sobre o certo e o errado e instituí-los, como normas, regras; como valores com pretensão a uma existência absoluta, infinita e para todos?

Define-se um valor então e sua vigência, a partir de interesses. Ou seja, eram produtos de brigas eternas entre partes que se interessavam em fazer valer posicionamentos que lhes beneficiassem. A moral funcionando como uma regra, e as partes em uma briga longa e interminável com vistas a ditar as regras: “O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras.” (FOUCAULT, 2014, p. 69).

Dentre essas atividades, marcou as discussões a exibição do filme *Estamira*, documentário brasileiro dirigido por Marcos Prado, lançado em 2005. Nele a protagonista que deu nome ao longa-metragem, apresenta distúrbios mentais e à época das gravações trabalhava e morava no aterro sanitário de Gramacho localizado no município de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro. Durante o vídeo Estamira alterna momentos de lucidez, como ao criticar a quantidade exagerada de calmantes receitados pelos médicos psiquiatras. Os quais, na visão dela, queriam apenas dopar os pacientes, tornando-os assim, mansos, inofensivos, incapazes de reagir frente às covardias e barbaridades que lhes eram empurradas cotidianamente. Em algumas passagens do filme Estamira chega a dizer que os remédios, lhes causam outros

problemas, são os efeitos colaterais. Porém, em outras situações, ela pratica ações descoordenadas, diz frases ininteligíveis e dá gritos horripilantes a fim de descarregar uma raiva sentida contra o homem. Ao longo do documentário, a história de Estamira apresenta uma pessoa cuja vida turbulenta muito a castigou. Da traição do marido ao estupro toda uma gama de violências foi proferida contra uma mulher que, em função disso e da pobreza extrema, teria *perdido a razão*, a normalidade, a sanidade.

Neste momento das atividades com os estudantes, outro fator ganhava espaço: a loucura e a sanidade poderiam ser produzidos, como parece demonstrar o documentário? A pobreza, a violência e todos os problemas sociais (desemprego, preconceito, abusos e miséria) enfrentados por Estamira teriam produzido nela, uma conduta de revolta agressiva contra o homem, contra o mundo. E também, em outras palavras, Estamira perdera a mansidão e por isso incomodava. E, como esclarece Nietzsche: “Tudo que assusta é identificado como mal.” (NIETZSCHE, 2006, p. 94).

De modo a se proteger dessa *violência*, a sociedade então legitima rótulos. Institucionaliza diagnósticos com base na infalibilidade dos procedimentos científicos (FOUCAULT, 1972, p. 114). O médico, por trás de seu estetoscópio, é capaz de ouvir e dizer a verdade sobre uma pessoa. Ele tem o poder de emitir vereditos inquestionáveis, já que baseados nos supostamente firmes alicerces da razão científica. No caso de Estamira estava não somente criado, mas, sobretudo aceito, um rótulo para quem escapava do padrão comportamental correto: era louca.

As questões que o documentário trazia, remetiam a *Simão Bacamarte*, a Nietzsche e a moral. Pois no conto o médico buscava a loucura nas pessoas a partir de um padrão e de uma sentença dadas por ele. Para tanto, ficava na espreita; disposto a catalogar novas formas de patologias, entretanto sem jamais descuidar das velhas, já conhecidas e identificadas pela razão científica. Aqui a reflexão com os estudantes girou em torno de pensar quem são essas pessoas legitimadas pela própria sociedade a ponto de definirem o certo e o errado. Pois dessa forma padrões comportamentais e valores morais eram determinados. E como esses padrões não eram passados sobre um exame crítico acerca do valor desses valores, erguiam-se como absolutos, eternos e independentes de interesses humanos.

Com efeito, tendo selecionado como caminho a genealogia, o professor buscava a todo instante chamar a atenção para aquilo que parecia trivial dentro do processo de estabelecimento de um valor. Ao que se buscava legitimar como sagrado

e por isso não incitava o questionamento, pois deveria ser aceito. Esse tipo de resignação, que mais parecia uma máxima, surgia em todas as discussões. Com intuito semelhante também apareciam opiniões que declaravam: Deve-se agir através da razão e não por instintos, mesmo que assim se abra mão de algum desejo. É o que se reproduz enquanto valor no dia a dia, é a orientação dada por professores, médicos, policiais e autoridades religiosas. Não é certo agir por instinto. Agir sob essa orientação significa sempre incutir em erros, culpa e arrependimento. A luz da razão é o caminho para a justiça absoluta.

Simão Bacamarte se questiona sobre a loucura. Podem ou não ser todos loucos? E chega a conclusão que quase todos têm algum defeito, distúrbio, mania. Enfim, passa a se questionar se a loucura seria exatamente não apresentar defeito algum, alguma fraqueza, ou, em outros termos, algo que garantisse ao sujeito sua humanidade. A busca cega por uma perfeição fria – e talvez desumana – não seria ela mesma sintoma de insanidade? *Simão Bacamarte* se propõe a reorganizar loucos e são. Mas ficava, nos espaços da escola, onde os debates se desenrolavam, a seguinte pergunta: *Simão Bacamarte* era um reformulador da moral? E assim caminhava em sentido contrário ao de uma transvaloração, como deseja Zaratustra?

Nessa altura das atividades, a personagem Estamira não era taxada pelos estudantes como louca com espontaneidade como acontecia nas primeiras conversas após a exibição do filme. Entretanto eles também apresentavam dificuldades em defendê-la como uma pessoa sã. O mesmo se dava com *Simão Bacamarte*. Em todo caso, o que ganhava tons valiosos era o fato dos estudantes estarem com as linhas pessoais que separavam loucos e sãos, certo e errado, sendo um tanto quanto revisadas. O tempo investido antes de exporem seus argumentos era sinal de que refletiam mais sobre aquelas questões. As dificuldades de taxarem com certeza prévia que esse ou aquele comportamento – a partir do conto, por exemplo – era sintoma do certo ou do errado, do louco ou do são significava que questionavam as pretensões absolutistas dos valores morais erguidos pelos homens.

Embora com dificuldades - encontros semanais e com curta duração -, principalmente para os estudantes que apresentavam forte ligação religiosa, os valores morais começavam a ser questionados acerca de seu absolutismo. Pois, atrás desses valores havia um valor. Havia um interesse humano.

Nesse processo de buscar um personagem de literatura filosoficamente provocativo para um trabalho de reflexão sobre a concepção crítica nietzschiana ao valor dos valores morais, duas turmas de 3º ano também realizaram atividades escritas denominadas relatório avaliativo[9]. Nele responderam, de forma discursiva, questões que envolviam desde se algo lhes havia incomodado nas atividades até se achavam que associar um personagem de literatura às ideias de um filósofo os havia ajudado a compreender questões específicas dentro da filosofia de Nietzsche.

Já a última atividade realizada aconteceu dentro da sala de aula. Assim dois estudantes voluntários foram retirados desse espaço e ficaram no corredor até que fossem chamados. Enquanto isso aqueles que permaneceram dentro da sala tinham a função de adotar uma postura considerada louca, errada, sem sentido. E dentre esses outros, dois foram escolhidos, também voluntariamente, para serem – o que se denominou em comum acordo - os *loucos verdadeiros* na atividade. Dessa forma, dentre aqueles que permaneceram na sala apenas dois eram *loucos verdadeiros*, enquanto todos os outros estavam apenas fingindo serem. O professor, por sua vez, sabia quem eram os dois *loucos verdadeiros*. Todavia os dois estudantes que permaneciam no corredor, a espera de voltarem para a sala, sabiam que teriam de distinguir entre a turma, os dois *loucos verdadeiros* daqueles que apenas fingiam loucura.

Nesse processo o professor era ao único que transitava entre os dois ambientes e observava o comportamento dos dois lados: os dois estudantes do corredor, que figuravam como *médicos alienistas*, e o ambiente da sala de aula transformada momentaneamente em algo completamente diferente do restante da escola, uma vez que fora da ordem estabelecida como correta.

Outra questão que deve ser esclarecida é que a atividade foi realizada com duas turmas distintas em horários diferentes e dentro de suas respectivas salas de aula. Na turma 3005 o ambiente era desenfreado. Os estudantes assumiam posturas que chegavam a desconcertar o professor, que neste instante pensava se tal e qual modo estariam extrapolando os limites. E que limites seriam esses senão os dos valores morais do próprio professor? Em contrapartida a turma 3006 apresentava um comportamento um tanto quanto apático, com exceção de cinco estudantes. Os outros trinta permaneciam sentados de forma comportada e, como disse uma estudante que havia assumido um comportamento diferente: A turma continuou normal.

[9] APÊNDICE B. p. 115.

Mas isso não aconteceu por motivo desta atividade. Esta turma, desde o início do período de trabalho pareceu pouco interessada na proposta. Entretanto não atrapalhava o professor, que, ao contrário buscava estimulá-los a reagirem frente às provocações. Curiosamente, ou baseado em uma avaliação de caráter moral, a 3006 era considerada, dentro da escola, uma turma melhor que a 3005. Pois conversavam pouco, não retrucavam e não incomodavam o professor durante suas aulas.

Já passado algum tempo, os estudantes que estavam no corredor entraram nas salas. Na primeira turma (3005), estudantes andavam na garupa de colegas, gritavam como vendedores ambulantes, deitavam no chão, balançavam o corpo de forma caricata, vestiam o uniforme pelo avesso, assumiam postura agressiva, atos e frases repetitivas eram comuns, ficavam em pé em mesas e cadeiras, se penduravam nas grades das janelas e se auto declaravam Napoleões, reis e presidentes. No entanto, em meio a todo esse mar de representações apenas dois estudantes desta turma, não alteraram seu comportamento. De modo que permaneceram sentados em suas cadeiras tal como faziam todas as manhãs. Resolveram, por livre e espontânea vontade, não abandonar seu comportamento rotineiro. Estavam lá, em meio aos outros colegas, e sem uma observação lenta, por parte de quem entrasse na sala, eles não seriam percebidos, tamanha a algazarra que se apoderara daquele espaço.

Ocorreu então que os dois estudantes que estavam no corredor entraram e inicialmente se assustaram com a farra. Imediatamente foram para frente da sala e encostados no quadro, ao lado da mesa do professor, ficaram cochichando a fim de descobrirem quem eram os dois *loucos verdadeiros*. E não foi com rapidez que chegaram a uma conclusão, bem como também não deixaram de sentir dúvidas sobre a aposta. Andaram pela sala, observaram uma e outra vez, e por uma manhã se pareceram com o próprio *Simão Bacamarte* circulando pela *Casa Verde*.

Quando chegaram até o professor e anunciaram saber quem eram os dois *loucos verdadeiros* houve dificuldade para fazer com que os estudantes recuperassem a calma, deixando de lado a euforia de um comportamento que os parecia alegrar; que os proporcionavam extravasar uma energia contida, porém pronta a entrar em erupção. Porque a escola, segundo o que eles viriam a relatar posteriormente, representava um espaço onde a seriedade era cobrada ao ponto que sua ausência levaria a duros castigos.

Os dois estudantes julgaram então que os *loucos verdadeiros*, de acordo com o trato, eram os dois cujo comportamento destoava de todo o restante da sala. Ou seja, aqueles que preferiram não representar nenhuma ação ou comportamento atípico, eram os diferentes e por isso, julgados como anormais.

Portanto, o diferente da maioria se passava como errado. O que leva a crer que a maioria está sempre de acordo com as regras e normas estabelecidas e é também defensora dos valores gregários instituídos. E isso foi mote para uma conversa que se iniciou logo após o fim da atividade e se prolongou também na aula seguinte. Tendo como conteúdo das impressões iniciais dos estudantes o fato de se sentirem dentro do conto de Machado de Assis. A sala de aula como a *Casa Verde*, os dois estudantes que estavam no corredor como o próprio *Simão Bacamarte* e o restante da turma como os sujeitos da Itaguaí usada como cenário para a trama. Deve-se ressaltar que os *loucos verdadeiros* não eram os dois estudantes que adotaram posturas diferentes. Eram alguns dentre os que alteraram seu comportamento.

Na segunda turma (3006), o resultado fora semelhante embora o caminho que levasse a tal tenha sido diferente. Apenas cinco estudantes alteraram seu comportamento – é importante ressaltar que esses eram aqueles que mais se interessavam pela proposta de trabalho apresentada desde o início; e embora os outros não serem participativos e interessados também não atrapalhavam o desenrolar da proposta. Desse modo, quando os dois que estavam no corredor entraram na sala, ficaram procurando os dois *loucos verdadeiros* da 3006. Entretanto como a maioria da turma permanecia tal como no dia a dia, a preocupação dos dois alunos ficou restrita dentre aquelas cinco opções.

E eles procederam tal como os colegas da outra turma participante. Ficaram na frente da sala, foram até os estudantes que apresentavam um comportamento alterado perante o normal, contudo foram mais rápidos no que diz respeito ao diagnóstico. Erraram ao escolher o *louco verdadeiro*, que neste caso era um dos cinco estudantes de comportamento alterado, mas também procederam por diferença, ou seja, o louco era o diferente. Era quem fugia do padrão normal e geral da maioria dos sujeitos.

De maneira semelhante ao que havia acontecido na primeira turma, aqui os cinco que mudaram seu comportamento ficaram sob suspeita daqueles que faziam a vez do médico. E foi dentre eles que se escolheu os dois *loucos verdadeiros.*

A partir desta última atividade a questão que norteou nossos debates era saber quem, entre os diferentes, seriam – e em nossa sociedade eram – considerados loucos. *Simão Bacamarte* primeiramente considerou louco o diferente que apresentava, de acordo com sua visão racional e científica do século XIX, desvios de comportamento, manias estranhas, alucinações quanto à personalidade. Havia, portanto, um padrão moral estabelecido e legitimado pela sociedade brasileira do século XIX. Mas, a um momento da narrativa machadiana, o personagem se questiona se os diferentes que devem ser considerados loucos não deveriam ser outros. Ora quem faz tudo sempre com frieza, com justeza, com razão. Aqueles que assim passam por uma figura infalível, incorrigível. Aqueles que jamais extrapolam limites e tem sempre seus desejos refreados por um comportamento que deve ser seguido.

Afinal, quem considera esse e não aquele como errado? Tal é o que se passa com a educação: quem determina qual é a melhor e a pior turma o faz com base em que valores? E como eles são legitimados dentro do tempo em que creem reinar?

III. 4 – Produção de material didático, Filosofia e Ensino

Agora interessa destacar o personagem *Simão Bacamarte* como ponto provocativo capaz de instigar estudantes do ensino médio a participarem de uma reflexão filosófica acerca da crítica ao valor dos valores morais empreendida por Nietzsche.

Por isso, o intuito de explicar como o trabalho do personagem dependia de uma régua, que aqui se identifica como moral. Ora todos os sujeitos que, na opinião dele, apresentavam qualquer desvio de comportamento, passavam imediatamente para o outro lado dessa régua. E, consequentemente, era taxado de doente mental, ganhando espaço na *Casa Verde*. Isso leva a afirmar que é possível explanar a crítica aos valores morais realizada por Nietzsche através do personagem *Simão Bacamarte*. O que deve ser feito a partir da afirmação de que sem esse parâmetro moral absoluto, essencial, metafísico, o médico não encheria o hospício. Deve-se, portanto, associar o que Nietzsche entende e critica como moral ao que *Simão Bacamarte* usa como instrumento para definir quem é ou não louco: neste caso, a ciência do século XIX representa esse instrumento.

A partir disso, uma questão ganha espaço quanto à produção de material didático envolvendo temas de filosofia. Abrangendo, logo, uma ligação entre a filosofia e o ensino. É que tanto a pergunta central desta dissertação (será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos?), quanto a argumentação desenvolvida em torno dela, remetem a uma reflexão sobre filosofia, ensino e material didático.

Explanar a crítica aos valores morais feita por Nietzsche a partir de um personagem de literatura significa provocar o estudante para a reflexão filosófica através da literatura. Significa, portanto, mostrar que a reflexão filosófica também é praticada na arte, neste caso, literária. E que, de tal modo, essa arte é uma boa provocação para trazer até a sala de aula o conteúdo filosófico de uma forma menos acadêmica e mais próxima da realidade de uma escola estadual. Além disso, há o estímulo para que temas de filosofia sejam trabalhados através de outros fazeres artísticos. Pois essa junção é tanto possível quanto frutífera, ao menos no que diz respeito às reflexões que suscita em uma relação envolvendo Filosofia e Ensino.

Sendo assim, afirma-se que esta reflexão também se aproxima com o fazer e o pensar um produto didático. O que ocorre na medida em que se preocupa em encontrar e produzir algo que provoque a reflexão filosófica. Além disso, responder a pergunta central deste ensaio (Será que *Simão Bacamarte* - e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos?) é também argumentar

em prol da necessidade de se pensar a produção de Material Didático para o ensino de filosofia.

Neste caso, especificamente, um blog foi criado a fim de divulgar personagens de literatura. Associando-os a problemas, questões e paradigmas filosóficos. A ideia é que o blog se transforme em um catálogo virtual - e impresso também - podendo ser acessado por professores e estudantes com abertura para uma participação ativa dentro da construção de seu conteúdo, estando, dessa forma, convidados a sugerirem personagens, temas e ligações entre eles. O que daria ao catálogo uma vida pulsante, porque em constante produção, discussão e embate de ideias e interpretações.

No entanto, esse catálogo teve como ponto de partida para sua construção, os levantamentos teóricos e as atividades, bem como seus resultados, envolvendo Nietzsche e Machado de Assis. De modo que a pergunta: Será que *Simão Bacamarte* – e outros -, enquanto personagens de literatura, são filosoficamente provocativos? Recai sobre um personagem desse catálogo. E a resposta sobre o personagem ser ou não ser provocativo, foi obtida com o desenvolvimento desta pesquisa. Foi necessário escolher um personagem e a partir dele e das experiências empreendidas, começar a produção do catálogo que se oferece como material didático.

Nesse sentido, responder se personagens de literatura, de forma geral, são ou não provocativos, não encontraria espaço nesta pesquisa, uma vez que necessitaria de experiências que envolvessem outros personagens e filósofos. Portanto, é por isso que o catálogo, apresentado como Material Didático é uma ferramenta em construção, porque outros personagens serão ainda experimentados em sala de aula, com estudantes do ensino médio, bem como sua associação com outros pensadores ainda oferecer motivo para outros estudos teóricos.

E no caso da associação entre *Simão Bacamarte* e a crítica ao valor dos valores morais feita por Nietzsche, a argumentação ainda não está completa, afinal, a certa altura do conto, ocorre que a *Casa Verde* está mais uma vez superlotada. Mas dessa vez a empresa não incide em ampliar novamente as instalações.

Na cidade a população se preocupa. Pois, ao que parece, a régua moral do médico parece ter perdido sua retidão. São trancafiadas pessoas até mesmo sem qualquer traço de anormalidade. Sujeitos dos quais jamais alguém sequer houvesse antes desconfiado. Chega-se ao ponto do médico internar a própria mulher. Tendo como motivo de demência o fato dela ficar em dúvida sobre qual colar usar em uma festa. Além de ter acordado para experimentá-los frente ao espelho, pelas altas horas

da noite, nada mais há que evidencie a loucura. Mesmo assim, o Alienista classifica como “mania sumptuária” o sintoma doentio (M. de ASSIS, 2008, p. 40).

Internar a própria mulher escandaliza a situação em Itaguaí e funciona como uma gota d’água. A régua moral de *Simão Bacamarte* não tem limites. Não se compadece com ninguém, porque seu trabalho não é um ato de caridade. Faz as internações em prol da ciência, sua grande inclinação. Mesmo que sob o subterfúgio de que assim procedendo proporciona bem inestimável a humanidade.

Portanto, defende-se que a maneira pela qual se deve explanar a crítica a moralidade empreendida por Nietzsche, através do personagem *Simão Bacamarte*, deve levar em consideração o fato de o médico ter em mãos uma régua para medir e separar loucos e lúcidos. E essa régua é um critério absoluto para exercer a moralidade perante aqueles que se curvam a sua sabedoria científica ao seu título de doutor conquistado em terras de além mar.

Ocorre, no entanto, que *Simão Bacamarte* apresenta severas mudanças em seus diagnósticos e conclusões científicas. Inquieta lhe o fato da *Casa Verde* já ter sido superlotada e agora apresentar-se quase vazia. É que depois de tanta insônia dedicada à prática solitária e silenciosa do saber racional da ciência, o médico toma uma atitude drástica.

Se antes seu impulso seguia na direção de buscar problemas em todos que apresentassem o mínimo desvio de comportamento agora anda na contra mão desse padrão. Antes a avareza, a vaidade, a cobiça, a displicência, a gula eram considerados anormais. Mas agora *Simão Bacamarte*, como que na carpintaria das suas ideias, forja com lima e formão uma nova e diferente régua moral. Nela os valores sofrem uma espécie de inversão. Visto o quão diferentes e opostos se apresentam com relação aos antigos. Agora o médico avalia como insano todo tipo que não apresente um defeito sequer.

Nesse sentido, se antes a retidão e a correção abrigava valores como o certo, o verdadeiro e o bom, uma vez que representava o sociável e não perturbava a ordem pública estabelecida pelas autoridades, agora, porém eram vistos como a garantia da loucura. Talvez porque *Simão Bacamarte* enxergasse nesses sentimentos reprimidos a tanto custo uma espécie de autoflagelo. Ou porque percebesse neles a doença que Nietzsche chamou de ressentimento? Talvez até porque apresentar algum desvio, alguma vontade avassaladora, um desejo irreprimível, fosse natural no ser humano?

Aqui o personagem machadiano parece se aproximar da crítica a moral feita por Nietzsche. Ele, mesmo friamente em prol da ciência médica a qual dedica sua

vida, faz uma inversão quanto ao modo de avaliar um sujeito. Claro que continua não somente procurando, como também encontrando a loucura na diferença. O louco, em qualquer que seja a instância, continua sendo o diferente dos padrões, dos valores que a moral vigente, estabelece como certa (CASTANHEIRA, 1994, p. 54).

Começam, assim a preencher a categoria da loucura, aqueles que são despossuídos de qualquer desvio moral. Toda pessoa de caráter irreparável. Exemplos notórios para a sociedade. Alvos de todos os elogios e honrarias passam a ser pacientes para a *Casa Verde*, todavia em prol da ciência médica, do hipotético benefício da humanidade que carece desse favor salvador.

Embora *Simão Bacamarte* faça essa mudança, no que diz respeito a um novo padrão a fim de calcular e medir a sanidade e a insanidade, não se pode emparelhar essa atitude à necessidade expressa por Nietzsche de que o homem precisa ser superado (NIETZSCHE, 2011, p. 14). Pois a ação do personagem não segue em direção a uma transvaloração de todos os valores, como proclamada por Nietzsche. Em todo caso, como se vem defendendo, o exemplo oferecido pela narrativa dá possibilidade de discutir a crítica a moral feita por Nietzsche. Neste caso, uma possibilidade acompanhada do exemplo literário, que mesmo fictício, não demonstra prejuízos à reflexão.

Nietzsche criticou a moral cristã e as posturas em busca da verdade empreendidas por Sócrates e Platão. Essa moral, esse modelo que, segundo ele, servem para reprimir no homem suas vontades; para fazê-lo negar-se a si mesmo e a vida. Para cria-lo como elemento de rebanho, dotado de piedade, compaixão e servilismo. É esse homem que Nietzsche deseja que seja superado. Esse homem correto e obediente, sempre a espera do que lhe oferecerá o além da vida: “O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra.” (NIETZSCHE, 2011, p. 14).

Não há, portanto o que esperar. Sequer deve-se acreditar nas promessas feitas pelos homens que criaram e carregam o estandarte de uma moral cujo intuito é o controle e a manutenção do rebanho. Nesse sentido, ligar-se a terra, significa não esperar pelas glórias de uma vida após a morte. Nas promessas de um ideal metafísico, inventado por homens enfraquecidos.

Nietzsche criticou a moral enquanto amarra; enquanto cabresto. E gritou por uma superação desses valores. Ao atribuir ao sujeito que sempre andou de acordo com a retidão da lei moral, a loucura, o personagem sugere que essas pessoas agora estão do lado errado.

Em todo caso, não se defende aqui a hipótese de que a inversão ou a recriação da régua moral de *Simão Bacamarte*, signifique literalmente o que Nietzsche entendia como transvaloração de todos os valores morais. *Simão Bacamarte* é um moralista. No entanto sua ação, sua nova forma de avaliar loucos e sãos, põe o leitor em dúvida. O personagem machadiano promove uma mudança, mas continua taxando moralmente os indivíduos.

Nessa toada, quem é encontrado como o sujeito que mais apresenta os sintomas de um comportamento merecedor de estadia na *Casa Verde* é o próprio médico. Pois ele é quem vê em si mesmo a loucura, ele que é o cidadão mais honesto, mais honroso e virtuoso da cidade. Incapaz de qualquer desvio; insuspeito da mais banal das atitudes (ASSIS, 2008, p. 49). *Simão Bacamarte* é, de todos os sujeitos, o maior defensor e seguidor dos valores morais estabelecidos. Por isso não deve ficar fora dos muros da *Casa Verde*.

É importante ressaltar que o fato da questão inicial norteadora dessa Dissertação gerar outras dúvidas não respondidas, não constrói, em razão disso, um problema. Pelo contrário, ao apresentar novos assuntos estimula novas reflexões. E até mesmo abre um leque de possibilidades quando o intuito é pensar a filosofia crítica de Nietzsche, direcionada contra a moralidade, através de *Simão Bacamarte*. O fato de outras portas se abrirem na direção dessa associação, como contribuição para a meditação, corrobora a ideia de que o filósofo alemão e o escritor brasileiro devam ser aproximados.

Julga-se, assim, que *Simão Bacamarte* deva ser apresentado sempre com o enfoque na régua usada por ele a fim de separar e definir os tipos. Ora uma classificação arbitrária, que como a moral, define o verdadeiro e o falso a partir de um ideal.

O uso de tal régua, por sua vez, significa a utilização de um procedimento moral. Pensando dessa maneira as ideias de Nietzsche, a todo instante, cabem dentro do conto *O Alienista*. Basta, para tanto, observar cada diagnóstico, cada classificação, cada procedimento e anotação empreendida pelo médico. Suas atitudes se dão sempre baseadas em valores morais escolhidos por uma tradição ocidental. E são justamente esses valores e essa tradição, o alvo da crítica nietzschiana.

A partir disso, e das interpretações de valores feitas pelo personagem machadiano, cabe submeter à crítica feita por Nietzsche cada uma das tábuas de valores morais escritas e reescritas por *Simão Bacamarte*. Desse modo, utiliza-se o personagem, e explana-se a crítica filosófica nietzschiana através do uso que ele faz

de uma espécie de régua moral. Criando-se assim uma relação não somente de provocação, mas, além disso, de complementação e reflexão.

Consideração final

Utilizando o método genealógico, foram considerados os mais variados aspectos que a pesquisa pudesse demonstrar e que o pesquisador tivesse a perspicácia de captar no momento presente ou mesmo através de reflexão posterior. De modo que, em todas as referências bibliográficas expostas, a atenção recaía, linha a linha, também ao que pudesse parecer menos importante. Da mesma maneira, nas atividades práticas com os estudantes, interessou e foi alvo de reflexão tanto a aceitação frente a um conceito, um personagem ou uma crítica, quanto os momentos em que resistiram e negaram uma discussão apresentando preconceitos de cunho religioso, ético e cultural frente aos questionamentos pertinentes a proposta de trabalho.

À apresentação da crítica de Nietzsche se levantava uma resistência, que quando era representada pelo silêncio se fazia eficiente no que diz respeito aos estudantes negarem a aula, a discussão e o professor. Como alternativa contra o silêncio que os afastava da participação na discussão, buscou-se no personagem *Simão Bacamarte* o elo provocativo para as aulas de filosofia.

Tendo assim um método (genealógico), um conceito (moral), um filósofo (Nietzsche) e um personagem (*Simão Bacamarte*) através do qual o arcabouço teórico se aproximasse de forma mais provocativa dos estudantes, deu-se a experiência com duas turmas de 3º ano do Colégio Estadual Pedro Braile Neto – gerida pela SEEDUC-RJ, no município de Resende, região sul fluminense do estado do Rio de Janeiro.

Com esses resultados a pesquisa conclui-se afirmando que através dos personagens, neste caso, *Simão Bacamarte* de Machado de Assis, o professor de filosofia consegue explanar a crítica ao valor dos valores morais empreendida por Nietzsche. Ou seja, através de personagens de literatura os estudantes são provocados a participarem de uma determinada reflexão filosófica.

Contudo esse resultado sofre a interferência de fatores que não podem ser controlados pelo professor pesquisador. Cada turma apresenta um comportamento singular - e assim também acontece com cada estudante -, o que interfere no resultado do trabalho envolvendo um personagem de literatura e um conceito filosófico.

Entretanto, o projeto e seu produto didático, tampouco devem ser, por isso, desconsiderados. Uma vez que quanto mais ampla e rica forem as possibilidades de trabalho para o professor de filosofia atuante no ensino médio, melhor.

Ter um catálogo com uma lista de personagens sugestivamente associados a temas e conceitos filosóficos, significa que com algumas turmas o professor terá um

recurso para trabalhar. Mas, como bem demonstrou os resultados práticos com as duas turmas em questão nesta pesquisa, não irá funcionar de forma incondicional em todas elas como verdade inquestionável. Afinal, as turmas, os personagens e os comportamentos são todos deste mundo e por isso estão sujeitos a alterações humanas, demasiadamente humanas.

Deve-se levar em consideração serem as duas turmas diferentes dentro da classificação feita pelos professores. A 3005, não era considerada boa porque barulhenta, dispersa, inquieta e questionadora. Por outro lado, a 3006 era considerada melhor: quieta e mansa. Diferente da primeira, sempre disposta a questionar.

Na turma 3005, levar o personagem *Simão Bacamarte* e através dele explanar a crítica nietzschiana ao valor dos valores morais apresentou resultado satisfatório. Pois os estudantes participavam das discussões propostas fazendo considerações sobre o personagem e sua maneira de julgar quem era ou não louco. Entendendo que desse modo, ele mexia com valores morais que estavam longe de representar algo de sagrado e que, por isso, devesse ser perpetuado. Nesse ambiente, coisas como regras da escola foram questionadas. Afinal, alguém estava por trás delas. No entanto, esse não era o comportamento de todos os estudantes. Diga-se de passagem, que aqueles com forte ligação religiosa se mantinham estrangeiros as discussões e questionamentos.

Já na turma 3006, os mesmos procedimentos foram utilizados, inclusive nos mesmos dias da semana. Todavia o resultado se mostrou diferente. Um grupo de cinco alunos participava das discussões e se mostrava interessado. Porém, o restante da turma, de trinta alunos, não demonstrava interesse pelas atividades propostas.

No entanto, nesta turma, um fato surpreendeu. Um estudante que se destacava nas disciplinas de ciências exatas, no início das atividades se mostrou desinteressado e longe da discussão. No entanto, com o desenrolar das aulas foi se sentindo atraído, de modo que ao fim do ano era um dos mais participativos. A partir do que se poderia afirmar que esse fora o comportamento mais alterado, individualmente, entre os membros das duas turmas.

Por fim, este trabalho oferece um catálogo de personagens como um canal aberto para perguntas, questionamentos, reflexões e respostas por parte de professores e estudantes. Pois personagens de literatura são filosoficamente provocativos.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2° Edição revista. Obras completas de Aristóteles. Coordenação: Antônio Pedro Mesquita. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ASSIS, J. M. Machado. **O Alienista**. Rio de Janeiro. Ed. Rovelle, 2008.

AURÉLIO, Ferreira. **Miniaurélio: o Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. Positivo. 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1994.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Tradução: Desidério Murcho, et al. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. 1997.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo. Ed. Ática, 1985.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia: Ensinar e Aprender**. São Paulo. Ed. Livraria Saraiva. 2012.

CANDIDO, Antônio. **A Personagem de Ficção**. Ed. Perspectiva, 1968.

CASTANHEIRA, Maurício. **A Representação Social da Loucura**. Rio de Janeiro. Ed. Grafite, 1994.

CERLETTI, Alejandro. **O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico**. Tradução: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2009

CHAUÍ. Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo. Ed. Àtica, 1997.

DELEUZE, Guilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução: Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro. Ed. Rio, 1976.

DIAS, Rosa. **Nietzsche e Foucault: A Vida como Obra de Arte**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfC-QAF/dias-rosa-maria-nietzsche-foucault-a-vida-como-obra-arte>. Acesso em 06-03-2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 2014.

_____. **História da loucura**. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1972.

_____. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições. Graal, 1988.

GIACOIA, Oswaldo. **Filosofia da cultura e escrita da história: Notas sobre as relações entre os projetos de uma genealogia da cultura em Foucault e Nietzsche.** São Paulo, 2015.

_____. **Nietzsche**. São Paulo. Ed. Publifolha, 2009.

_____. **Nietzsche X Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever**. Rio de janeiro. Ed. Casa da Palavra, 2012.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX.** Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo, Ed. Companhia das letras, 1995.

_____. **A Era dos Impérios**. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2011.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1975.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: Dos Pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar Editor, 2010.

_____. **Textos Básicos de Filosofia: Dos Pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar Editor, 2007.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: A Transvaloração dos Valores**. 4ª ed. São Paulo. Ed. Moderna, 1993.

MOON, Fábio; BA, Gabriel. **Grandes Clássicos em Graphic Novel: O Alienista de Machado de Assis**. Rio de Janeiro. Ed. Agir, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução: Paulo César Pinheiro. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2011.

_____. **A Genealogia da Moral**. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo. Ed. Escala, 2007.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução: Jaqueline Valpassos. São Paulo. Ed. DPL, 2009.

_____. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2007.

_____. **Nietzsche Contra Wagner**. 2005. Disponível em: http://minhateca.com.br/mauricio.panachuk.de.souza/Documentos/NIETZSCHE*2c+Friedrich+-+Nietzsche+contra+Wagner,158707159.pdf,

_____. **Aurora**. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo. Ed. Escala, 2013.

_____. **Além do Bem e do Mal**. Tradução: Lilian Salles Kump. São Paulo. Ed. Centauro. 2006.

OLIVEIRA, Luis. **Memória e Esquecimento sob a Ótica do Solitário na Filosofia de Nietzsche**. In.: **Filosofia e saúde.** (Org.) Cunha, Maria Helena; BARRENECHEA, Miguel; OLIVEIRA, Luís. Rio de Janeiro. Ed. 7Letras, 2013.

ONNFREY, Michel. **Nietzsche em HQ**. São Paulo. Ed. Nova Fronteira, 2014.

PROENÇA, Manoel. **Biografia de Machado de Assis.** Em: Contos Consagrados: Coleção Prestígio. Rio de Janeiro. Ediouro, 1999.

ROCHA, Silvia. **O Relativismo como Niilismo, ou os *sem teto* da Metafísica.** Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2008 – Vol.1 – nº2 – p.161-169.

_____. **O Homem sem Qualidades: Modernidade, Consumo e Identidade Cultural**. Revista Contemporânea – 2º semestre de 2004 – Vol. 1 – nº3 – p. 136-144.

_____. **Os Abismos da Suspeita: Nietzsche e o Perspectivismo.** Revista O que nos faz pensar – 2014 – nº 18 – p. 213-224.

SOUZA, José. **Coleção os Pensadores. Os Pré-Socráticos.** Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo. Ed. Abril Cultural, 1978.

TRILLING, Lionel. **Sinceridade e Autenticidade: Vida em Sociedade e Afirmação do eu**. Tradução: Hugo Langone. São Paulo. Ed. É Realizações.

KUJAWSKI, Gilberto. de Melo. **Duas Anotações Sobre Machado**. Revista: Dicta & Contradicta. São Paulo, 2015. Disponível em: http://www.dicta.com.br/edicoes/edicao-2/duas-anotacoes-sobre-machado/ acesso: 05/08/2015.

APÊNDICE A – Quadro de análise do personagem

Quadro de análise do personagem

Escola: **Alunos:** **Série/Turma:**	
Nome do personagem:	
Causa Formal	
Causa Material	
Causa Eficiente	
Causa Final	

APÊNDICE B - Relatório avaliativo de filosofia – 3º Bimestre

C. E. Pedro Braile Neto – Resende/RJ,

Relatório avaliativo de filosofia – 3º Bimestre

Tema das atividades desenvolvidas: A crítica nietzschiana a moral explanada pelo estetoscópio de Machado de Assis

Turma:

Alunos:

1) A partir do critério usado pelo Alienista de Machado de Assis para separar loucos e sãos podemos discutir a crítica feita por Nietzsche ao valor dos valores morais?

2) Tendo em vista as atividades desenvolvidas no bimestre:

   a) Escolha e descreva uma delas.

   b) Algo nela o incomodou?

   c) Você mudou de opinião ao longo dessa atividade? Sobre o que era?

   d) Tem alguma sugestão sobre o desenvolvimento da atividade?

3) Associar um personagem de literatura e as ideias de um filósofo o ajudou a compreender conteúdos específicos da disciplina de filosofia?